

**Ana Maria Araujo de Almeida**



**Um “mestiço irrecusável”:  
Tito Lívio de Castro e o pensamento cientificista  
no Brasil do século XIX**

**Belo Horizonte  
2008**

**Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Pós-Graduação em História**

**Ana Maria Araujo de Almeida**

**Um “mestiço irrecusável”:  
Tito Lívio de Castro e o pensamento cientificista  
no Brasil do século XIX**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História. Linha de pesquisa: História Social da Cultura.**

**Orientador: Prof. Dr. Eduardo França Paiva.**

**Belo Horizonte  
2008**



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Pós-Graduação em História

PÓSGRADUAÇÃO  
históriaufmg

---

**Ana Maria Araujo de Almeida**

**Um “mestiço irrecusável”:  
Tito Lívio de Castro e o pensamento cientificista no Brasil do século XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História. Linha de pesquisa: História Social da Cultura.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Eduardo França Paiva – (História/UFMG)  
Orientador**

---

**Prof. Dr. Flávio Coelho Edler – (COC/FIOCRUZ)**

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rita de Cássia Márquez (Enfermagem/UFMG)**

**Belo Horizonte, 31 de Outubro de 2008.**

À memória de meu pai,  
Francisco Patrício de Almeida,  
que me ensinou o amor por História  
e por histórias...

---

## AGRADECIMENTOS

---

*Oh, I get by with a little help from my friends / Mm, gonna try with a little help from my friends.*

*The Beatles*

Na trajetória do mestrado, contei com a ajuda de muitas pessoas e, apesar de assumir a responsabilidade pelas escolhas que resultaram no texto final, sei que esse possui contribuições diversas. Sou grata a todos que, de algum modo, me ajudaram neste mestrado, contudo, peço licença para elencar alguns.

Ao meu orientador, o professor Eduardo França Paiva, agradeço por tudo, em especial, por ter me apresentado este instigante personagem chamado Tito Lívio de Castro: sem isso nada teria sido possível.

À Capes agradeço pela bolsa recebida no primeiro ano do curso. Agradeço também ao programa de pós-graduação em História da UFMG, aos seus funcionários e seus professores. Em especial, agradeço às professoras Eliana de Freitas Dutra e Regina Horta Duarte pela leitura atenta e pelas sugestões e indicações na banca de qualificação.

Aos meus “velhos amigos”, Caren, Valéria, Alessandra e William, peço desculpas pelas ausências e agradeço os momentos de descontração. Aos novos amigos do Museu da República, agradeço pela torcida. À Rozely Vigas, amiga nova, obrigada pelo apoio no final da pesquisa e pelas conversas virtuais. Agradeço à Sra. Raymunda Martins Fontes e ao Sr. Rogério Malta pela gentileza e atenção. Aos amigos da graduação, Breno Miranda, João Ítalo Oliveira e Guilherme Paoliello, agradeço pelo carinho de sempre. Renato Franco, amigo querido, agradeço pelos incentivos. À Cíntia Gilberto e à Sônia Estevão agradeço pela doçura, pela serenidade e pela palavra amiga sempre.

Aos amigos da pós-graduação Marilécia Santos, Miriam Hermeto e Samuel Oliveira, agradeço pela companhia, pelas sugestões e atenção constante. Gabriela Dias e Luana Campos foram minhas companheiras inseparáveis, dividindo as angústias e as alegrias deste mestrado. Não sei o que teria sido de mim sem vocês. Muito obrigada!

À Sílvia Pinho, deixo um agradecimento especial pela amizade, pelas leituras e sugestões, pelos conselhos, pela hospitalidade e generosidade, por acreditar e incentivar, confiando mais em mim do que eu mesma.

Agradeço aos meus familiares pelo apoio incondicional. Tia Helena, Tio Alvimar, Tia Cota, Cibele, Dayse, Gustavo e os meus cunhados Eduardo, Enéas, Flausina e Evelyne: obrigada pela torcida.

Meus irmãos, Francisco (Juninho), Luciano, Rita de Cássia, Rodrigo e Lúcia, vivenciaram comigo cada passo deste mestrado. Estiveram sempre presentes, dando apoio à irmã caçulinha. Amo muito vocês! Meu sobrinho e afilhado, Raul, com seus dois aninhos, ainda nem sabe, mas ajudou muito me proporcionando os momentos de maior alegria.

Minha mãe, Irene, com seu imenso amor, sua dedicação, seu apoio e suas orações, me deu todo o suporte necessário para que eu pudesse me dedicar aos estudos. Para ela, deixo os meus maiores agradecimentos. Mãe, não é por acaso que seu nome significa paz.

Finalmente, agradeço a Deus por tudo.

*with a “big” help from my friends...*

*Quem quer que se arrogue a função de dizer coisas experimentará logo a reação. Conhecerá os olhares de constrangimento, os sussurros significativos, os risinhos de mofa, os silêncios reticenciosos, por vezes as reações desabridas, os castigos exemplares e as advertências caridosas. Verá relações esfriarem, sentirá a boicotagem silenciosa ou pública, viverá sempre à margem. Leiam-se, por exemplo, os ensaios de Tito Lívio de Castro, um desses marginais que tiveram a ousadia de "falar". Crítica, só toleramos sob a forma da piada e da anedota. A análise séria, causticante, mesmo com pretensão construtiva, essa jamais encontrará senão resistência e azedume. E quem se der ao seu uso não evitará a sorte dos réprobos, dos párias, será tido como insociável, merece o destino dos encarcerados ou enclausurados, pois a tanto equivale a segregação que experimentam. No mínimo, será um solitário. Ao livre-atirador corresponde sempre um isolado. Nenhuma batata lhe caberá no acerto final, porquanto nenhuma vitória vencerá. É um contra. Um desmancha-prazeres. Não ecoa as louvações aos deuses da hora, também não lhe recebe as benesses. Restar-lhe-á quando muito a satisfação da consciência e da inteligência. E certo respeito.*

COUTINHO, Afrânio. *Correntes cruzadas: questões de literatura*. Rio de Janeiro: A Noite, 1953.

## RESUMO

---

A presente dissertação é um estudo sobre a trajetória de Tito Lívio de Castro (1864-1890), tendo por base a análise de sua obra, produzida no Brasil nas últimas décadas do século XIX. Fortemente influenciada pelas teorias evolucionistas em voga à época, a obra de Castro é representativa do momento político, científico e cultural que as últimas décadas do século XIX brasileiro presenciaram. Castro produziu diversos ensaios sobre a realidade brasileira, sendo recorrentes, em seus escritos, questões como raça, mestiçagem, literatura e educação. Além disso, realizou uma leitura muito particular sobre a mulher e o seu papel biológico e social no desenvolvimento da nação brasileira. Ele defendeu o acesso feminino à educação, ao mesmo tempo em que realizou um significativo relato sobre a situação educacional no Brasil. Procuraremos correlacionar a vida e a obra deste autor, no intuito de compreendermos o ambiente em que suas idéias vieram à tona, assim como os discursos aí contidos e os significados que buscavam imprimir.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasil (século XIX), Tito Lívio de Castro, ciência, mestiçagem



## **ABSTRACT**

---

*The present dissertation is a study about Tito Lívio de Castro's trajectory (from 1864 to 1890) based on the analysis of his work produced in Brazil in the last decades of the 19th Century. Strongly influenced by the evolutionist theories that were popular at this time, Castro's work represents the political, scientific and cultural moment that the last Brazilian decades witnessed in the 19th Century. Castro produced several essays on Brazilian reality, mentioning a lot in his writings some matters like race, crossing of races, literature and education. Besides, he accomplished a very specific study about women and her biological and social role in the development of the Brazilian nation. He defended the female access to education and at the same time he accomplished a significant report on the educational situation in Brazil. We will seek to correlate the author's life and work in order to understand the environment in what his ideas came up, as well as the speeches included there and the meanings that they ought to express.*

**KEY-WORDS:** *Brazil (19th Century), Tito Lívio de Castro, science, crossing of races*

## SUMÁRIO

---

Introdução .....	04
Capítulo I – Um “mestiço irrecusável” .....	16
1.1– A geração de 1870 .....	17
1.2– “O brado de alarma” da “Escola do Recife” .....	23
1.3– Trajetória de um “desditoso autor” .....	26
1.4– A “moléstia da cor” .....	48
1.5 – Uma “fulgurante plebe intelectual” mestiça .....	57
Capítulo II – Educar para evoluir .....	66
2.1 – “A mulher e a sociogenia” .....	67
2.2 – Analisando e quantificando mulheres .....	75
2.3 – Educação e evolução .....	81
2.4 – Raça e gênero .....	99
Capítulo III – “Espólio literário” .....	106
3.1 – Produção intelectual .....	107
3.2 – O médico psiquiatra .....	111
3.3 – O crítico literário .....	115
3.4 – O pensador social .....	127
3.5 – Educação e mestiçagem.....	137
3.6 – <i>Post-scriptum</i> .....	139
Conclusão .....	143
Fontes e bibliografia .....	147
Anexo I .....	163
Anexo II .....	172

# I N T R O D U Ç Ã O



## INTRODUÇÃO

---

Este trabalho tem como objetivo um estudo da vida e da obra de Tito Lívio de Castro (1864 – 1890), médico e ensaísta brasileiro que produziu uma instigante análise sobre o Brasil. Castro é um autor um tanto obscuro, pouco conhecido até mesmo no meio acadêmico. Por isso, optamos por uma abordagem que contemplasse, também, aspectos biográficos. O recorte temporal adotado abrange as últimas décadas do século XIX brasileiro, sendo o marco inicial da pesquisa o ano de 1864, data do nascimento de Castro. Nos estenderemos após a sua morte, ocorrida em 1890, visto que sua principal obra foi publicada postumamente. Destarte, trabalharemos o período que se estende entre 1864 e 1893, respectivamente as datas de seu nascimento e da publicação do livro *A mulher e a sociogenia*, considerado um dos mais importantes marcos na formação da sociologia no Brasil.<sup>1</sup> Esta delimitação, contudo, não nos impossibilitará de abordar fatos que extrapolem o período indicado, em especial, a publicação do livro *Questões e Problemas*, em 1913. Portanto, a periodização aqui definida orienta-se pela própria existência de Tito Lívio de Castro e pela publicação de suas obras.

Pretendemos refletir sobre a trajetória de Castro, tendo em vista o momento político, científico e cultural no qual ele se insere, ou seja, o fim do século XIX no Brasil, um período de grande efervescência intelectual. Mostrar a inserção de Castro neste período, bem como o modo como suas idéias são tributárias dele, e, ao mesmo tempo, também possuem suas especificidades, são alguns dos pontos a serem trabalhados nesta pesquisa.

O nome de Tito Lívio de Castro, passados quase cento e vinte anos de sua morte, é praticamente desconhecido no meio acadêmico, assim como ocorre com muitos de seus

---

<sup>1</sup> CÂNDIDO, Antônio. “A sociologia no Brasil”. *Tempo Social*. Vol.18 n.º.1 São Paulo, Junho 2006. p. 275.

contemporâneos, que engrossaram o volume da produção científica brasileira no final do século XIX. Trata-se afinal, de um período riquíssimo, de vasta produção intelectual que, entretanto, não experimentou grande alcance. Os estudiosos estavam ligados, em sua maioria, a instituições como as Faculdades de Direito e de Medicina – os principais centros formadores da elite intelectual de então. Grande parte da produção do período é formada por textos muito especializados, com linguajares técnicos ligados à determinadas áreas do conhecimento, que se tornaram, por vezes, inacessíveis a um público mais amplo. Esta mesma constatação pode ser dirigida à obra de Castro. Há nela um rigor científico, uma linguagem que toma de empréstimo termos da biologia, da craneologia, da fisiologia, entre outros ramos da ciência em voga no período, o que faz com que parte de sua leitura se torne bastante espinhosa para um leitor não familiarizado. Todavia, como foi observado por Collichio, Castro “escreve em estilo quase jornalístico, claro, conciso e fluente, apesar da terminologia científica e ‘claramente haeckeliana’”.<sup>2</sup>

Segundo Antônio Cândido, em um clássico artigo sobre a sociologia no Brasil, a “laboriosa” argumentação científica de Lívio de Castro talvez constituísse a parte menos válida para o leitor atual, restando, entretanto, as questões de ordem sociológica e educacional.<sup>3</sup> Em nosso estudo, a argumentação científica de Castro nos interessa, sobretudo, como exemplo do modo como as teorias deterministas européias foram absorvidas e resignificadas, na dupla busca por compreensão da realidade brasileira e por soluções para sanar seus problemas, no intuito de se construir uma nação “civilizada”. A ciência é o próprio espírito desta época e, nesta perspectiva, o uso de uma linguagem científica, apoiada em grandes nomes da ciência que se produzia na Europa, com longas

---

<sup>2</sup> COLLICHIO, Terezinha Alves Ferreira. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 88.

<sup>3</sup> CÂNDIDO, Antônio. “A Sociologia no Brasil”. Op. cit. p. 276.

citações, muitas delas em francês, revestia os trabalhos de autoridade e conferia-lhes legitimidade. E, ao mesmo tempo, fundamentava idéias, fornecendo modelos explicativos passíveis de serem adotados e empregados na análise dos mais diversos temas. Como nos lembra Schneider, “é trabalho de historiador compreender a obra no tempo e decifrar os códigos cuja fluência se perdeu”.<sup>4</sup> A argumentação científica de Lívio de Castro nos diz muito da produção científica brasileira do período, do modo como essa absorveu determinadas doutrinas européias, de como preteriu certos conceitos em função de outros que lhe pareciam mais atraentes e/ou mais funcionais.

Enfim, não obstante estarem em desuso, desacreditadas e superadas, as “ciências” produzidas no século XIX constituem fontes indispensáveis para se compreender os anseios e angústias de uma época e seus desdobramentos futuros. O século XIX presenciou grandes mudanças no modo de se compreender o homem e o mundo no qual ele vivia. Se o homem ainda se conservava, de certo modo, no centro de toda a criação, a partir de teorias, como o darwinismo, ele passava a se constituir em mais um organismo vivo entre tantos outros a mercê das leis da evolução. Além disso, as grandes questões que ocuparam as mentes dos “homens de ciência” no século XIX permanecem ainda hoje entre nós. O que podemos dizer, por exemplo, do projeto “genoma humano” que, festejados todos os seus benefícios (e são muitos), vez por outra se envolve em polêmicas de cunho notadamente racista?<sup>5</sup> Podemos lembrar, também, da persistência em quantificações cerebrais, agora relacionadas à soma dos neurônios, que, volta e meia, surgem tentando provar diferenças mentais entre

---

<sup>4</sup> SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Sílvio Romero: hermenêutica do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 13.

<sup>5</sup> O “Projeto genoma” é um consórcio científico entre diversos países, incluindo o Brasil, visando o mapeamento da base genética da raça humana e das doenças que a acometem. Seu objetivo último é o aperfeiçoamento genético humano, livrando o homem de doenças e outras limitações. Em relação às polêmicas racistas, um bom exemplo são as declarações de James Watson, ganhador do Prêmio Nobel, pela descoberta da estrutura do DNA. Ver: GARCIA, Rafael. “Africano é menos inteligente, diz Nobel”. In: *Folha de S. Paulo*, 18 de outubro de 2007. Disponível em meio digital: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u337682.shtml>. (Acessado em 12/08/2008)

homens e mulheres, resultando em interpretações que, muitas vezes, buscam desqualificar a mulher. Além disso, a problemática questão educacional – que dominará grande parte de nossa pesquisa – ainda está por ser solucionada no Brasil.

### **I.I. Algumas considerações**

Pouco se estudou sobre Castro, mas referências a seu nome não nos faltam. Elas se encontram espalhadas em estudos referentes à “Escola do Recife”, à psiquiatria brasileira, à sociologia, à questão de gêneros e medicina da mulher, relacionadas à luta pelo direito feminino à educação e a conquistas femininas em esferas públicas – alguns dos diversos âmbitos em que ele se envolveu. Enfim, seu nome não está de todo esquecido, mas trabalhos mais sistemáticos sobre ele ainda não foram feitos. Cabe-nos, então, nesta pesquisa, coligir as diversas informações a seu respeito e, juntamente com a análise de sua obra, buscar compreender a extensão e alcance de seus escritos, quais os diálogos que realizavam e, a partir disso, qual a esfera de atuação a que se pretendiam.

No século XIX, o campo científico ainda não era autônomo no Brasil e o que se observava era uma completa interdisciplinaridade entre diversas áreas do conhecimento.<sup>6</sup> Esta interdisciplinaridade é uma das principais características da obra de Lívio de Castro. Ao refletirmos sobre seus trabalhos somos levados a diálogos com teorias biológicas, literárias, com questões políticas, educacionais, psiquiátricas, sexistas, entre outras. Por tudo isso, a interdisciplinaridade será nossa grande parceira para se pensar a obra de Lívio de Castro. Todavia, isso será feito sem se perder de vista a instância cultural que permeia práticas e representações, aqui presentes nos discursos científicos, nas teorias racialistas,

---

<sup>6</sup> Sobre a noção de campo ver: BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

nas teorias sobre inferioridade intelectual feminina, bem como nos projetos que se tentava imprimir à nação. A problematização do nosso objeto de pesquisa se dará à luz das propostas trazidas pela História Cultural, que tem “por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.<sup>7</sup> Neste trabalho, pensaremos a prática científica no século XIX como uma prática cultural, que seja de forma consciente ou não, buscou impor valores e autoridades a partir de uma nova concepção de mundo cientificista e evolucionista.

Como homem de seu tempo, Castro acreditava que os “métodos desapaixonados” da ciência estavam acima de questões culturais e sociais e, por isso, geravam discursos incontestáveis. Ser um “homem de ciência” e contribuir para os rumos da Nação, através da formulação de teorias e projetos de desenvolvimento, também trazia prestígio, respeito e possibilidades de ascensão social. Devemos salientar que a prática científica não escapa ao contexto social no qual se insere, não é uma esfera neutra, autônoma, mas socialmente construída de acordo com contingências e interesses. Acreditamos que a prática científica no século XIX brasileiro não produziu discursos neutros, estando em seu próprio cerne a luta por reformas, marcando formas de agir e de pensar, elegendo novos caminhos, nos quais, ainda hoje, nos encontramos enveredados.

O final do século XIX foi um período de significativas mudanças no campo social, político e intelectual do Brasil, merecendo a atenção de diversos estudiosos ao longo do século XX.<sup>8</sup> Uma grande parcela dos intelectuais do período elegeram a ciência como a única alternativa capaz de explicar a realidade nacional e dar respostas significativas para

---

<sup>7</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. Pp.16,7.

<sup>8</sup> Entre outros, ver: BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: Convívio/ EDUSP, 1986; PAIM, Antônio. *História das Idéias Filosóficas no Brasil*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1967; COSTA, Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967. MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira (1877-1896)*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1996. (Vol. IV)



que se pudesse intervir nessa realidade, a fim de conformar outra, mais moderna e civilizada.<sup>9</sup> Estes intelectuais ou “homens de ciência”, como eram chamados, se auto-representavam como “fundamentais para as soluções e destinos do país”, buscando reconhecimento e legitimação de suas idéias e propostas, enquanto transitavam por áreas diversas do conhecimento, além de suas próprias áreas de formação, com destaque para o direito e a medicina, como já dissemos.<sup>10</sup>

Esses “homens de ciência” buscaram conformar um modelo de nação inspirado nas nações européias, consideradas desenvolvidas e civilizadas. E, no contexto brasileiro, a questão racial foi de fundamental importância. Na busca pela conformação de uma “raça nacional”, temas como mestiçagem, branqueamento, degeneração, entre outros, estiveram na ordem do dia. Junto à questão racial, a defesa da educação foi outra a figurar nos debates e ambas sugeriram misturadas na obra de Castro, sendo fundamentais para compreendermos suas idéias e seus projetos. Pretendemos pensar o “movimento” deste autor em sua época, com suas propostas, seus dilemas e certezas – o que também, em alguma medida, caracteriza o presente trabalho como um esforço biográfico.

Colocada por muito tempo sob suspeita, vista como narrativa linear, “acontecimental”, acusada de positivista pela Escola dos Annales, a biografia permaneceu, por muito tempo, vista como uma abordagem ultrapassada, “mais propensa à apologia do que à análise”, muito próxima à hagiografia.<sup>11</sup> É a partir da década de 70 do século XX que observamos o retorno da biografia entre os historiadores. Em parte, devido às novas

---

<sup>9</sup> É importante salientar que muitos intelectuais adotaram uma postura crítica em relação à crença absoluta na ciência como detentora de todo o conhecimento e solução para todos os males. Dentre esses, podemos destacar, como exemplo, o escritor Machado de Assis.

<sup>10</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 40.

<sup>11</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. “Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema”. In. \_\_\_\_\_. (org) *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul (SC): EDUNISC, 2000. p. 49.

abordagens historiográficas – com novos problemas e fontes –, em parte, devido à noção de que o discurso do historiador é também uma narrativa.<sup>12</sup> No entanto, a narrativa de história, como nos aponta Chartier, possui “procedimentos específicos de abonação, graças aos quais, a história mostra e garante seu estatuto de conhecimento verdadeiro”.<sup>13</sup> É por meio destes procedimentos que a narrativa biográfica de História busca se afastar da narrativa biográfica literária, o que, para Levillain, implica na interdição de elementos ficcionais nas biografias históricas.<sup>14</sup> O gênero biográfico se mantém muito próximo à literatura, incorporando narrativas mais fluidas e outras técnicas e recursos estilísticos. Todavia, no caso da biografia de história, isso deve ser feito com muito cuidado, eliminando sempre a mescla entre biografia e romance. Neste caso, dentre os “procedimentos de abonação”, o historiador deve sempre primar pelo estabelecimento de referências documentais. Além disso, o uso de expressões como “provavelmente, talvez, pode-se presumir”, entre outras, são importantes para indicar momentos de intervenção do historiador, em que este infere sobre as possíveis situações vivenciadas pelo personagem focalizado.<sup>15</sup>

De acordo com Schmidt, as biografias surgidas após a retomada do gênero biográfico nos estudos históricos escolheram, em sua maioria, trabalhar com pessoas comuns, com a “*gente miúda*”, e não mais com os “*grandes vultos*”, como ocorria com as biografias do passado. Além disso, as recentes biografias difeririam das tradicionais ao fugir do viés apologético, buscando acessar por meio de seus personagens questões e

---

<sup>12</sup> STONE, Lawrence. “O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história”. Revista de História. n°. 2/3, Campinas: IFCH, 1991. (p. 13-37)

<sup>13</sup> CHARTIER, Roger. “A história entre narrativa e conhecimento”. In: \_\_\_\_\_. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 87.

<sup>14</sup> LEVILLAIN, Philippe. “Os protagonistas: da biografia”. In: RÈMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. (p. 141-184)

<sup>15</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. In: *Estudos Históricos: indivíduo, biografia, história*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, N 19, 1997. p. 10.

contextos mais amplos. A biografia partiria da história do indivíduo para compreender a história do tempo em que esse viveu, numa nítida tentativa de se fugir de análises individualistas, sem conexão entre as trajetória analisadas e os contextos onde estas ocorreram.<sup>16</sup>

Bourdieu chamou atenção para uma “ilusão biográfica”, que conceberia a vida como algo coerente e dotado de sentido e, por isso, sugeriu pensar a noção de trajetória ao se analisar um indivíduo. Seu conceito de trajetória sairia do indivíduo para buscar o movimento dos espaços, das relações e posições ocupadas por esse.<sup>17</sup> Em concordância com isso, Schmidt defende que as biografias devem apreender as facetas variadas de existência dos indivíduos, devendo transitar do social ao individual, do inconsciente ao consciente, do público ao privado, do pessoal ao profissional e assim por diante. Tudo isso, sem buscar reduzir todos os aspectos da biografia a um denominador comum.<sup>18</sup> Deve-se ressaltar que não há como se evitar, habilmente, a forma narrativa e cronológica que possibilita o acompanhamento da trajetória do biografado, nem o estabelecimento de marcos temporais entre os acontecimentos e a história individual. O que também não implica no uso exclusivo de uma narrativa factual e centrada na existência individual.<sup>19</sup>

Não pretendemos nos restringir a uma abordagem biográfica, em sua acepção mais vulgar, mas compreender a inserção de Tito Lívio de Castro em sua época, em seu meio, entre seus contemporâneos. Partiremos não apenas da narrativa de sua vida, mas também da análise de sua obra, do diálogo que essa realiza com outras produções e com o contexto amplo no qual Castro se inseriu. Contudo, tal diálogo será feito sem perder de vista a

---

<sup>16</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. “Luz e papel, realidade e imaginação”. Op. cit. pp. 52 e 56.

<sup>17</sup> BOURDIEU, Pierre. BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In.: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 189.

<sup>18</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. “Luz e papel, realidade e imaginação”. Op. cit. p. 63.

<sup>19</sup> MALATIAN, Tereza Maria. “A biografia e a história”. In: *Cadernos do CEDEM – Centro e Documentação e Memória da UNESP*. Ano 1. Vol. 1. Janeiro de 2008. p. 25.

subjetividade deste autor, nem, tampouco, as propriedades específicas do trabalho historiográfico.

Como explicitado anteriormente, a produção intelectual de Lívio de Castro será, por excelência, a fonte privilegiada deste estudo. Ela compõe-se de dois livros póstumos, *A mulher e a sociogenia* (1893) e *Questões e problemas* (1913); uma tese de doutoramento na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, *Das alucinações e ilusões* (1889); e artigos publicados no jornal *A Província de São Paulo*, nos últimos anos da década de 80 do século XIX.<sup>20</sup> Os escritos de Sílvio Romero sobre Castro – em especial os prefácios de seus dois livros –, bem como os escritos memorialísticos de Medeiros e Albuquerque serão nosso ponto de partida para a compreensão de sua trajetória. Os demais escritos sobre ele, tais como notícias e artigos publicados em jornais, os verbetes de dicionários biográficos, bem como os documentos de sua passagem pelo Colégio Pedro II e pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, também constituirão fontes importantes para compreendermos a vida e a obra desse autor.

No primeiro capítulo, intitulado “Um mestiço irrecusável”, nos ateremos à trajetória de Castro, que teve seu nome relacionado a grupos representativos, como o da “Escola do Recife”. Faremos um apanhado da sua biografia, com base, principalmente, no que foi escrito por Sílvio Romero – que o tomou como seu discípulo – e por Medeiros e Albuquerque, que lhe teceram verdadeiros “elogios fúnebres”. Buscaremos também coligir as informações fornecidas por estes autores com informações de outros contemporâneos de Lívio de Castro e, com os documentos encontrados nas instituições por onde ele passou ao longo de sua trajetória educacional.

---

<sup>20</sup> Alguns destes artigos foram reproduzidos em outros periódicos e livros e estão indicados entre as fontes incluídas no fim desta dissertação.

No segundo capítulo, “Educar para evoluir”, será feita uma análise mais detalhada da principal obra de Lívio de Castro, o livro *A mulher e a sociogenia*, datado de 1887 e publicado em 1893.<sup>21</sup> Esse tem como foco a análise da condição feminina e do papel social e biológico a ser desempenhado pela mulher na evolução da espécie. Nele, a idéia de inferioridade intelectual da mulher é traçada a partir das modernas teorias científicas em voga na época, buscando analisar como se deu, ao longo da evolução da espécie humana, a diferenciação intelectual entre os sexos. Trata-se de um exemplar representativo e, em alguns aspectos, ímpar da aplicação das teorias científicas à questão da inferioridade intelectual feminina. Além de ser uma importante chave para se compreender a dimensão das propostas de Castro no que concerne à educação e a questões como raça e mestiçagem. Buscaremos analisar as filiações teóricas de Castro, correlacionando suas idéias com outros trabalhos, mostrando suas semelhanças, divergências e, também, as novidades que elas apresentam em relação a outras produções do período.

No terceiro e último capítulo, “Espólio literário”, abordaremos os demais escritos de Lívio de Castro: a compilação de artigos organizados por Sílvio Romero, publicados em 1913 (*Questões e Problemas*); sua tese de doutoramento em medicina, defendida na cadeira de Clínica Psiquiátrica em 1889 (*Das alucinações e ilusões*); e os demais artigos publicados no jornal *A Província de São Paulo*. Procuraremos correlacionar sua produção, buscando apreender as principais idéias defendidas, os diálogos, os temas recorrentes e suas ambigüidades. Enfim, a intenção é fechar o último capítulo com uma síntese geral das idéias de Castro, que abordavam assuntos tão diversos tais como a educação da mulher, a

---

<sup>21</sup> O livro *A mulher e a sociogenia* foi publicado em 1893(4) pela Imprensa da Casa da Moeda, contudo, acreditamos que a edição utilizada nesta dissertação, apesar de não indicar o ano de impressão, data, provavelmente, de um período posterior a 1910, devido à informações existentes na folha de rosto do livro, de uma filial em Belo Horizonte (cidade inaugurada em 1897). Tal filial só foi inaugurada nesta cidade no ano de 1910. Contudo, a diagramação, nestas duas edições, manteve-se inalterada. Utilizaremos, portanto, a datação de 1893, indicada por Sílvio Romero.

psiquiatria, a formação da literatura no Brasil e a composição da “raça nacional”. Pretendemos mostrar como essas idéias se inserem no projeto intelectual brasileiro do final do século XIX e início do século XX, que buscou formas para solucionar os problemas nacionais, no anseio de conformar uma nação desenvolvida e civilizada.

# CAPÍTULO I



# CAPÍTULO I

## Um “mestiço irrecusável”

---

Neste primeiro capítulo, nos ateremos à biografia de Tito Lívio de Castro. Faremos uma contextualização do período no qual ele se insere e abordaremos, também, alguns personagens que marcaram sua trajetória de vida, além de outros que ajudaram a compor o quadro político, científico e cultural do final do século XIX. Temas como raça, mestiçagem e ciência serão recorrentes.

### 1.1 – A geração de 1870

O Brasil, na segunda metade do século XIX, presenciou um momento de grande agitação intelectual. Em especial, a partir do movimento conhecido por geração de 1870, que voltou seu olhar para os problemas do Brasil, procurando analisá-los por meio do que mais desenvolvido se produzia nos grandes centros da Europa.<sup>1</sup> Esta geração foi largamente visitada e revisitada por diversos estudos, sendo praticamente impossível pensar o final do século XIX no Brasil, sem se referir aos seus mais expressivos representantes, suas contribuições, suas lutas e seus dilemas.

O “movimento intelectual da geração de 1870”<sup>2</sup> sofreu diversas interpretações ao longo do século XX, sendo percebido por seus próprios participantes que, mesmo com pouco afastamento do período, já se referiam ao esvoaçar de um “bando de idéias novas”, surgidas

---

<sup>1</sup> Desta geração tomaram parte nomes tão diversos quanto os de Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, André Rebouças, Quintino Bocaiúva, Saldanha Marinho, Tobias Barreto, Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua, Júlio de Castilhos, Assis Brasil, Miguel Lemos, Silva Jardim, Alberto Sales, Miranda Azevedo, Rangel Pestana, entre muitos outros, unindo monarquistas e republicanos, positivistas, darwinistas, abolicionistas, enfim, defensores das mais diversas correntes políticas e científicas do período. Cf: ALONSO, Ângela. *As idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil - Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p.345,6.

<sup>2</sup> ALONSO, Ângela. *Idéias em Movimento*. Op. cit. p. 22.



de todos os pontos do horizonte – na célebre expressão de Sílvio Romero.<sup>3</sup> Este “bando de idéias novas” significava a introdução no Brasil de diversas teorias científicas em voga na Europa, que chegavam aos leitores brasileiros por meio de revistas científicas, de traduções francesas e, em alguns casos, como o de algumas teorias germanistas, por meio de obras no original.<sup>4</sup> Evolucionismo, positivismo, naturalismo, materialismo, entre outros termos, passaram a fazer parte do vocabulário. Darwin, Spencer, Haeckel, Buckle, Comte, Broca, Lombroso e muitos outros viraram citações recorrentes, e um vasto arsenal teórico passou a ser utilizado, mesmo nas situações mais corriqueiras, como chave explicativa para as mais diversas questões. Na política, na análise da vida social, nas artes, na literatura, em todos os aspectos da vida, a ciência tinha algo a explicar. Era na ciência, e somente nela, que se fiavam todas as crenças desta geração. Só por meio da ciência poder-se-ia compreender as necessidades do país, apenas ela poderia fornecer explicações plausíveis para o propagado atraso nacional, mostrando suas origens e as formas para sua superação. Era pela ciência que se deviam pautar as reformas necessárias para o posicionamento do Brasil na rota do progresso, que o conduziria ao rol das nações desenvolvidas e civilizadas.

Cabe lembrar que essa foi uma dinâmica da qual tomou parte não apenas o Brasil, mas também outros países da América Latina. Salvo as especificidades de cada um, os discursos de identidade, raça e meio, os projetos de nação, a recorrência às “idéias estrangeiras”, à ciência, ao positivismo, entre outros, são aspectos verificados em vários países latino-americanos.<sup>5</sup> Como nos apontou Stepan, na América Latina a ciência tornou-se a palavra de ordem de uma elite moderna e secular, sendo seu endosso tomado como um sinal de

---

<sup>3</sup> ROMERO, Sílvio. “Explicações indispensáveis” (1900) Apud: SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 148.

<sup>4</sup> A influência das obras francesas é a que mais se observa no meio intelectual brasileiro do século XIX. Entretanto, não era a única, segundo Paim, Tobias Barreto não apenas ajudou a introduzir no Brasil teorias de autores germânicos, lidos no original, como também escreveu artigos no idioma alemão. PAIM, Antônio. PAIM, Antônio. *A filosofia da Escola do Recife*. Rio e Janeiro: Editora Saga, 1966. p. 45.

<sup>5</sup> Cf.: PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: EDUSP; Bauru: EDUSC, 1999.

modernidade cultural, na medida em que, como conhecimento progressista, configurava uma alternativa à visão religiosa da realidade.<sup>6</sup>

A adoção das doutrinas científicas europeias rendeu à geração de 1870 a acusação de mera importadora de idéias. Talvez uma das mais lembradas análises a adotar esta posição tenha sido a das “idéias fora do lugar” de Schwarz.<sup>7</sup> Ao tratar da implantação do liberalismo no Brasil, Schwarz afirmava que a importação e a aplicação dessa doutrina à situação brasileira era uma atitude incoerente, pois a mesma não se adaptava à realidade local. Tal doutrina seria um reflexo direto da situação político-social europeia e, portanto, ao ser transportada para o Brasil, ficava fora do centro que lhe conferia sentido. A situação escravista e dependente da sociedade brasileira em nada diria respeito ao liberalismo de uma Europa em pleno desenvolvimento industrialista. Defesa semelhante foi feita em relação a outras doutrinas científicas que aportavam no Brasil, vindas da Europa, a exemplo das teorias racialistas, chamadas por Skidmore de “alienígenas”.<sup>8</sup> Vários trabalhos opuseram-se a esta concepção, tomando por foco a forma como se deram as recepções às teorias europeias, quais diálogos que elas promoveram, enfim, o modo como foram resignificadas na busca por um diagnóstico da situação local.

As idéias europeias encontraram seu lugar no Brasil, no modo como foram lidas e utilizadas para se compreender a realidade brasileira. A geração de 1870 recorreu a um repertório político-científico, que serviu de “ferramenta teórica”, capaz de auxiliar na construção de quadros explicativos da situação de atraso nacional, e na indicação de formas para superar este atraso.<sup>9</sup> Nesta perspectiva, as teorias europeias funcionaram como um

---

<sup>6</sup> STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. pp. 49, 50.

<sup>7</sup> Cf.: SCHWARZ, Roberto. “As idéias fora do lugar” In: \_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas – forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

<sup>8</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 65.

<sup>9</sup> A noção de repertório diz respeito aos recursos intelectuais disponíveis em uma sociedade em um dado período, compondo-se de padrões analíticos, noções, argumentos, conceitos, teorias, esquemas explicativos, formas estilísticas e etc., que servem de orientação para que determinados agentes possam transformá-los em

“armazém intelectual”,<sup>10</sup> e o que conferia sentido aos produtos deste armazém era a forma como eles eram utilizados na compreensão dos problemas nacionais. A geração de 1870 incorporou as teorias européias de forma seletiva e, além disso, gerou parte de seus recursos intelectuais ao reinterpretar a tradição político-intelectual nacional.<sup>11</sup> Para Barros, nada soava mais falso do que a afirmação de que a vida intelectual brasileira era feita ao “sabor do acaso”, pois as idéias eram selecionadas de maneira a atingir o propósito de integração do Brasil na lista dos países “civilizados”.<sup>12</sup> Esta idéia dói compartilhada por outros estudiosos, a exemplo de Antônio Paim, para quem o principal estímulo a nutrir o “movimento de idéias” era a própria sociedade brasileira com seus problemas a exigir soluções, exigência essa que levou ao manejo de novos instrumentos teóricos.<sup>13</sup> Deste modo, podemos defender uma espécie de “mestiçagem de idéias”, ao se misturarem idéias européias em uma conjuntura brasileira, resultando em novas abordagens e significações.<sup>14</sup>

Devemos pensar o consumo tal como o fez Certeau, como algo dinâmico e também produtor de sentidos, e não apenas como simples assimilação de conteúdos.<sup>15</sup> Assim, chegaremos à conclusão de que analisar a geração de 1870 como mera importadora de “idéias estrangeiras”, “alienígenas”, seria o mesmo que descartar a dimensão criativa da leitura que seus integrantes realizaram das teorias européias, bem como da apropriação que fizeram de seus conteúdos. É bom lembrarmos que a significação de um texto, a leitura que se faz de seus conteúdos, depende de códigos e convenções, de capacidades e interesses, e do próprio meio

---

instrumentos de luta e compreensão de uma determinada conjuntura. Estes repertórios seriam escolhidos sem muita coerência, sendo selecionados e articulados de acordo com as necessidades do momento. Cf. ALONSO, A. *Idéias em Movimento*. Op. cit. p. 39.

<sup>10</sup> MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Sílvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 29.

<sup>11</sup> ALONSO, A. *Idéias em Movimento*. Op. cit. p. 241.

<sup>12</sup> Cf. BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: Editora Convívio/EDUSP, 1986.

<sup>13</sup> PAIM, Antônio. *A filosofia da Escola do Recife*. Op. cit.. p. 21.

<sup>14</sup> O termo mestiçagem está sendo empregado no sentido de uma mistura cultural das práticas, dos comportamentos, das crenças, dos imaginários, das idéias e etc. Cf.: GRUZINKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>15</sup> Cf. CERTEAU, Michel. “Ler: uma operação de caça”. In: *A invenção do cotidiano. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes. 1996.

de quem faz a leitura.<sup>16</sup> Estas leituras foram múltiplas e amoldaram-se à posição que cada um dos integrantes desta geração assumiu. Também é importante ressaltar a diversidade destes integrantes, visto não se tratar de uma “massa” homogênea. Não havia unidade no grupo, nem de origem social, nem de adesão às doutrinas científicas, tampouco no modo como essas foram recepcionadas e resignificadas. Não obstante se tratar de uma “elite intelectual”, ela não era composta apenas por membros da elite econômica do país.

A composição social da geração de 1870 reflete bem sua complexidade, abrangendo indivíduos de diferentes segmentos sociais. Contudo, apesar desta heterogeneidade, os integrantes da geração de 1870 teriam compartilhado uma mesma “comunidade de experiência”, caracterizada por uma marginalização política em relação ao *status quo* imperial.<sup>17</sup> Tal experiência de marginalização conferia certa unidade à geração, que socialmente estava longe de ser marginalizada. Havia uma convergência de grupos provenientes das antigas elites agrárias, de grupos ligados à nova elite cafeeira do oeste paulista, além da emergência de uma nova burguesia urbana. Também integravam o movimento indivíduos provenientes de grupos senhoriais decadentes, mas que ainda conservavam certo prestígio social.<sup>18</sup> Segundo Freyre, o século XIX presenciou a transferência de poder de uma elite rural e branca para uma elite urbana, muitas vezes composta por bacharéis pobres e, em alguns casos, mulatos que de algum modo tiveram acesso à educação.<sup>19</sup> Todos eles ajudaram a compor o perfil social heterogêneo de uma geração que fazia de sua combativa atividade intelectual o seu traço unificador.

---

<sup>16</sup> CHARTIER, Roger. “História e Literatura”. In: *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. pp. 257,8.

<sup>17</sup> ALONSO, Ângela. *Idéias em Movimento*. Op. cit. p. 43.

<sup>18</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 26. ALONSO, A. *Idéias em Movimento*. Op. cit. pp. 99,100.

<sup>19</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: editora Nova Aguilar, 2002 (Coleção Intérpretes do Brasil. Vol. 2). p. 1226.

A geração de 1870 estava particularmente associada às idéias de transformação, ruptura e modernidade, idéias diretamente ligadas às causas da abolição e da república.<sup>20</sup> Como bem observou De Lucca, esta geração talvez tenha sido aquela que mais conseguiu ver a realização dos projetos nos quais se envolveu, presenciando a derrocada da escravidão e da monarquia, acontecimentos para os quais contribuiu ativamente.<sup>21</sup> Outro aspecto importante é a ligação dos intelectuais desta geração com instituições como as Faculdades de Direito e de Medicina, espaços de convivência primordiais na conformação do panorama intelectual brasileiro, do final do século XIX. A importância deste espaço acadêmico está presente em diversos estudos sobre a geração de 1870, sendo observado como propiciador da circulação de idéias e da constituição de uma rede de sociabilidade. Entretanto, isso não significa que os indivíduos que freqüentaram as mesmas instituições, que cursaram as mesmas faculdades, tenham partilhado das mesmas idéias ou adotado as mesmas teorias científicas, políticas, econômicas ou sociais.

A geração de 1870 teria, em grande parte, se desenvolvido “congregada” nas diferentes instituições de saber distribuídas pelo Brasil, em especial, os museus nacionais e as Faculdades de Direito e Medicina, que promoveram amplo diálogo na construção de um saber etnográfico, científico e natural do país.<sup>22</sup> Não obstante, tais instituições não se constituíam em espaços primordiais de pesquisa, predominando os trabalhos de cunho ensaístico, e só raramente se realizavam pesquisas científicas propriamente ditas. Estas instituições teriam funcionado como um espaço de convivência que possibilitou a recepção e discussão de novas idéias, sua difusão e, conseqüentemente, a formação de um pensamento mais independente em relação à cartilha ditada pelos setores hegemônicos da sociedade. Esta perspectiva foi aventada por Fernando Azevedo na introdução de *As ciências no Brasil*, em que ele já

---

<sup>20</sup> DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999. p.19.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. Op. Cit

apontava a criação das faculdades como o fator propiciador da autonomização do conhecimento intelectual brasileiro.<sup>23</sup>

A constituição das primeiras instituições de caráter cultural no Brasil data do início do século XIX, tendo sido criadas em decorrência de uma série de mudanças ocorridas após a transferência da corte portuguesa. Contudo, as faculdades são criações posteriores à declaração de independência do Brasil, em 1822, e estão diretamente ligados ao desejo de formação de um pensamento autônomo em relação à antiga metrópole portuguesa. Estes centros de estudo deveriam formar uma elite ilustrada, capaz de orientar os novos rumos a serem tomados na criação de uma identidade nacional. A esta empreitada se entregaram os estudantes e posteriores bacharéis, formados pelas Faculdades de Direito do Recife e de São Paulo, e pelas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro.<sup>24</sup> Em nosso estudo, serão caras as questões referentes às Faculdades de Direito do Recife e de Medicina do Rio de Janeiro, por serem essenciais para a compreensão de nosso objeto de pesquisa. Contudo, não realizaremos um estudo mais aprofundado sobre estas instituições, não obstante, nos referirmos a elas sempre que nosso objeto de pesquisa demandar uma compreensão maior sobre o meio intelectual em que se constituiu e/ou que manteve estreita relação.

## 1.2 – “O brado de alarma” da “Escola do Recife”

Os integrantes da Faculdade de Direito do Recife, incluídos no movimento intelectual da geração de 1870, ficaram conhecidos sob o epíteto de “Escola do Recife”.<sup>25</sup> Esta denominação – que pressupõe a adoção de uma determinada doutrina filosófica<sup>26</sup> – foi

---

<sup>23</sup> Cf. AZEVEDO, Fernando (org.). *As Ciências no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

<sup>24</sup> As Faculdades de Direito foram inauguradas em 1828. Em Pernambuco, a faculdade foi transferida de Olinda para o Recife em 1854, iniciando sua mais expressiva fase. Já as faculdades de Medicina tiveram sua origem nas academias médico-cirúrgicas que, por decreto de 1832, foram transformadas em escolas ou faculdades de Medicina. Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. Op. cit.

<sup>25</sup> São comumente identificados como os representantes desta Escola: Tobias Barreto, Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua, Capistrano de Abreu, Araripe Jr., Franklin Távora, Arthur Orlando, Souza Bandeira, Higino Cunha, Martins Jr. e Aníbal Falcão. Cf. ALONSO, Ângela. *As idéias em movimento*. Op. cit. p. 134.

<sup>26</sup> Cf. PAIM, Antônio. *A filosofia da Escola do Recife*. Rio e Janeiro: Editora Saga, 1966.

atribuída a Sílvio Romero, seu mais famoso integrante, que teria proclamado a si e a seu grupo como vanguarda intelectual na luta pela renovação do Brasil.<sup>27</sup> É famosa sua afirmação sobre o “bando de idéias novas”, cujo “brado de alarma partiu da Escola do Recife”.<sup>28</sup> Não defenderemos a preponderância intelectual de uma instituição sobre outra nem, tampouco, um caráter precursor na recepção de determinadas teorias por parte da “Escola do Recife”. De modo geral, o final do século XIX no Brasil foi um momento propício na recepção de idéias, pois mais do que qualquer outro momento anterior, se procurou criar interpretações sobre o país e seus habitantes.

Rabello, em estudo sobre o itinerário de Sílvio Romero, questionou a própria existência de uma “Escola do Recife”. Para receber tal qualificativo, segundo ele, seria necessária uma unidade de pensamento entre os integrantes da Faculdade de Direito do Recife, para a conformação de uma Escola de pensamento. Unidade que não poderia ser observada nesta instituição.<sup>29</sup> Compartilhando desta idéia, Alonso afirmou ter ocorrido uma verdadeira criação por parte de Romero, ao inventar uma “tradição inexistente” chamada “Escola do Recife”.<sup>30</sup> Contudo, tal denominação foi aceita e utilizada por praticamente todos os trabalhos que abordaram os integrantes da Faculdade de Direito do Recife, que ajudaram a compor o quadro da geração de 1870. Devemos observar que a maioria dos que, posteriormente, adotaram o termo não o tomaram como portador de uma corrente filosófica própria. Todavia, como ocorre com diversas tradições inventadas, o termo acabou por se legitimar e, por isso, em nosso estudo, sempre que nos referirmos a ele, o faremos entre aspas. Além disso, optamos por utilizá-lo não porque designa uniformidade de grupo, ou por indicar os adeptos de uma corrente filosófica particular, mas pelo que passou a representar por meio dos diversos trabalhos que o tomaram como tema, reafirmando-o como espaço privilegiado na

---

<sup>27</sup> ALONSO, Ângela. *As idéias em movimento*. Op. cit. p. 134.

<sup>28</sup> ROMERO, Sílvio. (1900). Apud.: SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*. Op. cit. p. 148.

<sup>29</sup> Cf. RABELLO, Sílvio. *Itinerário de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944. (Coleção Documentos Brasileiros, nº43)

<sup>30</sup> ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento*. Op. cit. p. 134.

recepção das teorias deterministas e social-darwinistas no Brasil, bem como na divulgação das mesmas.<sup>31</sup> Autores que se ocuparam em traçar um histórico da “Escola do Recife” acabaram por realizar um trabalho fragmentado, dividido entre as contribuições de cada um de seus principais integrantes, confirmando ainda mais a noção de heterogeneidade de pensamento desta “Escola”.

O fato de que nem todos os que foram considerados integrantes da “Escola do Recife” tenham realmente freqüentado a Faculdade de Direito do Recife, depõe ainda mais a favor de sua multiplicidade. Estamos nos referindo, em particular, ao grupo de jovens estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que recebeu o título de “núcleo fluminense da Escola do Recife”.<sup>32</sup> Também chamado de “grupo curiosíssimo da geração de 1884 a 89” por Sílvio Romero<sup>33</sup> – composto por nomes como os de João Marcolino Fragoso, José Estelita Tapajós, Afonso Régulo de Oliveira Fausto e Júlio Trajano de Moura<sup>34</sup> – teria sido capitaneado por Tito Lívio de Castro. Caracterizando-se pela predileção dos estudos de filosofia, etnografia e antropologia, com inspiração nas idéias do transformismo e do evolucionismo, formavam uma espécie de grupo de estudos onde se praticava a vivisseccção, trabalhos de química, física e anatomia. O grupo demonstrava interesse pela investigação científica experimental, algo ainda limitado no Brasil naquele momento, estando em pleno processo de elaboração e desenvolvimento, especialmente, no campo da fisiologia.<sup>35</sup>

---

<sup>31</sup> Cf.: PAIM, Antônio. *A filosofia da Escola do Recife*. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1966; SALDANHA, Nelson. *A Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, Brasília: INL, 1985; COUTINHO, Aluízio Bezerra. *A filosofia das ciências naturais na Escola do Recife*. Recife: UFPE, Ed. Universitária, 1988.

<sup>32</sup> SALDANHA, Nelson. *A Escola do Recife*. Op. cit. p. 124.

<sup>33</sup> ROMERO, Sílvio. “Prefácio”. In: CASTRO, T. L. *Questões e problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913. p. xix.

<sup>34</sup> ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro”. In: \_\_\_\_\_. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1949. Tomo Quinto. p. 340. Ainda mais obscuros do que Castro, os demais integrantes do “núcleo fluminense da Escola do Recife” tiveram pouca atuação no período, suas obras são em geral desconhecidas. José Estelita Tapajós talvez seja o que maior repercussão tenha tido, possuindo algumas publicações, entre elas um artigo em que polemiza com Eduardo Prado e Pereira Barreto. Cf: BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. Op. cit.

<sup>35</sup> Cf.: EDLER, Flávio Coelho. “O debate em torno da medicina experimental no segundo reinado”. *História, ciência, saúde - Manguinhos*, jul./out. 1996, Vol.3, Nº. 2.



Foi Romero quem os nomeou como grupo pertencente à “Escola do Recife”, e, neste sentido, referia-se à “Escola” como portadora de uma corrente filosófica, que no Brasil, teria sido iniciada por ele e Tobias Barreto, encontrando adeptos em outros meios:

A ação por mim e Tobias Barreto iniciada neste País, a princípio contra o positivismo de Comte, eu em prol do evolucionismo spencerianista, Tobias em prol do monismo transformista de Haeckel e Noire, não tem sido de todo perdida. Os nomes de Tito Lívio de Castro, Estelita Tapajós, Marcolino Fragoso, Oliveria Fausto, entre jovens médicos, e os de Samuel de Oliveira e Liberato Bitencourt, entre outros jovens engenheiros militares, garantem-me que estou a afirmar a verdade. Não quero dizer que com estas palavras que estes dignos brasileiros tenham aprendido tudo comigo e com Tobias Barreto; desejo apenas consignar que nosso ensino, diverso na essência das idéias e similar na ação crítica, teve a honra de achar agasalho, direta ou indiretamente, nas almas entusiastas de tão distintos patrícios.<sup>36</sup>

Ao nomear estes jovens como sectários da “Escola do Recife”, o crítico sergipano pareceu conferir a si próprio a materialização da “Escola” em territórios fluminenses. De certo, essa parecia ser a filiação de todos, ou pelo menos assim o acreditava Romero. Quanto a Tito Lívio de Castro, ainda que não tenha aprendido tudo com seu mestre, influenciou-se muito pelas idéias adotadas em Recife das quais Romero foi grande defensor. Assim como ele, dedicou-se à crítica literária, e elegeu o naturalismo como o mais avançado grau de evolução literária. Também a questão racial lhe foi cara, estando expressa em suas idéias, e marcada em sua pele.

### 1.3 - Trajetória de um “desditoso autor”

Wilson Martins considerou que Tito Lívio de Castro foi, em parte, mais uma das invenções características e generosas de Sílvio Romero.<sup>37</sup> Para alguém já responsabilizado pela invenção de uma tradição, como a “Escola do Recife”, inventar um personagem não seria tarefa das mais difíceis. Entretanto, Castro viveu um período de grandes agitações, tomou

---

<sup>36</sup> ROMERO, Sílvio. (1905) Apud. PAIM, Antônio. *A Filosofia da Escola do Recife*. Op. cit. p. 81

<sup>37</sup> MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira (1877-1896)*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1996. (vol. IV). p. 418.

parte delas, e deixou sua contribuição impressa em livros e artigos, ficando na memória de alguns de seus contemporâneos. Mas até que ponto podemos separar o que nele há de real, do que é criação de Romero? Esta é uma das questões a serem tratadas neste trabalho.

Grande parte do que se sabe sobre a biografia de Lívio de Castro vem dos prefácios de seus dois livros, sendo ambos escritos por Sílvio Romero.<sup>38</sup> A exceção se dá nos textos publicados em jornais, em especial, os que foram escritos por ocasião de sua morte, como a espécie de necrológio escrito por Medeiros e Albuquerque<sup>39</sup> para o jornal *O Estado de São Paulo*.<sup>40</sup> Além deste necrológio, Albuquerque escreveu sobre Lívio de Castro em seu livro de memórias e em um discurso na Academia Brasileira de Letras. Porém, grande parte dos que posteriormente se referiram a Castro, o fizeram tendo em vista o que foi escrito por Romero. Mesmo o médico e dicionarista Sacramento Blake,<sup>41</sup> que incluiu um verbete sobre Castro em seu dicionário bibliográfico, escreveu praticamente o mesmo que o crítico sergipano. E esse carregou nos tons elegíacos ao se referir a Lívio de Castro, em atitude muito próxima à exaltação que fazia de Tobias Barreto:

Os quatro representantes máximos da raça cruzada no Brasil neste século foram André Rebouças, José do Patrocínio, Tobias Barreto e Lívio de Castro; mas o primeiro tem fundo e não tem forma, o segundo forma sem fundo; os dois últimos tiveram uma e outra cousa. Em Tobias Barreto predominam a imaginação poética e a intuição filosófica, em Lívio de Castro a capacidade científica e o espírito construtor.<sup>42</sup>

---

<sup>38</sup> ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro” (Prefácio). In: CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit.; ROMERO, Sílvio. “Prefácio”. In: CASTRO, T. L.. *Questões e problemas*. Op. cit. Ver também: ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro”. *O Estado de São Paulo*. 19 de Junho de 1890. p. 1; e ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro”. In: \_\_\_\_\_. *História da literatura brasileira: diversas manifestações na prosa, reações anti-românticas na poesia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1949. Tomo V.

<sup>39</sup> José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867 - 1934) foi aluno particular de Sílvio Romero e amigo íntimo de Lívio de Castro, mais tarde, membro fundador da cadeira de nº. 22 da Academia Brasileira de Letras.

<sup>40</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros. “Lívio de Castro”. *O Estado de São Paulo*. 19 de Junho de 1890. p. 1. Após a proclamação da República, o jornal *A Província de São Paulo* muda o nome para *O Estado de São Paulo*. Portanto, trata-se do mesmo jornal em que foram publicados os artigos de Castro.

<sup>41</sup> BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. (Vol. 7). pp. 308,9.

<sup>42</sup> ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro”. (1893). Op. cit. p. xxvj.

Antônio Cândido salientou que, apesar das várias contradições facilmente apontadas na trajetória de Romero, também existiram algumas “obsessões intelectuais que nunca o deixaram”.<sup>43</sup> Entre elas, a mais pungente talvez tenha sido a exaltação de Tobias Barreto, a quem Romero chamou de maior inteligência nacional e grande mestre da “Escola do Recife”, dispensando-lhe uma admiração próxima ao fanatismo.<sup>44</sup> Medeiros e Albuquerque – que foi aluno particular de Sílvio Romero – assim se recordou da verdadeira adoração de seu mestre a Tobias Barreto e de sua equiparação a Lívio de Castro:

Quem se lembre do que foi a vida de Sílvio Romero: uma longa batalha para disseminar e impor a obra de Tobias Barreto, para quem professava uma admiração quase fanática, pode pesar o que vale aquele elogio, em que punha Lívio de Castro a par do pensador sergipano. (...) Essa equiparação dos dois nomes na pena de Sílvio Romero é o mais alto atestado de merecimento que ele podia dar a qualquer escritor. A tendência dele, pensando em Tobias, seria para dizer-lhe como Domingos de Magalhães disse de Napoleão: ‘Acima dele Deus! Deus, tão somente!’ E, no entanto, diante de Lívio de Castro afastou-se respeitosamente e abriu-lhe um lugar ao lado de seu máximo herói.<sup>45</sup>

A exaltação de Romero a Lívio de Castro foi mais abrandada do que a de Tobias Barreto, mas não menos entusiasmada. Ele o chamou, entre outros qualificativos, de “o mais eminente de todos os moços de sua geração”.<sup>46</sup> Dizendo-se hesitante em contar sua biografia, escreveu ele:

Tito Livio de Castro não tem biografia, a não ser a biografia interior e velada de seu coração e de sua inteligência. [...] Sua história exterior, por assim dizer, os vários acidentes de sua vida reduzem-se a muito pouco. É uma espécie de elegia de um deserdado.<sup>47</sup>

---

<sup>43</sup> CÂNDIDO, Antônio. “Fora do texto dentro da vida”. In: \_\_\_\_\_. *A educação pela noite*. São Paulo: Editora Ática, 2003. (pp. 100-121). p. 101.

<sup>44</sup> MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Sílvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 88.

<sup>45</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. “O meu verdadeiro Patrono: Tito Lívio de Castro” (Discurso proferido na Academia Brasileira de Letras em 18 de Fevereiro de 1932). In: \_\_\_\_\_. *Homens e cousas da Academia Brasileira*. Rio de Janeiro: Renascença, 1934. pp. 272,3.

<sup>46</sup> ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro” (1893). Op. cit. pp. x.

<sup>47</sup> Idem. pp. x, xj.

Segundo Albuquerque, Castro “começou logo por ser [deserdado] dos beijos de sua mãe, do nome de seu pai” e “entrou na vida como um náufrago, nu de todo o carinho”.<sup>48</sup> Como se vê, os escritos de Medeiros e Albuquerque não muito distantes se encontram dos escritos quase elegíacos de Sílvio Romero. Tito Lívio de Castro nasceu no Rio de Janeiro em 1864. Não se sabe ao certo o dia de seu nascimento, ficando datado de 22 de Janeiro, quando teria sido encontrado – aparentando poucos dias de nascido – abandonado à porta de uma casa comercial localizada à Rua Direita. A casa pertencia a Manoel da Costa Paes, um comerciante português, solteiro e sozinho. Esse entregou a criança aos cuidados de uma amiga, que teria sugerido que a levassem à roda dos enjeitados. No entanto, a sugestão foi refutada, e ela acabou por criar o enjeitado até os quatro anos de idade, à custa do comerciante. A criança recebeu o sobrenome Castro, que era o da referida amiga que fizera o papel de criadeira.<sup>49</sup> Assim, Paes o batizou com o nome de Tito Lívio de Castro – possivelmente uma homenagem ao famoso historiador romano Titus Livius.

Ao completar cinco anos, em 1869, Castro passou aos cuidados do comerciante português, que após lhe ensinar os rudimentos das primeiras letras, o matriculou em 1872 no Liceu Comercial. Instituição onde teria permanecido até o ano de 1876. No ano seguinte, foi matriculado no internato do Imperial Colégio de Pedro II, passando ao externato em 1881. Dois anos depois, bacharelou-se em ciências e letras por esta mesma instituição. Em 1884 ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, doutorando-se em 1889. Morreu poucos meses depois, em 15 de maio de 1890, com apenas vinte e seis anos.<sup>50</sup> Como declarou

---

<sup>48</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros. “Lívio de Castro”. *O Estado de São Paulo*. 19 de Junho de 1890. p. 1.

<sup>49</sup> O termo criadeira é utilizado para designar as famílias que recebiam em seu lar crianças enjeitadas, recebendo em troca uma quantia em pagamento. Cf.: VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias abandonadas: assistência a criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador: séculos XVIII e XIX*. Campinas : Papyrus, 1999.

<sup>50</sup> Cronologia biográfica coligida em: ROMERO, Sílvio. 1893, 1913 e 1949. Op. cit.; ALBUQUERQUE, Medeiros e. “Lívio de Castro”. *O Estado de São Paulo*. 19 de Junho de 1890; ALBUQUERQUE, M. “O meu verdadeiro Patrono: Tito Lívio de Castro” Op. Cit. ALBUQUERQUE, M. *Quando eu era vivo... Memórias: 1867 a 1934*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945; Jornal *O Estado de São Paulo* 06 de Novembro e 24 de Dezembro de 1889, 17 e 26 de Maio, 26 de Junho e 11 de Julho de 1890; COLÉGIO PEDRO II. Livro de matrículas (N. 2) - 1858 a 1880. TERMO 703; e COLEGIO PEDRO II. *Os bacharéis em letras pelo Imperial Collegio de Pedro II e Gymnasio Nacional*. Rio de Janeiro, 1897; BLAKE, Augusto Victorino Alves

Romero, exposta cronologicamente, a biografia de Castro se resume em muito pouco. Contudo, sua breve trajetória de vida perpassa algumas das questões mais caras de seu tempo.

O abandono de crianças foi prática largamente utilizada no Brasil, em especial em zonas urbanas, a exemplo do Rio de Janeiro. Os estudos sobre o tema concentram-se principalmente nos séculos XVIII e XIX, período em que foram observados altos índices de abandono de crianças. Essa situação levou à instalação das primeiras rodas de expostos, visando minimizar as elevadíssimas taxas de mortalidade entre as crianças abandonadas.<sup>51</sup> Encontrar uma criança abandonada à porta não era algo raro no Rio de Janeiro do século XIX. O caso de Castro assemelha-se ao de muitas outras crianças que tiveram o mesmo destino. Algumas abandonadas à porta de lares, na esperança de adoção por parte dos moradores, outras levadas à roda dos expostos. Entre os anos de 1864 e 1870 prevaleceu entre o número de crianças abandonadas um maior percentual de crianças brancas. Tal realidade só mudou após 1870, quando passou a predominar o abandono de crianças negras e pardas.<sup>52</sup> Em parte, contribuiu para esta mudança a Lei do Ventre Livre, de 1871, que transformou muitos filhos de escravas em potenciais crianças abandonadas, que passaram a encher as casas de expostos, sendo consideradas “produtos de raças degeneradas, filhos de mestiços e negros”.<sup>53</sup> Este é o caso de Castro, descrito por Romero como “mestiço irrecusável”, devido a sua cor que não lhe permitia esconder a ascendência negra, como ocorria em muitos outros casos.<sup>54</sup>

O abandono foi uma das formas que muitas mães escravas encontraram para libertar seus filhos, pois era estabelecido que crianças abandonadas deveriam ser consideradas livres. Direito nem sempre respeitado por algumas famílias criadeiras, que dispensavam às crianças

---

Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. (Vol. 7). MASIERO, André Luís. “Tito Lívio de Castro (1864-1890)”. In: CAMPOS, Regina Helena de. *Dicionário Biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros*. Rio de Janeiro: Imago, Brasília (DF): Conselho Federal de Psicologia, 2001; PAIM, Antônio. “Tito Lívio de Castro”. In: *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Edição de Roque Cabral e outros. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1989.

<sup>51</sup> Cf. VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias abandonadas*. Op. cit.

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> Idem. p. 50.

<sup>54</sup> ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro”. (1893). Op. cit. p. xiiij.

que acolhiam, o mesmo tratamento dispensado aos escravos.<sup>55</sup> Porém, quais causas levavam ao abandono? Em estudo sobre o abandono de crianças no Rio de Janeiro e em Salvador nos séculos XVIII e XIX, Venâncio aponta três possíveis causas para esta prática: a condenação social que recaía sobre os filhos ilegítimos, a pobreza e a morte dos pais.<sup>56</sup> Todavia, a principal causa apontada era mesmo a pobreza, e nada seria mais anacrônico do que considerar o abandono como simples produto da falta de amor materno. Muitas famílias pobres relutavam em abandonar seus filhos, somente o fazendo por necessidade, que em muitos casos relacionava-se ao controle da prole.<sup>57</sup> A seu modo, o próprio Castro analisou as causas do abandono, defendendo que o único modo de compreendê-lo seria indagando sobre seus motivos. Assim, apontou o que considerava algumas de suas possíveis causas:

O desaparecimento do amor materno pode ter infinitas causas. Uma mãe abandona o filho por absoluta falta de meios; a necessidade faz a imoralidade; outra só vê no filho o fruto da violência por que passou ligada a um homem de sua antipatia e não de sua escolha; outra revolta-se contra a procriação porque isso significa o termo da vida livre; descuidada, cheia de prazeres e distrações, etc., etc. [...] A primeira imoralidade é necessária. [...] Se houvesse meio de impedir o sacrifício do filho sem aumentar os recursos existentes dar-se-ia o sacrifício materno. [...] É bom notar que as mães que abandonam seus filhos, as que matam, não são tão criminosas quanto parecem.<sup>58</sup>

Nota-se que a idéia de ausência de amor materno está presente, mas há também uma tentativa de justificação da mesma. Justificativa que se transforma em defesa nos casos em que o abandono – e mesmo o infanticídio – está ligado à pobreza. Segundo ele, as necessidades “iniludíveis da alimentação” justificariam o abandono, pois se o “indivíduo é o veículo de propagação da vida”, seria “um absurdo sacrificá-lo em benefício de outro que lhe

---

<sup>55</sup> CF. VENÂNCIO, Renato Pinto. Op. cit.

<sup>56</sup> Idem

<sup>57</sup> Idem.

<sup>58</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 147. A grafia foi atualizada. O mesmo ocorrerá com as demais citações de Castro ao longo deste texto.

deve a existência.”<sup>59</sup> Por isso, Castro defendia a necessidade das rodas de expostos, para que as mulheres não precisassem recorrer a meios ilícitos, como o assassinato dos próprios filhos. Ele estava convencido que os filhos ilegítimos não aumentavam com a instituição das casas de expostos, como alguns defendiam, mas, por outro lado, a supressão destas instituições por “ingênuo espírito moralizador”<sup>60</sup> contribuiria para o aumento do infanticídio.

É a defesa do abandono “civilizado”, ou seja, que era feito em locais como as igrejas, os hospitais e os domicílios, e que não incorria em risco para as crianças, não as expondo a situações de perigo.<sup>61</sup> É a defesa de alguém que sofreu esse tipo de abandono, e que talvez tenha sobrevivido graças a ele, à forma como foi feito, o que também pressupõe não a falta do amor materno, mas uma necessidade imposta pela pobreza ou pela desonra. E, na necessidade de explicações científicas para sua defesa – o que, na convicção de sua época, o exonerava de estar fazendo uma análise tendenciosa – Castro justificou sua análise afirmando ser um mal para a “moralidade científica”, propagar a espécie à custa da sobrevivência de outro indivíduo. Deste modo, ele defendia que uma pessoa não devia sacrificar sua própria vida, em função da vida de outro, mesmo que se tratasse de seu próprio filho.<sup>62</sup>

O escritor Medeiros e Albuquerque lançou dúvidas sobre os motivos do abandono de Lívio de Castro, de quem se dizia o amigo mais íntimo, o único a quem ele freqüentava a residência. Em seu livro de memórias, Medeiros e Albuquerque dedicou algumas páginas às lembranças de tal amizade.<sup>63</sup> Escreveu ele sobre o prefácio de Sílvio Romero para livro *A mulher e a sociogenia*:

A história que está contada neste prefácio sobre o nascimento de meu malogrado amigo, que o velho Paes teria encontrado recém-nascido, à porta de sua casa de comércio, é provavelmente, ou falsa de todo, ou ao menos meio falsa. O que se pode presumir é que, se a mãe do pequeno o foi

---

<sup>59</sup> Idem.

<sup>60</sup> Idem. pp. 147,8.

<sup>61</sup> Cf. VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias abandonadas*. Op. cit.

<sup>62</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 147.

<sup>63</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Quando eu era vivo...* Op. cit. p. 55.

enjeitar exatamente à porta de Paes, é porque tinha para essa escolha de local alguma razão...<sup>64</sup>

Não sabemos quais motivos levaram Albuquerque chegar a tal presunção. Essa poderia ter sido, inclusive, fruto de suas desavenças pessoais com o comerciante português. Segundo Albuquerque, havia algo de misterioso na vida de seu amigo e no relacionamento dele com o padrinho: “o português adorava-o, fazia-lhe todas as vontades. Tito Lívio, no entanto, só a ele tratava asperamente. Só a ele. Em regra, nem lhe falava”.<sup>65</sup> Após a morte de Castro, Manoel Paes e Medeiros e Albuquerque tornaram-se inimigos. Paes acusou Albuquerque de ter furtado muitos papéis de seu afilhado, e de plagiá-lo em todos os trabalhos que publicava. Albuquerque se defendeu dizendo ser a acusação fruto do ciúme do comerciante português em relação a sua amizade com Lívio de Castro.

Em 1946, mais de meio século depois da publicação de *A mulher e a sociogenia* (1887),<sup>66</sup> Plínio Salgado, em pleno dogmatismo católico, tomou tal obra como ponto de partida para uma reflexão sobre o papel a ser desempenhado pela mulher no século XX.<sup>67</sup> Para ele, o “livro triste e inquieto” de Castro era fruto direto da “danosa lacuna da sua alma de homem sem mãe”.<sup>68</sup>

É o filho sem mãe, o enjeitado, que foi acolhido por um homem e para este reivindica, em relação à mulher, iguais direitos e poderes do coração. O jovem, que foi a criança abandonada, traz sempre presente, no seu espírito, o tema que o deveria ter impressionado desde o verdor da infância: a capacidade de pensar no homem e na mulher [...]. De certo que o órfão pensava em sua mãe desconhecida, vítima talvez de uma situação social, injusta, vítima de um sistema de educação da mulher. Quem seria ela? Por onde andaria. [...] O problema lhe propunha angustioso e terrível. Para resolvê-lo usou do meio de que dispôs: a ciência.<sup>69</sup>

---

<sup>64</sup> Idem. p. 66.

<sup>65</sup> Idem.

<sup>66</sup> Contemplaremos as idéias presentes neste livro no segundo capítulo desta dissertação.

<sup>67</sup> Cf. SALGADO, Plínio. *A mulher no século XX*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1949.

<sup>68</sup> Idem. p. 12.

<sup>69</sup> Idem. pp. 25,6.



A leitura de Salgado mais se aproxima a uma análise psicologizante da ausência traumática da mãe. Não nos cabe aqui adentrar nestes méritos e, apesar da inusitada interpretação, Salgado tocou em um ponto crucial: Lívio de Castro teria recorrido à ciência na busca de explicações para fatores sociais. Algo muito próximo disso foi feito por Gilberto Freyre, em uma de suas breves referências a Castro, ao relacionar o apego a determinadas instituições à necessidade de se suprir a ausência da figura materna:

Deve-se notar que mesmo em homens eminentemente fraternalistas, como os Luís Gama, os Saldanha Marinho, os Tito Lívio de Castro e, até certo ponto os Rebouças, o amor à imagem materna parece não ter deixado de manifestar-se simbolicamente em apegos a instituições que substituíssem ou prolongassem as figuras de mães ou mulheres maternais por eles recordadas como vítimas de pais ou, pelo menos do paternalismo mais ou menos despótico então dominante. Daí, talvez, o carinho quase de filho por mãe, de alguns desses homens – mestiços e, vários deles bacharéis – por imagens ideológicas femininas em suas expressões ou convenções simbólicas como “República”, “Justiça”, “América”, “França”, “Revolução Francesa”, “Ciência”, ligadas a sonhos fraternalistas (...).<sup>70</sup>

Esta idéia corrobora a interpretação de Salgado, buscando uma explicação psicológica para as filiações político-científicas de alguns autores. Castro recorreu à ciência para explicar os mais diversos fatos da vida. Como um homem de seu tempo, possuía crença absoluta na capacidade explicativa da ciência, tanto como procedimento interpretativo da sociedade e de seus indivíduos, como também no solucionamento de todos os problemas, todas as “agruras” do país. A esta demanda, não apenas os carentes de figura materna se dedicaram, como também tomou parte toda uma geração de intelectuais preocupados com os rumos do país, querendo fazer dele uma grande nação.

Ao contrário do destino de muitas crianças abandonadas, Castro teria recebido – por meio do comerciante português Manoel da Costa Paes, que se tornou seu protetor – uma criação esmerada, com preocupações educacionais que o levariam a frequentar, desde cedo, os

---

<sup>70</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002. (Coleção Intérpretes do Brasil. Vol. 2. pp. 718,9.

bancos de escola. Seguindo as informações de Romero, aos oito anos de idade Castro teria sido matriculado no Liceu Comercial, onde permaneceria até os doze anos.<sup>71</sup> De lá, saiu para ingressar no Internato do Imperial Colégio de Pedro II, onde foi matriculado como aluno gratuito, e permaneceu por cinco anos, até sua transferência para o externato do mesmo Colégio.<sup>72</sup> O que se deu, segundo Romero, devido às perseguições promovidas pelo vice-reitor do internato,<sup>73</sup> de onde Castro guardou péssimas recordações:

O internato de Colégio Pedro 2º, colégio do Estado, colégio modelo, está situado em um local péssimo. Escolhido ‘a dedo’ um terreno impróprio para a moradia não se encontraria outro igual aquele. É um pântano alimentado pelas águas que descem da floresta da Tijuca que ali se infiltram. A estatística empregada ali demonstra a saciedade que o governo administra no seu colégio não só a instrução como o impaludismo. A umidade poreja das paredes do edifício. [...] No verão vive-se ali em uma fornalha; o solo fende-se, o ar mal distribuído pela casa construída ao acaso não se renova. [...] Dos três dormitórios existentes um é extraordinariamente grande [...]. Mas se o dormitório é imenso, em relação ao número de leitos é pequeno. Ficam ali 60 ou 70 crianças – isto é – organismos que respiram muito, que precisam de muito oxigênio, ficam ali viciando e absorvendo aquele ar desde as 9 horas da noite até as seis da manhã. Quando chove ou faz frio, fecham-se as janelas e naquela catacumba imensa respira-se um ar que é um veneno [...]. Habitua-se a anoxemia como os trabalhadores de uma mina de carvão de pedra habitua-se à irritação brônquica e pulmonar.<sup>74</sup>

As más recordações, que se mostram bastante influenciadas por análises médicas, são as conclusões do aluno de medicina, e não apenas as do menino que nas salas de ar viciado habitou por cinco anos. O Colégio Pedro II, nessa época, era a melhor instituição de ensino secundário do Brasil. Ele não apenas recebia o nome do Imperador, como também era patrocinado por esse, que possuía relações estreitas com a instituição, chegando a participar de muitos de seus eventos e a matricular o próprio neto, Dom Pedro Augusto, nesta instituição.<sup>75</sup> De acordo com Schwarcz, o Colégio Pedro II era a única instituição educacional

---

<sup>71</sup> Não encontramos, em nossas pesquisas, nenhum documento referente à passagem de Castro nesta instituição.

<sup>72</sup> Cf.: ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro” (1893). Op. cit. COLÉGIO PEDRO II. Livro de matrículas (N.2) - 1858 a 1880. TERMO 703; e COLEGIO PEDRO II. *Os bacharéis em letras pelo Imperial Collegio de Pedro II e Gymnasio Nacional*. Rio de Janeiro, 1897.

<sup>73</sup> ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro” (1893). Op. cit. p. xij.

<sup>74</sup> CASTRO, T. L. *A mulher a sociogenia*. Op. cit. p. 207,8,9.

<sup>75</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 151.

que, de certa forma, escapava ao ensino livresco, anticientífico e pouco abrangente da época.<sup>76</sup> E, como bem disse Castro, era o modelo para as demais instituições educacionais do período. Era do Colégio Pedro II que saíam os manuais, bem como as diretrizes a serem adotadas por todas as instituições educativas do Império; a ele se devia a tarefa de zelar pelo ensino tanto da corte, como das províncias.<sup>77</sup> A instrução era, àquele período, um privilégio de poucos no Brasil, de modo que integrar o quadro discente do Colégio Pedro II constituía um privilégio ainda maior.

No livro de matrícula do Colégio Pedro II ficou registrado:

Aos vinte e sete dias do mês de Fevereiro de mil oitocentos e setenta e sete matriculou-se no Internato do Imperial Colégio de Pedro 2º, no 2º ano, como aluno de 1ª classe e gratuito para aviso e 8 de fevereiro de 1877, Tito Lívio de Castro, nascido no Rio de Janeiro a 22 de Janeiro de 1864, e filho de pais incógnitos.<sup>78</sup>

O regulamento do Colégio Pedro II, de 17 de Fevereiro de 1855, declarava que poderiam ser admitidos gratuitamente até vinte alunos internos, dos quais doze deviam ser órfãos e reconhecidamente pobres.<sup>79</sup> Provavelmente esse foi o caso de Lívio de Castro, único aluno gratuito matriculado no internato no ano de 1877. Entre os trinta alunos matriculados nesse mesmo ano, apenas em sua matrícula aparecia grafado “filho de pais incógnitos”, enquanto todos os demais eram filhos legítimos, trazendo na matrícula o nome do pai. Castro foi matriculado como aluno de 1ª classe, o que significava ter que residir no internato do Colégio Pedro II que, à época, funcionava em prédio do bairro São Cristóvão. Aos alunos

---

<sup>76</sup> Idem. p. 151. Ver, também, MELO, Ciro Flávio de Castro Bandeira de. *Senhores do esquecimento; a construção do Brasil em dois manuais didáticos de História na segunda metade do século XIX*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

<sup>77</sup> Cf. HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. *O ensino secundário no império brasileiro*. São Paulo: Grijalbo, 1972.

<sup>78</sup> COLÉGIO PEDRO II – Livro de Matrículas (N.2) 1858 a 1880. Termo 703.

<sup>79</sup> BRASIL. Decreto N. 1556 de 17 de Fevereiro de 1855 - Aprova o Regulamento do Colégio Pedro II. Disponível no endereço eletrônico: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas/3\\_Imperio/artigo\\_005.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/3_Imperio/artigo_005.html) (Acessado em 22/04/2008).

gratuitos era imposto um severo rigor, não podendo ser reprovados, sob pena de perder a vaga no colégio.<sup>80</sup>

Em 19 de abril de 1879, o decreto de Leôncio de Carvalho impõe uma reforma do ensino no Brasil, declarando-o inteiramente livre.<sup>81</sup> Além disso, o decreto dispunha sobre as disciplinas a serem cursadas em cada um dos sete anos necessários para se diplomar bacharel pelo Colégio Pedro I, com forte ênfase nos estudos de línguas, em especial, as estrangeiras. Castro foi matriculado no segundo ano e, portanto, já iniciava seus estudos naquele colégio cursando disciplinas como latim e francês. Além dessas línguas e do português, até o final do curso estudaria ainda inglês, alemão e grego. Tal ênfase lingüística talvez o tenha influenciado em suas futuras críticas ao modelo educacional em voga no país. Tais críticas fundamentavam-se na importância prática das matérias ministradas que, para ele, eram justamente as que menos importavam num país como o Brasil, carecendo de ciências aplicáveis:

É mais vasto o ensino de línguas do que o de ciências. Dentre as línguas, a mais cultivada “é uma língua morta”! Dentre as ciências as mais cultivadas são as mnemônicas. O que significa neste país onde não se aprende nem uma das numerosas ciências indispensáveis à vida contemporânea, o que quer dizer este latim que nada faz, esse latim que não tem explicação? Não há biologia, não há física nem química, não há economia política, nem há história de religiões, mas há latim. [...] Ensinam-se certas ciências, mas exatamente aquelas que pela compreensão rotineira que delas se tem não merecem de modo algum o título de ciências. Neste “quartel general da biologia” na frase de Grant-Allen, não há cadeira de biologia. A história que só é ciência incorporada aos conhecimentos da antropologia geral, a história é um péssimo romance que só serve para exercitar a memória. [...] A filosofia oficial (vide programa de instrução pública) é um amálgama de absurdos banidos há muito da ciência. [...] Verdade é que não se exige discussão, exige-se reprodução de idéias. A geografia é uma mnemônica para alguns dias. A retórica uma banalidade nociva. [...] Se a linguagem é a expressão do pensamento, a retórica é a arte de fingir que se tem idéias.<sup>82</sup>

---

<sup>80</sup> BRASIL. Decreto N. 1556 de 17 de Fevereiro de 1855. Op. cit.

<sup>81</sup> Cf: DORIA, Escragolle. *Memória Histórica do Colégio de Pedro Segundo 1837-1937*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1997.

<sup>82</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 241,2.

Nesta crítica, feita para o ensino secundário brasileiro como um todo, que por sinal, se pautava no ensino ministrado no Colégio Pedro II, está presente o ponto principal defendido por Castro em seus escritos, a luta por reformas na educação. Para ele, era inadmissível que o Brasil priorizasse o estudo de línguas em detrimento do estudo de ciências como a biologia. Para conhecer seu meio físico, suas raças formadoras, solucionar as doenças que o acometiam e desenvolver-se de modo geral, o Brasil precisava urgentemente atentar para mudanças radicais em seu ensino. A crítica aos excessos de latim aparece também em Tavares Bastos – uma das influências liberais de Castro, que inclusive, utiliza citações de seu livro *A Província*. Nesta obra, Tavares Bastos também assevera que os estudos clássicos e das línguas mortas não eram os estudos de que o Brasil mais precisava, carecendo de uma reforma educacional.<sup>83</sup>

Foi uma das disciplinas cursadas no Colégio Pedro II, que possibilitou a Castro travar conhecimento com aquele que viria a ser seu maior incentivador: Sílvio Romero, que por trinta anos lecionou a disciplina de filosofia nesta instituição. Não podemos crer que esse seguia os parâmetros do programa de instrução pública para a disciplina de filosofia, nos moldes como Castro se referiu a ela: uma “amálgama de absurdos banidos há muito da ciência”.<sup>84</sup> Ao contrário, Romero – que já havia decretado a morte da metafísica em uma das diversas polêmicas em que se envolveu<sup>85</sup> – teria sido o iniciador de Castro às modernas teorias européias, como ele fez questão de narrar:

Desde 1880 a 83, o iniciara fortemente nas idéias científicas do moderno evolucionismo e nas largas instituições da nova crítica. [...] Desde 1880 não o deixei mais de vista pela natural estima que lhe votava, pelo seu enorme talento e encantadora modéstia, e pelos constantes pedidos do velho Paes. Muitos livros de filosofia, antropologia, etnografia e crítica, indiquei-lhe para ler.<sup>86</sup>

---

<sup>83</sup> BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. Op. cit. p. 198.

<sup>84</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 242.

<sup>85</sup> SCHWARCZ, LILIA Mortiz. *O espetáculo das raças*. Op. cit. p. 148.

<sup>86</sup> ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro”. In: \_\_\_\_\_. *História da literatura brasileira: diversas manifestações na prosa, reações anti-românticas na poesia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1949. Tomo V. p. 355.

Segundo Romero, em meio a muitos sacrifícios, o “velho Paes” havia facultado a Castro uma excelente biblioteca, onde o teria encontrado “atufado” entre os livros, nas diversas visitas que o fizera. Informação confirmada por seu amigo Júlio Trajano de Moura que, em nota preliminar de sua tese de doutoramento em medicina, escreveu o seguinte agradecimento: “aos generosos amigos, particularmente o talentoso Tito Lívio de Castro, que nos facilitaram importantes documentos literários sem os quais nunca poderíamos chegar ao termo do nosso trabalho”.<sup>87</sup> Nos dizeres de Romero, a biblioteca de Lívio de Castro possuía tudo o que de mais seletivo havia em psicologia, economia, política, história, antropologia, medicina, psiquiatria, filosofia e literatura, sendo tudo lido e comentado.<sup>88</sup> Uma biblioteca variada que revelaria muito do cultivo intelectual do período, o qual, para além das leituras específicas de cada área, ainda prezava pelos estudos humanistas. Muitos médicos, e com eles os estudantes de medicina, não eram versados apenas na cultura científica, ligada à esfera da saúde e das doenças, possuindo vasto conhecimento de línguas, literatura, história e filosofia.<sup>89</sup> Todo este cultivo intelectual fazia com que eles opinassem sobre os mais diversos temas, assim como ocorria com suas atuações, que se expandiam para além do saber médico, abrangendo principalmente o espaço político.

Entre as leituras que Romero afirmou ter indicado a Lívio de Castro estão trabalhos de sua autoria, como por exemplo, *A filosofia no Brasil* (1878), a *Introdução à história da literatura brasileira* (1882), e a *Interpretação filosófica dos fatos históricos* (1880).<sup>90</sup> Não é de se admirar o fato de Castro ter assumido diversas posições de seu professor, tornando-se um verdadeiro discípulo desse. A escrita de Castro possui um estilo combativo, dado a polêmicas, a enfrentamentos, e a uma boa dose de ironia, muito próxima ao estilo “virulento”

---

<sup>87</sup> MOURA, Júlio Trajano de. *Do homem americano*. Tese de doutoramento em medicina. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Carlos Gaspar da Silva, 1889.

<sup>88</sup> ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro” (1893). Op. cit. p. xiv.

<sup>89</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. p. 217.

<sup>90</sup> ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro”. (1949). Op. cit. p. 355.

de Romero. Até mesmo em algumas implicações particulares desse, como a crítica a Machado de Assis, Castro tomou partido, saindo em defesa da posição de seu mestre.

Em ensaio sobre o Naturalismo no Brasil, que acaba se configurando em mais um de seus ataques à literatura que se fazia no Brasil, Castro se recente da adesão de muitos escritores à escrita de folhetins: “Seguem quase todos os passos do Sr. Machado de Assis, o escritor que está mais deslocado na época em que vive. O Sr. Machado de Assis escreve sobre tudo, contando que seja um despropósito”.<sup>91</sup> Neste ensaio ele defende que a literatura moderna devia seguir os preceitos do cientificismo, sendo o Naturalismo a última palavra na evolução literária.<sup>92</sup> O principal motivo apontado para a condenação da obra de Machado, qual seja, sua inadequação ao estilo literário condizente com o período, demonstra como são claros os ecos da crítica de Romero na escrita de Castro. Um alinhamento que se deu também em outras querelas nas quais se empenhou o crítico sergipano, confirmando ainda mais esta espécie de “solidariedade crítica”. Assim, resvalam em Castro polêmicas “romerianas” relacionadas a nomes como os de Teófilo Braga e José Veríssimo. Ao primeiro ele dedicou todo um ensaio, com explícita adesão à posição de Romero, em relação à questão das raças formadoras da nacionalidade brasileira.<sup>93</sup>

Em 1913, na publicação de *Questões e problemas*, Romero utilizou-se do prefácio ao livro para rever sua posição em relação à contribuição indígena na formação da nacionalidade brasileira. Ele atenuou algumas de suas afirmações, em especial, a crítica de que alguns escritores, entre eles Teófilo Braga, haviam superdimensionado a importância do elemento indígena na constituição da “raça brasileira”, e lamentou que Castro o houvesse acompanhado nessa crítica:

---

<sup>91</sup> CASTRO, T. L. “O naturalismo no Brasil”. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913. p. 121.

<sup>92</sup> A produção ensaística de Castro será melhor abordada no terceiro capítulo desta dissertação.

<sup>93</sup> Ver: CASTRO, T. L. “O pretendido turanismo da modinha e do lirismo brasileiro”. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. Op. cit.

Dei sempre na constituição da nossa nacionalidade, o primeiro lugar ao colonizador europeu, o segundo ao africano, o terceiro ao indígena da terra. É escusado fazer citações. A reação proliferou e Tito Lívio a adotou. Houve, em 1870, um protesto da parte de Manoel Quintilhiano da Silva, nome agora obscuro, e, em 1882, da parte de Araripe Júnior, grande vulto de nossa crítica. Hoje reconheço que a reação, como sempre acontece, foi algum tanto além de seu alvo.<sup>94</sup>

Romero reconhece, no entanto, que sua reflexão era a de alguém com distanciamento dos fatos, escrevendo mais de vinte anos depois da polêmica, quando as coisas “andavam por outro lado”.<sup>95</sup> Castro se ocupou do debate, retomando as críticas de Romero a Teófilo Braga. Porém, antes de iniciar sua crítica, fez diversos elogios a Teófilo Braga, reconhecendo nele um dos únicos escritores portugueses desprendidos do que chamou de velhos processos literários e científicos, ainda observados em Portugal. Mas, apesar de exaltá-lo como dono de uma leitura vastíssima e de uma capacidade sintética “muito pouco vulgar”, considerou indesculpável sua posição, contrária aos “estudos de valor” de um Sílvio Romero:

O Sr. Teófilo Braga entendeu que a raça em formação no Brasil é um resultado do cruzamento dos portugueses com os índios. É indesculpável o erro, tanto mais quanto sobre este assunto há estudos de valor e entre os mais completos os do Dr. Sílvio Romero, citado pelo Sr. Teófilo Braga. [...] O cruzamento de raças que houve no Brasil não se deu, como pensa o Sr. Teófilo Braga, entre portugueses e índios, mas entre portugueses e africanos.<sup>96</sup>

Segundo ele, o Sr. Teófilo Braga – que era tão doutor quanto Sílvio Romero – teria se deixado levar por idéias preconcebidas ou por algumas palavras de Couto de Magalhães, o “exímio indianista” autor de *O selvagem* – “livro de muito mérito e que muito merece o agradecimento dos brasileiros”.<sup>97</sup> É na questão da raça formadora da nacionalidade brasileira, que está o ponto de contato mais estreito entre as idéias de Castro e as de Romero. E neste sentido, a característica que mais o aproxima da “Escola do Recife”, pois esta, apesar da já

---

<sup>94</sup> ROMERO, Sílvio. “Prefácio” (1913). Op. cit. p. xxi.

<sup>95</sup> Idem.

<sup>96</sup> CASTRO, T. L. “O pretendido turanismo da modinha e do lirismo brasileiro”. Op. cit. p.16.

<sup>97</sup> Idem.



aventada heterogeneidade, dedicou grande atenção à questão racial no Brasil, com predileção ao tema da mestiçagem, aplicando em seus estudos as teorias racialistas em voga no período.<sup>98</sup>

De acordo com ele, à terceira parte do artigo que dedicou à crítica de Teófilo Braga, deveria ter sido dado o título de *Pro nigris*.<sup>99</sup> Pois esta parte do artigo se resumia à reivindicação do que chamou de o fato mais evidente, ou seja, a preponderância de cruzamentos entre brancos e negros no Brasil; e não entre índios e brancos, como o queria Teófilo Braga e outros, a exemplo de Araripe Júnior.<sup>100</sup> Ele via na recusa de se dar ao elemento africano a devida importância histórica na formação da nacionalidade brasileira, um desejo de se esquecer um “fato palpável”: “que as gerações passadas cruzaram-se com os africanos e que as futuras de africanos descenderão”.<sup>101</sup> Argumento que se apóia no fato do negro ser visto à época, como representante das raças atrasadas e apontado como um dos entraves no desenvolvimento do país.

A recusa do indigenismo também pode ser vista como uma tentativa de Castro, e de outros intelectuais do período, de mudar o foco de atenção, direcionando-o à questão do negro e do mestiço formado no cruzamento entre brancos e negros. Segundo Castro, o negro era o elemento mais visível nos centros urbanos. Já o índio, ele reportava às matas, aos recônditos do Brasil, escondidos longe dos centros civilizados e, por isso, com menor participação no mestiçamento da população. Para ele, foi do cruzamento entre brancos e negros que resultou o grande elemento da mestiçagem no Brasil, o tipo genuinamente brasileiro:

Foi do cruzamento das duas raças que saiu o tipo popular do brasileiro, palrador, músico, hábil poeta erótico, bastante imaginoso, de energia

---

<sup>98</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*. Op. cit. p. 154.

<sup>99</sup> Possivelmente em referência ao *Postulatum pro Nigris* (Petição pelos negros), documento apresentado no Concílio Vaticano I em 1870, pelo bispo missionário Daniel Comboni, tornando-se referência no período. Cf: [http://www.vatican.va/news\\_services/liturgy/saints/ns\\_lit\\_doc\\_20031005\\_comboni\\_po.html](http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20031005_comboni_po.html). (acessado em 10/07/2007)

<sup>100</sup> CASTRO, T. L. “O pretendido turanismo da modinha e do lirismo brasileiro”. Op. cit. p. 16.

<sup>101</sup> Idem. p. 17.

momentânea, pouco dado a estudos e empresas demoradas e trabalhosas, bastante sensual e bastante inteligente.<sup>102</sup>

Essa é uma análise digna de figurar nos livros de Gilberto Freyre. Entretanto, ao mesmo tempo em que qualifica, desqualifica o mulato, elemento formado no cruzamento das raças branca e negra, e que seria o tipo popular do brasileiro. Ao mesmo tempo em que o qualifica inteligente, o caracteriza como pouco dado aos estudos e empresas demoradas e trabalhosas, ou seja, preguiçoso. A pouca disposição para as “empresas demoradas” poderia indicar, também, um caráter emocional mais ágil, inconstante e sagaz. Segundo Castro, os mestiços pareciam ser de um “temperamento linfático nervoso” e, por isso, seriam muito sensíveis e sujeitos às moléstias nervosas, o que lhes produziria um erotismo de imaginação e uma irritabilidade excessiva. Esta sensibilidade aguçada faria com que os mestiços fossem, “naturalmente”, músicos, pintores, poetas, retóricos, entre outras faculdades artísticas, reunindo ainda as qualidades de palrador e sensual.<sup>103</sup> Descrições como essa reproduziam antigos atributos associados aos negros e mestiços, que culminariam, ainda no século XIX e no início do século XX, na representação mais acabada do malandro, cuja imagem fundiu-se às de mulatos, capoeiras e desocupados, mesclando sensualidade, esperteza, marginalidade e desonestidade.<sup>104</sup>

Ao apontar o mulato como o tipo genuinamente brasileiro, Castro apontava também para uma via dupla; em uma delas ele próprio estaria inserido, ou seja, seria imaginativo e

---

<sup>102</sup> Idem. p. 18.

<sup>103</sup> CASTRO, T. L. “Duas palavras sobre a hibridiz eugenésica”. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. Op. cit. pp. 101,2.

<sup>104</sup> Sobre as representações do malandro no imaginário cultural brasileiro ver: DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997; DAMATTA, R. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001; IANNI, Otávio. “Tipos e mitos do pensamento Brasileiro”. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº 7, jan/jun 2002; MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 1983; PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e Universo Cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716 - 1789*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001; PAIVA, E. F. “De português a mestiço – o imaginário brasileiro sobre a colonização e sobre o Brasil”. In: FONSECA, Thais Nívia de Lima; SIMAN, Lana Mara de Castro (org.). *Inaugurando a história e construindo a nação: discursos e imagens no ensino de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001; PAIVA, E. F. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002; SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Complexo de Zé Carioca: Notas sobre uma Identidade Mestiça e Malandra”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1995, Nº. 29; SOARES, Carlos E. Líbano. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas (SP): Editora UNICAMP, 2001.

inteligente. Estas características contrastariam com as de um mulato “pouco dado aos estudos”, incapaz de se dedicar com afinco ao trabalho, distante da imagem que ele buscou construir de si próprio e que ficou marcada na memória de seus contemporâneos, a exemplo de Medeiros e Albuquerque. Esse o descreveu como sujeito tímido, dotado de rigidez de caráter, grande inteligência e muita dedicação aos estudos.

Castro defendia o elemento africano como a maior influência na formação racial brasileira, em detrimento do elemento indígena. Defesa essa que, segundo ele, estava livre de juízos de valor:

Esta reivindicação para com o africano é rigorosamente justa, sem o mais ligeiro vislumbre de sentimentalismo, sem idéia de apologia; trata-se apenas de uma verificação crítica e não há lugar para mais nada que isso.<sup>105</sup>

Contudo, não podemos deixar de lembrar que se trata das observações de um mulato. Os debates racialistas, a depreciação ou o elogio à mestiçagem certamente foram questões das quais ele se ocupou, não com distanciamento, mas com certo “conhecimento de causa”. É claro que também não podemos supor a possibilidade de uma afirmação sem juízos de valor de quaisquer dos intelectuais envolvidos no debate, ainda que se dissessem respaldados pela ciência, pois esta também trazia embutida em si, valores próprios de sua época. Estavam todos inseridos em uma sociedade em que os discursos raciais assumiam cada vez mais força, de modo que se posicionar diante dos mesmos constituía praticamente um dever de todo intelectual do período.

A influência africana não se daria apenas pelo cruzamento entre as raças, mas também por meio do simples contato cultural, que por gerações ocorreu no interior da sociedade brasileira. Para Lívio de Castro, todas as gerações de brasileiros haviam sido criadas por mulheres africanas, que não serviram apenas de amas de leite, mas forneceram também as primeiras idéias em contos e cantos carregados de superstição. A influência africana estaria

---

<sup>105</sup> CASTRO, T. L. “O pretendido turanismo na modinha e no lyrismo brasileiro”. Op. cit. p. 19.

dentro dos lares brasileiros, em especial, nos “escravos dedicados” que acompanhavam seus senhores por toda a vida, desde a infância até a vida adulta, morrendo fiéis aos seus senhores. Também nas “crias de casa” que acompanhavam as famílias e tinham a mesma vida que os seus senhores.<sup>106</sup> Prova desta influência, segundo ele, estaria no enriquecimento que promoveram os africanos na língua portuguesa, trazendo expressões largamente utilizadas por todo o Brasil. Sua análise não se pauta apenas pela questão biológica, mas também por uma perspectiva cultural. A mestiçagem não estava apenas no sangue, mas também nos costumes, na língua, na cultura ou, como expressou Sílvio Romero, na alma.<sup>107</sup>

Contudo, a constatação de que a influência africana estava fortemente arraigada no Brasil, também trazia muitos inconvenientes. As teorias racialistas apontavam para o atraso evolutivo do negro africano, algo que os viajantes europeus que visitaram o Brasil só fizeram confirmar. Nos relatos produzidos por muitos destes viajantes, o Brasil surgia como um país impossibilitado para o progresso devido à sua composição racial. O negro africano estaria em um estágio evolutivo inferior ao do branco europeu e, por mais que evoluísse, nunca alcançaria o nível de evolução deste último, sempre muitos passos à frente. A mestiçagem, o mais fiel retrato do Brasil, era acusada de criar indivíduos degenerados e instáveis, incapazes de acompanhar o desenvolvimento das nações evoluídas.<sup>108</sup>

O Brasil estava condenado pela raça, pelas leis da hereditariedade e da evolução. Para os intelectuais brasileiros estas teorias não deixavam de trazer dissabores, mas, apesar de lhes serem extremamente desfavoráveis, elas foram recebidas e largamente adotadas. Entretanto,

---

<sup>106</sup> Ibidem.

<sup>107</sup> ROMEREO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Imago; Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2001.

<sup>108</sup> Cf.: SCHWARCZ, Lília Moritz, *Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987; Ver também: RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976; RODRIGUES, Nina. *As colectividades anormaes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939; CAMPOS, Maria José. *Arthur Ramos: luz e sombra na antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004; CORRÊIA, Mariza. *As ilusões da liberdade. A escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista (SP): Editora da Universidade São Francisco, 2001; LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

esta intelectualidade se viu na necessidade de buscar alternativas para a superação do propagado atraso, algo que culminaria nas teorias do branqueamento – apontado como uma solução “à brasileira” para o “problema do negro”, a partir da exposição de Baptista Lacerda no I Congresso Internacional de Raças, realizado na Inglaterra em 1911 – e, mais tarde, no fim do século dezenove e no início do século XX, no eugenismo e no sanitarismo.<sup>109</sup>

Entretanto, a visão não era única e as interpretações variavam igualmente. Na mesma época, a mestiçagem assumia novos contornos nas propostas de vários dos “homens de ciência” brasileiros, sendo apontada como uma originalidade da nacionalidade brasileira. O mestiço, tão comumente considerado um degenerado, passava a figurar, também, como um diferencial positivo na formação étnica brasileira.<sup>110</sup> Castro defendeu a mestiçagem como uma forma de adaptação. Segundo ele, “as raças inferiores” comprariam “o direito à vida pelo cruzamento com as raças superiores, com as quais fusionam por intermédio da mestiçagem”.<sup>111</sup> Idéia que em muito se aproxima da tese defendida por Von Martius, sobre como deveria ser escrita a história do Brasil, e que em Lívio de Castro recebe contornos evolucionistas.<sup>112</sup>

Deste modo, os indivíduos menos aptos para as conquistas intelectuais, pertencentes às “raças atrasadas” (comumente exemplificadas, por ele, como sendo os negros africanos e os

---

<sup>109</sup> Cf.: SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. O branqueamento é, contudo, uma idéia anterior às formulações de Lacerda, expostas no referido congresso sobre raças. Cf.: HOFBAUER, Andreas. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora da Unesp, 2006. Já em 1843, no premiado ensaio “Como escrever a História do Brasil”, Karl von Martius afirmava a mestiçagem como um traço original, defendendo a teoria das três raças formadoras da nacionalidade brasileira – branca, indígena e negra – as quais deviam servir-se de meio e fim para o aperfeiçoamento racial no Brasil. Cf.: MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. “Como se deve escrever a história do Brasil” in: \_\_\_\_\_. *O Estado do Direito entre as autóctones do Brasil*. São Paulo: Editora Itatiaia/EDUSP, 1982. Sobre eugenia e sanitarismo, ver: DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Editora Contexto, 2007; LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela raça, absorvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitaria da Primeira República”. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.

<sup>110</sup> Sobre a questão da mestiçagem no Brasil do final do século XIX, ver: ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Op. Cit. Ver, especialmente, os sete primeiros capítulos, onde o autor trata sobre as teorias sobre a formação da sociedade brasileira.

<sup>111</sup> CASTRO, T. L. “O pretendido turanismo na modinha e no lyrismo brasileiro”. Op. cit. p. 19.

<sup>112</sup> Cf.: MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. “Como se deve escrever a história do Brasil” Op. cit.

aborígenes australianos), seriam suprimidos, abrindo espaço “para o advento de indivíduos novos, mais aptos, mais assimilados”.<sup>113</sup>

A defesa da mestiçagem em Castro, é necessário ressaltar, possui um traço, inequivocamente, pessoal. Trata-se, obviamente, da defesa de sua própria capacidade intelectual. Se já era problemática a recepção de teorias como a da degenerescência entre os intelectuais brasileiros – na maioria, indivíduos brancos – o que não dizer em relação a um intelectual mulato. Carregar, biologicamente, a herança de povos considerados atrasados e, em suas feições, o estigma da cor, constituía uma barreira ainda maior no alcance de suas pretensões sociais. A solução encontrada por Castro, expressa em sua própria trajetória de vida, foi a de transformar o mestiço por meio da educação, fazendo-o adquirir uma erudição que anularia as características inferiores herdadas de uma de suas “raças formadoras”. Em sua defesa, a educação surge como um agente civilizador, podendo realizar uma modificação no “fundo hereditário” do indivíduo.

Lívio de Castro não foi o único intelectual mestiço que, tendo adotado doutrinas racialistas, se viu atormentado pela dupla consciência frente à imagem que objetivou construir de si e a que via refletida no espelho. Apesar do grande distanciamento temporal, podemos verificar um bom exemplo deste incômodo em um intelectual surgido tempos depois, mas herdeiro de doutrinas científicas do XIX, em especial, daquelas que, no Brasil, foram adotadas por Nina Rodrigues – do qual também se especulou uma “mulatise”.<sup>114</sup> Referimo-nos a Oliveira Vianna que, mesmo reputando o negro como inferior ao branco, procurou amenizar suas teorias, quando estas lhe tocavam diretamente:

É tão absurdo procurar-se a *unidade psicológica* do mulato, como é absurdo pretender fixar a sua *unidade antropológica*... em regra, o que chamamos *mulato* é o mulato inferior, incapaz de ascensão, degradado nas camadas

---

<sup>113</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 368.

<sup>114</sup> De acordo com Emília Viotti, Nina Rodrigues era mulato, contudo, não encontramos mais referências quanto a este fato, apenas insinuações em relação a seu fenótipo de mestiço. COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Editora Unesp, 2007. p. 380.

mais baixas da nossa sociedade ... Há porém mulatos superiores, arianos pelo caráter e pela inteligência, ou pelo menos capazes de arianização, ascendendo às altas camadas da nacionalidade e colaborando com os brancos na obra de organização e civilização do país.<sup>115</sup>

Também Lívio de Castro se considerava superior pelo caráter e pela inteligência. Em relação à capacidade intelectual, considerava os mestiços “tão habilitados quanto os europeus”.<sup>116</sup> Com suas teorias e críticas, acreditava estar, realmente, contribuindo com a difícil tarefa de organizar e de civilizar o Brasil. Se sua imagem física refletia simplesmente um mestiço – “categoria” que, segundo ele mesmo, fornecia o maior contingente para as prisões –, a imagem que ele construiu de si próprio e que buscou passar aos outros é a de um indivíduo versado no que de mais moderno a ciência tinha a oferecer; por isso mesmo, em igualdade intelectual com o branco europeu, tido por mais evoluído e civilizado.

#### 1.4 – A “moléstia da cor”

As espécies não nascem para serem felizes, nascem para viver e vivem para morrer. A felicidade é uma concepção humana; é a esperança da matéria que se faz consciência.<sup>117</sup>

Segundo nos informou Romero, perseguições e injustiças acompanharam Lívio de Castro por toda a vida. No Colégio Pedro II sofreu com perseguições do vice-diretor, e mesmo na Faculdade de Medicina essas não o abandonaram, podendo ser explicadas devido a sua cor:

Injustiças, grosserias, perseguições, sofreu-as Tito Lívio nos colégios que cursou, e mesmo na academia. Seu gênio absolutamente rígido no caráter, sua cor de mestiço irrecusável são capazes de explicar a origem desses ataques partidos de almas mesquinhas. De alguns destes fatos tive em tempo conhecimento imediato. [...] Incansável, atento a tudo, o velho Paes

---

<sup>115</sup> OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. (1918). Apud: DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999. p. 171. (Grifos no original)

<sup>116</sup> CASTRO, T. L. “Duas palavras sobre a hybrydez eugenésica”. In: *Questões e problemas*. Op. cit. p. 100.

<sup>117</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 394.

nunca lhe faltou para o proteger e vingar. E algumas dessas vinditas foram merecidamente fortes.<sup>118</sup>

Enquanto o “mulato eugênico” de que nos fala Gilberto Freyre caracterizava-se por uma pele mais clara e traços fisionômicos mais finos, mais próximo do tipo europeu,<sup>119</sup> o “mestiço irrecusável” de Romero, parece nos informar o contrário. Ele não descreve sua figura, mas o qualificativo de irrecusável nos leva a esta conclusão. O tipo eugênico seria aquele que poderia facilmente se passar por branco em locais onde era desconhecida sua origem. Esse teria sua personificação literária no personagem Raimundo José da Silva, protagonista de *O mulato* de Aluísio Azevedo:

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro se não foram os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica da sua fisionomia era os olhos – grandes, ramalhudos, cheios de sombras azuis; pestanas eriçadas e negras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido; as sobrancelhas, muito desenhadas no rosto, como a nanquim, faziam sobressair a frescura da epiderme, que, no lugar da barba raspada, lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarela sobre papel de arroz.

Tinha os gestos bem educados, sóbrios, despidos de pretensão, falava em voz baixa, distintamente sem armar ao efeito; vestia-se com seriedade e bom gosto; amava as artes, as ciências, a literatura e, um pouco menos, a política.<sup>120</sup>

Para alguns, uma descrição quase inverossímil devido aos olhos azuis em um filho de “negra retinta”. Além do “mulato eugênico”, Freyre ainda nos fala do “mulato cor-de-rosa”, expressão que, segundo ele, foi utilizada por Eça de Queiróz, ao se referir ao escritor e diplomata brasileiro Domício da Gama, e designaria o mulato de comportamento branco, característica que também se aproximaria do mulato criado por Azevedo.<sup>121</sup> O mesmo se poderia dizer de Machado de Assis, que apesar de pouco “eugênico” na aparência, o era nos modos, afastando até mesmo de sua escrita a temática da cor, quase não apresentando-a

<sup>118</sup> ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro (1893). Op. cit. p. xij. (grifo nosso)

<sup>119</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Op. cit. p. 1233.

<sup>120</sup> AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. Belo Horizonte: Editora Crisálida, 2005. p. 37.

<sup>121</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Op. cit. p. 1233.



enquanto componente dramática de sua obra.<sup>122</sup> Entretanto, é preciso ter em conta que Machado escreveu para uma elite letrada de maioria branca e que, mesmo não sendo o elemento principal de sua narrativa, o negro não esteve de todo ausente em sua obra, ainda que aparecesse apenas secundariamente. Contudo, nem todos foram os que conseguiram, assim como Machado, transitar desenvoltamente no meio branco. Outros, a exemplo dele, buscaram trilhar o mesmo caminho, mas o estigma da cor, sempre os acompanhou. Como afirmou Lustosa, “culto ou influente, com qualidades ou defeitos, o negro é antes de tudo um negro e, se em destaque, fora de seu lugar”.<sup>123</sup> A mobilidade social teria sido mais difícil entre os negros do que entre os mulatos, mas estes últimos também tiveram muitas dificuldades para construir seu lugar. Muitos mulatos “cultos” e letrados se ressentiram do meio social que viviam, composto em sua maioria por indivíduos brancos. Um bom exemplo é o de Lima Barreto, que, indo na contramão da tendência dominante, é tido como o mulato que enegreceu.<sup>124</sup>

Castro não chega a enegrecer – muito pelo contrário – mas também não exclui a temática da raça de sua obra. Como “mestiço irrecusável”, ele enfrentou preconceitos inevitáveis, em uma época que preconceitos foram matéria-prima para teorias racialistas.<sup>125</sup> Para Freyre, esta situação levou ao arrivismo de muitos mulatos, quando em situação superior de cultura, de poder ou de riqueza.<sup>126</sup> Sílvio Romero atribuiu aos mulatos uma “moléstia da cor”, “esse mal não definido ainda, que ainda não tem nome, e deve ser uma espécie de nostalgia da alvura, envolta em certa dose de despeito contra os que gozam da superioridade da brancura”.<sup>127</sup> Lima Barreto em uma de suas referências a Castro, retoma esta definição,

---

<sup>122</sup> LUSTOSA, Isabel. “Negro humor: a imagem do negro na tradição cultural brasileira”. In: \_\_\_\_\_. *As trapaças da sorte: ensaios de política e de história cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 281.

<sup>123</sup> Idem. p. 281.

<sup>124</sup> Idem.

<sup>125</sup> Cf: GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

<sup>126</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. (Coleção Intérpretes do Brasil. Vol. 2). p.534

<sup>127</sup> ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis - Estudo Comparativo de Literatura Brasileira*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. pp. 188-9.

afirmando ter o “malogrado” médico sofrido de tal moléstia.<sup>128</sup> Barreto poderia ele mesmo, incluir-se nesta definição, não por despeito aos brancos, ou por nostalgia da alvura, como supunha Romero, mas por razões sociais.

Por ocasião da morte de Lívio de Castro, o poeta Raimundo Correia<sup>129</sup> prestou sua homenagem, lembrando o tempo em que os dois eram internos no Colégio Pedro II:

Nunca mais tive a satisfação de encontrá-lo. Guardo dele, entretanto, viva memória: era magro, débil e triste, e com ar acanhado, como o de um catecúmeno, e tinha, além disso, evidentemente, o que notavam condiscípulos e mestres... tinha, com efeito, a sua raça. Ah! De raça, porém, e de melhor raça era o grande talento que, posteriormente revelou um dos mais belos e robustos da geração moderna; talento sério e grave, consagrado especialmente à ciência e às investigações filosóficas.<sup>130</sup>

O seu talento foi descrito como o de “melhor raça”, no sentido de melhor qualidade. Todavia, não nos parece que a mesma afirmação seja válida para o que teriam notado seus condiscípulos e mestres em relação à raça expressa em suas feições e em sua pele, e que talvez explicasse seu acanhamento e seu ar de tristeza. Sua “cor de mestiço irrecusável” também foi lembrada por Medeiros e Albuquerque. É dele o testemunho mais complexo da personalidade de Lívio de Castro, pois teria sido seu amigo íntimo. Escreveu ele:

Era um mulato o moço ilustre que o Brasil perdeu, o amigo sem igual, o irmão que eu vi morrer. E esse simples fato, que poderia ser sem importância, explica-lhe o caráter concentrado e sisudo, explica-lhe o esforço contínuo para o cultivo de uma inteligência de primeira ordem. O preconceito de cor suicidou-o lentamente com excesso de retraimento e estudo, com análise perpétua dos seus menores atos, análise tão constante que foi preciso a morte para dar seus mais íntimos amigos a chave do enigma de sua alma. Achamo-la por acaso nos fragmentos de seu diário íntimo em que, mencionadas as tristezas e alegrias, as lágrimas sobrepõem dolorosamente a magra notação de risos. Foi lá que vimos estas confissões:

---

<sup>128</sup> No trecho referido, Barreto compara Castro ao personagem principal do livro *Histórias de João Crispim*, de Enéas Ferraz: “trata-se de um rapaz de cor, de grande cultura, egresso de toda e qualquer sociedade, menos das bodegas tascas e prostíbulos reles. É um caso de ‘moléstia da cor’, como qualifica Sílvio Romero, tratando de Tito Lívio de Castro, no prefácio que escreveu para *A mulher e a sociogenia* - desse malogrado escritor”. BARRETO, Lima. “História de um mulato”. In.\_\_\_\_. *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 95.

<sup>129</sup> Raimundo da Mota de Azevedo Correia foi magistrado, diplomata e poeta, sendo membro fundador da cadeira de nº. 05 da Academia Brasileira de Letras.

<sup>130</sup> CORREIA, Raimundo. “Tito Lívio de Castro”. *Vassourense*, 06 de Julho de 1890. (Grifo no original)

“o homem pode libertar-se de todos os preconceitos, menos um – o da cor. Para alguns criminosos há o remorso; para alguns deserdados há o amor próprio”.<sup>131</sup>

A cor da pele seria, na interpretação de Medeiros e Albuquerque, a chave para se compreender a verdadeira essência de Lívio de Castro. Já no colégio, ele havia sido iniciado nas injustiças da sociedade: “desconheceram-lhe aí o talento e grandeza de alma para verem tão somente – o mulato e o enjeitado”.<sup>132</sup> A cor teria moldado seu caráter rígido e feito com que ele buscasse se fazer respeitar pela inteligência, num desejo inconfessável de provar sua capacidade intelectual. Respeito que seria alcançado não apenas no reconhecimento de sua inteligência, mas também de seus modos, que de tão retraídos, tão comedidos, o faziam parecer triste e sisudo. O trecho que, segundo Albuquerque, pertencia ao diário íntimo de Castro é revelador.<sup>133</sup> A sua condição de mulato o atormentaria, seria sempre um estigma em uma época na qual a escravidão ainda era uma realidade. Segundo o mesmo diário, Lívio de Castro amou por duas vezes, na primeira delas a escolhida teria sido a filha de um rico jornalista, e na segunda vez, uma colega estudante da faculdade de medicina. De acordo com Medeiros e Albuquerque, estes amores platônicos foram fontes de grande sofrimento para Lívio de Castro. Esse, “sentindo o estigma de sua cor e de seu nascimento”, teria os julgados impossíveis e os guardado em segredo, confessando apenas a seu diário.<sup>134</sup>

A raça, acima de qualquer uma de suas qualidades, era sempre a primeira característica ressaltada por todos aqueles que lembraram de sua triste figura. Ele é lembrado em algumas rápidas referências em alguns livros de Lima Barreto. Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, ele é citado em meio a outros mulatos eminentes, como os músicos Domingos Caldas Barbosa, José Maurício Nunes Garcia e o poeta Silva Alvarenga, além do “mestre” da

---

<sup>131</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. “Lívio de Castro”. *O Estado de São Paulo*. 19 de Junho de 1890. p. 1. (Itálico no original).

<sup>132</sup> Idem.

<sup>133</sup> Medeiros e Albuquerque apontou a existência de cinco diários entre as coisas de Castro. Seu testemunho corrobora o fato, narrado por Sílvio Romero, segundo o qual o português Manuel da Costa Paes teria se queixado de que, após a morte de Lívio de Castro, seus amigos entraram no quarto no qual, pouco antes jazera o morto, e retirado livros, jornais e manuscritos. ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro”. (1949) Op. cit. p. 347.

<sup>134</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. “Lívio de Castro”. Op. cit. p. 1.

“Escola do Recife”, Tobias Barreto. O livro narra a história de um rapaz pobre, inteligente, honesto e ambicioso, que possuía todos os requisitos para vencer na vida, exceto um: a cor.<sup>135</sup>

Na passagem em questão, o protagonista do livro se recende de críticas feitas ao personagem Plínio de Andrade que, segundo Francisco A. Barbosa, representava o próprio Lima Barreto:

E o monstruoso redator desatou dizendo asneiras. Eu estava ali, de colarinho sujo, esfomeado, mas tive ímpeto de discutir e de quebrar a cara dos idiotas que o ouviam. Entre eles, havia alguns a quem cabia bem a carapuça, mas que se calaram cobardemente. Queria perguntar-lhe se aqueles seus artigos acacianos, cheirando ainda muito à brochura francesa de dois mil e quinhentos se podiam pôr a par dos trabalhos do Tito Lívio, do Tobias Barreto; eu queria pergunta-lhe se a sua genialidade no artiguete seria capaz de aparecer se tivesse nascido nas condições desfavoráveis do Caldas Barbosa, do José Maurício, do Silva Alvarenga e outros!<sup>136</sup>

Aqueles a quem, segundo Lima Barreto, “cabia bem a carapuça”, provavelmente seriam mulatos, e, as condições desfavoráveis de nascimento dos nomes relacionados neste trecho seriam a sua cor e o fato de terem nascido, quase sempre, pobres. O que, contudo, não os impediu de pleitear lugares ocupados apenas por brancos. Chegar às posições ocupadas por eles, é o que demonstrava genialidade para Barreto. Castro, contudo, não chegou a ocupar nenhuma grande posição, tendo morrido cedo, antes que pudesse ver suas aspirações alcançadas. O único cargo ocupado por Castro em sua vida foi o de lente interino da cadeira de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, cargo exercido por dois meses, no período em que o catedrático responsável pela cadeira, o professor Teixeira Brandão, estava em viagem à Europa.<sup>137</sup> Pelo trabalho nada teria recebido, “por birras e patacoadas muito comuns na administração brasileira”, nos dizeres de Romero.<sup>138</sup> Além disso, Castro teria exercido a liderança sobre um grupo de alunos da Faculdade de Medicina,

<sup>135</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952. (Série documentos brasileiros nº. 70). pp. 161,2.

<sup>136</sup> BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992. p. 95.

<sup>137</sup> Segundo Antônio Paim, Castro regeu por um ano a cadeira de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e não apenas dois meses. Como não tivemos como confirmar esta informação, optamos pela informação fornecida por Sílvio Romero, contemporâneo de Castro. PAIM, Antônio. “Tito Lívio de Castro”. In: CABRAL, Roque et. al. (org.). *LOGOS – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1989. p. 891.

<sup>138</sup> ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro”. (1893). Op. cit. p. xij.

servindo-lhes de mestre em estudos como os de histologia, física, química, anatomia e vivisseção.<sup>139</sup> “Éramos uma verdadeira sociedade de estudos literários, científicos e filosóficos”, afirmou Albuquerque que, apesar de não cursar medicina como os demais integrantes do grupo, participava das discussões, tendo, inclusive, freqüentado um curso particular de História Natural ministrado pelo naturalista Emílio Goeldi, especialmente para o grupo.<sup>140</sup> Para sua tese de doutoramento em medicina, Castro escolheu o tema da psiquiatria, disciplina relativamente nova àquele período. Segundo Sacramento Blake, em virtude disso, Castro foi nomeado vice-diretor do Hospício Nacional dos Alienados,<sup>141</sup> instituição que costumava freqüentar na coleta de informações para seus estudos.<sup>142</sup> Esta informação foi confirmada pelo Jornal *O Estado de São Paulo*, que noticiou:

[...] sempre mestres e colegas o consideraram e respeitaram pelo seu talento robustíssimo e pela sua aplicação verdadeiramente excepcional, e logo depois de formado, distinguiu-o o governo nomeando-o para o cargo de grandes responsabilidades no Hospício dos Alienados. O governo não fez mais do que justo.<sup>143</sup>

Contudo, Castro não chegou a tomar posse do cargo, morrendo antes que pudesse transformar, como Simão Bacamarte, todo o Rio de Janeiro em uma grande “Casa Verde”.<sup>144</sup> As previsões positivas para seu futuro não se confirmaram, e “o talento mais brilhante do grupo de jovens médicos darwinistas do Rio de Janeiro”, com apenas vinte e seis anos de idade, morria sem realizá-las.<sup>145</sup> Fora vitimado pela tuberculose, doença que fizera grandes estragos principalmente entre os participantes da geração romântica, a exemplo de Álvares de Azevedo, morto antes mesmo de completar vinte e um anos, e Castro Alves, morto aos vinte e quatro anos. Ambos, adeptos da corrente literária que Lívio de Castro tanto combateu, em

---

<sup>139</sup> ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro”. (1913). Op. cit. p. 340.

<sup>140</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Quando eu era vivo...* Op. cit. pp. 49 e 56.

<sup>141</sup> BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. (Vol. 7). p. 308.

<sup>142</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Quando eu era vivo...* Op. cit. p. 62.

<sup>143</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. “Lívio de Castro”. São Paulo: 17 de Maio de 1890. p. 1.

<sup>144</sup> ASSIS, Machado. *O alienista*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

<sup>145</sup> BARROS, Roque Spender Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. Op. cit. 171.

favor de uma estética realista-naturalista. Contudo, sua resignação diante da morte o aproximou dos heróis festejados pela literatura romântica.

Novamente, é Medeiros e Albuquerque quem nos narra os últimos dias de vida de Lívio de Castro. Segundo ele, Castro impôs-se um longo e doloroso suicídio de corpo e alma, recusando todos os tratamentos de que lhe cercava seu cuidadoso padrinho, Manuel Paes. Seus últimos três dias foram de febre e hemoptises constantes, acompanhadas de delírios quebrados por raros momentos de lucidez:

A agonia começou na noite de 13 de Maio para acabar dois dias depois. O corpo jazia quase inerte: apenas o peito arquejava constante e regularmente e havia de quando em quando grandes soluços aflitivos. Lá fora naquela noite de grande festa ouvia-se o barulho alegre do povo [...] os compassos de uma valsa amorosa e lânguida misturavam ao arquejo lamentável daquela mocidade moribunda. Os que estávamos no quarto notamos como parecia rebuscado aquele contraste, que a ironia, porém, da realidade nos fazia sentir tão tristemente. [...] Mas a morte tinha que vir e chegou afinal na madrugada do dia 15, ao cabo de dois dias e duas noites de agonia. O arquejo foi diminuindo, diminuindo e extinguiu-se enfim com uma última golfada de sangue negro...<sup>146</sup>

Enterraram-no na tarde daquele mesmo dia. Fazia sol quando o cortejo fúnebre atravessou “as ruas aristocráticas do Botafogo, com seu esquife longo e estreito”, passando pela baía de Guanabara, seguindo em direção ao cemitério São João Batista. Sobre seu túmulo não colocaram nenhuma cruz, os amigos não consentiram nenhuma celebração religiosa, pois seria contradizer aquele que ali sepultavam. Foi seu médico e amigo, o Dr. Júlio Trajano de Moura, quem jogou a primeira pá de cal sobre seu caixão, seus olhos estavam cobertos de lágrimas, como nos narrou Albuquerque.<sup>147</sup> Dessa forma, os amigos contrariaram um poema, que Lívio de Castro escrevera na adolescência, parodiando Álvares de Azevedo:

Eu não tenho, meu Deus, a mãe querida,  
Nunca tive os sorrisos de uma irmã,  
Dois soluços de menos eu teria,

---

<sup>146</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros. “Lívio de Castro”. Op. Cit. p. 1.

<sup>147</sup> Idem.

Se eu morresse amanhã.<sup>148</sup>

Os jornais noticiaram sua morte. A *Gazeta de Notícias* informou que seus amigos cobriram seu túmulo de muitas flores, lembrando também de seu padrinho, que teria ficado extremamente amargurado com a morte daquele a quem tanto se dedicara.<sup>149</sup> Todavia, tão logo se recuperou da perda, Manoel Paes tratou de fazer publicar os escritos de seu falecido protegido, entregando a Sílvio Romero parte da missão. Queria que todos pudessem reconhecer o valor de Lívio de Castro, queria ver sua memória imortalizada em seus livros.

Lima Barreto, no conto *Agaricus Auditae* (cogumelos auditivos) incluiria Castro entre ilustres desconhecidos participantes de uma egrégia academia:

[...] acontece que os senhores não conhecem bem o Brasil, senão saberiam que existe uma academia respeitável e egrégia, não só pelos vários ramos de ciências naturais nela cultivados, como também pelo número de sábios mortos e vivos a ela pertencentes [...]. Então conhece o senhor a “Academia dos Esquecidos”?

— Não!

— É de admirar! Pois, creia-me, dela, além dos atuais, fizeram e fazem parte ainda: Alexandre Ferreira, Conceição Veloso, Gomes de Souza, o doutor José Maurício Nunes Garcia, Domingos Freire, Tito Lívio de Castro, Morais Vale [...].<sup>150</sup>

Lívio de Castro não estava de todo esquecido. Em 1932, trinta e cinco anos após a Fundação da Academia Brasileira de Letras, Medeiros e Albuquerque, um de seus membros fundadores, pronunciou um discurso intitulado “Meu verdadeiro patrono: Tito Lívio de Castro”.<sup>151</sup> Albuquerque, que tinha como patrono José Bonifácio, o Moço, disse tê-lo escolhido para o patronato de sua cadeira – a de número vinte e dois – de súbito, diante de poucas opções que lhe ofereceram e sem ter tido muito tempo para pensar. Ele se preocupou

---

<sup>148</sup> Apud.: ALBUQUERQUE, Medeiros. “Lívio de Castro”. Op. cit. p. 1. Segundo Albuquerque, também este poema fora encontrado em um dos diários de Lívio de Castro.

<sup>149</sup> GAZETA DE NOTÍCIAS. “A propósito do Dr. Tito Lívio de Castro...”. Rio de Janeiro: 25 de Maio de 1890. p. 01.

<sup>150</sup> BARRETO, Lima. “*Agaricus Auditae*”. In: *História e Sonhos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. p. 104.

<sup>151</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. “O meu verdadeiro Patrono: Tito Lívio de Castro”. (Discurso proferido na Academia Brasileira de Letras em 18 de Fevereiro de 1932). In.: \_\_\_\_. *Homens e cousas da Academia Brasileira*. Rio de Janeiro: Renascença, 1934.

em dizer que não renegava o seu patrono, mas que “se tivesse tido tempo para meditação, escolheria sem dúvida alguma Tito Lívio de Castro”.<sup>152</sup> Inusitadamente, esse foi escolhido como patrono da cadeira de número trinta, da Academia Amazonense de Letras, fundada em 1918. A escolha do patrono coube ao fundador da cadeira, Alcides Bahia. Negro e abolicionista, Bahia estudou no Rio de Janeiro no final do século XIX, e se tornou um político renomado no Amazonas, onde se refugiou por motivos de perseguição política.<sup>153</sup> Na recepção acadêmica ao poeta amazonense Thiago de Mello, ficou registrado:

O mais cintilante brasão espiritual que a Academia Amazonense de Letras poderia conferir a um poeta da linhagem de Thiago de Mello era fazê-lo sentar na cadeira nº. 30, cujo patrono é Tito Lívio de Castro. Só esta legenda fulgurante valeria, desde logo, por uma consagração.<sup>154</sup>

O patronato da cadeira atualmente pertence a Castro Alves, o “poeta dos escravos”. A Lívio de Castro talvez coubesse, finalmente, ocupar sua cadeira na “Academia dos Esquecidos”. Contudo, algum curioso transeunte passando pelo pacato bairro do Moneró, na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, ainda poderá se indagar ao deparar-se com uma placa indicando: Rua Tito Lívio de Castro.

### **1.5 - Uma “fulgurante plebe intelectual” mestiça**

Em *Sobrados e Mucambos*, Gilberto Freyre ressalta as novidades trazidas pelo século XIX, que presenciou a decadência do patriarcado rural e o desenvolvimento urbano. A elite rural e branca teria visto parte de seu poder ser transferido para uma crescente “burguesia intelectual”, e fluir das casas-grande para os sobrados das cidades. O século XIX teria trazido condições propícias para a ascensão de uma nova elite, não mais ligada a propriedades e

---

<sup>152</sup> Idem. p. 272.

<sup>153</sup> BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário Amazonense de biografias*. Rio de Janeiro: Artenova; Manaus: Fundação Cultural do Amazonas, 1969. p. 21.

<sup>154</sup> MORAIS, Péricles. “Recepção acadêmica”. *Discursos acadêmicos da Academia Amazonense de Letras*, 05 de fevereiro de 1955. Disponível em meio digital: <http://www.academiadeletras-am.org.br/swf/Cadeira29RecepçãoAdademiaPM.swf> (Acessado em 18/06/2007)



títulos. Desde o período colonial, a figura do bacharel já vinha se destacando. Formado em Coimbra ou em outros centros de saber na Europa, o bacharel anunciava um novo poder em formação, que alcançaria seu auge na segunda metade do século XIX.<sup>155</sup> Neste contexto, a criação das faculdades de direito e de medicina no Brasil foram de fundamental importância. À elas afluíram jovens provenientes de todo o Brasil, oriundos de famílias importantes, mas também muitos outros sem nome e sem posses em busca de ascensão social. Muitos deles eram mestiços das mais diversas origens sociais, filhos ilegítimos de importantes senhores de terra, de padres, ou mesmo apadrinhados por indivíduos ricos ou de importância social. Contudo, muitos outros eram filhos de pequenos comerciantes, de mascates, de “mãe quitandeira e pai funileiro” – entre outras ocupações consideradas menos nobres – que se esforçaram para educar seus filhos.<sup>156</sup> Também existiram aqueles que dependeram quase que exclusivamente de seu esforço particular, precisando trabalhar para pagar seus estudos.

Gilberto Freyre considerou a expressão “fulgurante plebe intelectual” – por ele atribuída a Gilberto Amado – perfeita para se caracterizar os bacharéis de origem humilde e, em muitos casos, “negróides”, que se multiplicaram no século XIX.<sup>157</sup> Esses teriam buscado compensar a deficiente posição social por eles ocupada e a inferioridade de suas condições étnicas por meio da cultura intelectual. O prestígio trazido pelo diploma de bacharel era transformando em passaporte para se ingressar em meios sociais freqüentados pela elite branca – além de proporcionar casamentos vantajosos – o que terminava por branquear socialmente muitos mestiços. Ao analisar o Censo Geral do Império, de 1872, Lima observa

---

<sup>155</sup> Não foram apenas estudantes brancos que seguiram do Brasil para estudar em faculdades européias, em especial, em Coimbra. Muitos homens brancos enviaram seus filhos mestiços, filhos ilegítimos, às vezes, nascidos escravos, para fazerem seus estudos no exterior. Ver: PAIVA, Eduardo França. “Leituras (im)possíveis: negros e mestiços leitores na América Portuguesa. In. DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (org). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 482.

<sup>156</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Op. cit. p. 1223.

<sup>157</sup> Idem. p. 1225.

que havia uma tênue relação entre cor e condição social.<sup>158</sup> Neste Censo, utilizava-se pela primeira vez o conceito de raça, que aparecia dividido nas categorias: preto, pardo, branco e índio.<sup>159</sup> Contudo, observa-se que a identificação racial de um indivíduo poderia sofrer alterações de acordo com sua condição social. Com a absorção das teorias deterministas no Brasil, fato que se acelerou no pós-1870, o conceito de raça – até então, não colocado sob uma ótica científicista e evolucionista – passou a dominar o ambiente intelectual, fazendo com que uma auto-identificação racial fosse problemática para muitos negros e mestiços. Se nas últimas décadas do século XIX tornava-se cada vez mais evidente a ascensão social desses indivíduos, para eles também se tornava cada vez mais difícil se auto-representarem em uma sociedade na qual o preconceito racial começava a assumir um caráter científico. Por isso, a relação entre identidade racial e condição social foi também uma tensão constante entre aqueles que se ocuparam da questão nacional, da solução dos problemas nacionais ou que, simplesmente, transitaram por um meio social ainda predominantemente branco. Entre os mulatos eminentes do século XIX, e não necessariamente bacharéis ou doutores, o escritor Machado de Assis é um bom exemplo da relação entre raça, condição social e branqueamento identitário.

Machado de Assis era filho de um operário mulato e de uma imigrante açoriana, tendo ficado órfão ainda na infância. Pobre, logo cedo começou a trabalhar, recebendo uma educação irregular que foi compensada pelo autodidatismo que tanto o caracterizou. De funcionário aprendiz na Imprensa Oficial, Machado conseguiu se tornar o grande escritor brasileiro de seu tempo, tendo enveredado pela carreira burocrática e ocupado cargos de importância no governo brasileiro. Circulou em um meio dominado por brancos, alcançando grande prestígio e respeito. Raramente era apontado como mulato, com pena de parecer

---

<sup>158</sup> LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003. p. 127.

<sup>159</sup> MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 59.

desrespeito à figura tão eminente, o que lhe valeu o título de “efígie emblemática do processo de branqueamento identitário”.<sup>160</sup> Duarte advertiu que a postura de recalque da etnicidade negra, adotada por Machado de Assis, era uma estratégia de sobrevivência à morte social, diante de uma conjuntura política, científica e cultural em que o negro e o mestiço eram depreciados e inferiorizados.<sup>161</sup> Atenuar ou mesmo negar a cor da pele e os traços “negróides” não significava, naquele momento, uma simples negação da origem étnica, mas também a necessidade de manutenção de uma posição social alcançada não sem muito esforço.

Ao contrário do autodidata Machado de Assis, muitos mestiços e negros – estes últimos em menor quantidade – tiveram acesso a uma educação refinada, freqüentando universidades e grandes escolas do Império: negros como o pintor Estevão Silva, que estudou na Academia Imperial de Belas Artes e se notabilizou na pintura de naturezas-mortas, e o poeta simbolista Cruz e Souza; mulatos como o médico psiquiatra Juliano Moreira, que alcançou renome internacional, além de outros destacados nomes como os do mestre da “Escola do Recife” Tobias Barreto, do jornalista José do Patrocínio e dos engenheiros Antônio e André Rebouças.

Como ocorria em diversos casos, Lívio de Castro recebeu o apoio de um protetor na aquisição de educação superior. Outros, a exemplo do poeta Luiz Gama, que foi vendido como escravo pelo próprio pai, apesar de ter nascido livre, trilharam caminhos bem mais tortuosos.<sup>162</sup> Mas todos eles partilharam de uma “vivência mestiça”, ainda que esta mestiçagem, consciente ou inconscientemente, tenha sido atenuada ou mesmo negada. Lívio de Castro, segundo relato de seus contemporâneos, olhava o mundo com olhos tímidos como se assim pudesse esconder sua ascendência negra, que certamente o devia embaraçar frente às teorias científicas que hierarquizavam as raças e inferiorizava sua origem. Teorias essas, que

---

<sup>160</sup> DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afro-descendente*. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Pallas/ Crisálida, 2007. p. 7.

<sup>161</sup> Idem. p. 241.

<sup>162</sup> Cf.: AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*. Campinas (SP), Editora UNICAMP, 1999.

ele próprio endossava. Luiz Gama, por sua vez, enfatizava sua origem negra, invocando orgulhoso a imagem de sua mãe, uma africana livre que ele descreveu ser “de um preto retinto e sem lustro” e de uma personalidade “altiva, geniosa, insofrida e vingativa”.<sup>163</sup> Gama criticava os que, ao contrário dele, tentavam esconder sua origem:

Esquecem os negrinhos seus patrícios;  
Se mulatos de cor esbranquiçada,  
Já se julgam de origem refinada,  
E, curvos à mania que os domina,  
Desprezam a *vovó* que é preta-mina.<sup>164</sup>

A postura adotada por Gama relacionava-se diretamente com o seu histórico de escravidão, pois ainda que tenha nascido livre, ao ser irregularmente vendido por seu pai, viveu por um longo período como escravo. Esta vivência cativa certamente o influenciou em sua luta contra a discriminação racial no Brasil, algo que não encontramos de forma tão diretas em outros mestiços no período.<sup>165</sup> Enquanto Luiz Gama deixava clara sua ascendência utilizando de meios irônicos e sarcásticos para criticar os que não seguiam seu exemplo, mulatos como André Rebouças se caracterizavam enquanto tal, mas de maneira mais contida. Amigo íntimo do Imperador Dom Pedro II, Rebouças sempre teria sido discreto nas questões relativas à sua ascendência negra e quase nunca a levou em conta nas dificuldades profissionais que encontrou, só expressando mais abertamente sua origem no período de exílio.<sup>166</sup> Observe-se que Rebouças, assim, diferenciava-se de seu pai, o Conselheiro Antônio Pereira Rebouças, advogado provisionado e também mulato, que sempre fez questão de

---

<sup>163</sup> GAMA, Luiz. (1859) Apud. AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de carapinha*. Op. cit. p.68.

<sup>164</sup> Idem. p. 61. (itálico no original)

<sup>165</sup> Cf.: DUARTE, Eduardo de Assis. Machado de Assis afro-descendente. Op. cit.; PESSANHA, Andréa Santos. Da abolição da escravatura à abolição da miséria: a vida e as idéias de André Rebouças. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

<sup>166</sup> CARVALHO, Alice Rezende de. *O quinto século: André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ-UCAM, 1998. p. 64.

evidenciar sua situação de “não-branco”, apesar de ter vivido a dubiedade entre a defesa da propriedade, que legitimava a escravidão e a luta anti-racista.<sup>167</sup>

Os mestiços aqui destacados notabilizaram-se pelo estudo, mostrando-se tão capazes como qualquer outro indivíduo de origem branca. Não por acaso, Lívio de Castro defendeu a educação como solução para os problemas do Brasil. Para ele, e para outros mestiços, a educação foi um meio direto de ascensão social, ainda que em muitos casos, essa não viesse acompanhada de ascensão econômica. Também, os estudos, a educação superior, a erudição, não foram as únicas formas de ascensão social entre os mestiços. Várias foram as vivências e contingências encontradas por cada um, no rico universo cultural do século XIX.

Especialmente, na segunda metade do Oitocentos – período pós-proibição no Brasil do tráfico negreiro – a mobilidade de indivíduos “não-brancos” livres e libertos se tornou mais evidente. Entre as mulheres libertas ou livres esta mobilidade foi talvez mais numerosa, mas essas, assim como outras mulheres do período, tinham um acesso muito restrito à educação ou mesmo não possuíam nenhuma instrução. Foi entre os homens que a preocupação com a educação surgiu como um diferencial, assumindo um caráter compensatório em relação à apregoada inferioridade racial. O acesso a uma educação refinada e a cursos de nível superior favoreceu a ascensão social de muitos destes homens. Não encontramos referências relativas ao ingresso de ex-escravos em instituições de ensino superior. Ao que tudo indica, esses privilegiados eram homens livres, que, muitas vezes, possuíam pais e/ou mães escravos e/ou libertos.

O século XIX, apesar de ter sido o período no qual as diferenças sociais se naturalizaram cientificamente e se fundamentou a noção de raça, hierarquizada em graus de evolução, de modo a justificar ações como a escravidão, foi também um período no qual

---

<sup>167</sup> MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Op. cit. p. 52. Em Antônio Rebouças ainda não se verifica uma luta abolicionista, mas uma “desracialização” da escravidão, posta sob bases jurídicas ligadas à propriedade. Cf: GRINBERG, Keila. *O fiador dos brasileiros: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

muitos homens, racialmente inferiorizados, conseguiram se destacar. Ainda que não gozassem de privilégios de nascimento ou econômicos, estes homens se acercaram, também, de suas próprias “virtudes e talentos” no intuito de verem seus anseios realizados. Obviamente, eles se beneficiaram de condições que favoreceram esse processo. Politicamente, o momento era de discussões sobre o fim da escravidão, que resultaram em leis que favoreceriam a abolição progressiva. Na verdade, algo que já vinha se dando, em números crescentes, por meio das alforrias, de modo que a população de homens livres e libertos se tornava cada vez maior, especialmente, nos centros urbanos. Desempenhando os mais diversos ofícios, é natural que muitos destes homens se voltassem, também, para a aquisição de uma educação mais refinada, que procurassem educar seus filhos, dando a eles maiores oportunidades de ascensão. O casal Agassiz, que em sua expedição pelo Brasil (1865-1866) realizou uma visita ao Colégio Pedro II, observou, com certo estranhamento, a existência de crianças não-brancas freqüentando as mesmas salas aulas que das brancas:

Era hora da aula quando fizemos a nossa visita, e como não havíamos ainda visto no Brasil um estabelecimento de tal gênero, o Dr. Pacheco nos levou a percorrê-lo. [...] Uma coisa, todavia impressiona o estrangeiro quando vê, pela primeira vez, toda essa juventude reunida: é a ausência de um tipo puro e o aspecto débil desses adolescentes; [...] Os alunos eram de todas as raças, viam-se entre eles negros e todas as matizes intermediárias até o branco; e mesmo o professor de uma das classes superiores de língua latina era de puro sangue africano. É uma prova que não existe o preconceito de cor. Esse professor havia feito o melhor exame num recente concurso para a cadeira que ocupava e, por unanimidade, fora escolhido, de preferência a vários brasileiros de ascendência européia, que se haviam inscrito ao mesmo tempo que ele para o cargo vago.<sup>168</sup>

As observações dos Agassiz corroboram uma das interpretações sobre o que teria propiciado o ingresso de não-brancos nas instituições de ensino: a ausência de um preconceito de cor no Brasil. Esta interpretação seria retomada por outros autores ao analisarem as questões raciais no período monárquico brasileiro. Contudo, o ingresso nas escolas não

---

<sup>168</sup> AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil: 1865 – 1866*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. p. 92.

significava a inexistência de preconceitos, pois, como vimos a partir da trajetória de Lívio de Castro, “perseguições e injustiças” foram constantes na vida escolar de muitos negros e mestiços.

Partindo de uma comparação entre o Império Brasileiro e a República Norte-Americana, houve aqueles que acreditaram existir entre os brasileiros uma influência latina que os inclinava a pôr o mérito acima da cor.<sup>169</sup> Partindo deste pressuposto, os indivíduos que se destacassem por suas “virtudes e talentos”, como expressou o Conselheiro Rebouças, anulariam o possível preconceito que poderiam sofrer em relação a sua cor. Na prática, estas qualidades foram importantes, mas não suficientes para extinguir preconceitos. A Constituição Brasileira de 1824 revogou o dispositivo colonial da “mancha de sangue”, reconhecendo os direitos civis de todos os cidadãos brasileiros. Todavia, ao instaurar o dispositivo de propriedade e excluir os nascidos escravos, ainda que libertos, de partilharem de direitos políticos, instituiu uma cidadania incompleta para muitos homens.<sup>170</sup> Apesar disso, há que se observar que essa Constituição representara um importante avanço ao abolir questões relativas à “origem racial” na delimitação de quem era ou não um cidadão do Império Brasileiro, o que, provavelmente, contribuiu para a defesa do acesso de negros e mestiços – cidadãos – à educação.

Por mais que a educação tivesse exercido um papel fundamental para a melhoria das condições sociais e econômicas de muitos indivíduos no final do século XIX, com a ampla aceitação das doutrinas racialistas e de suas teorias de inferioridade e superioridade raciais, continuava difícil para intelectuais negros e mestiços expressarem seu pertencimento a uma “categoria” tida como inferior. Para Lívio de Castro, a cor da pele foi sempre um estigma, uma diferenciação em um meio onde ele pretendia ser um igual. E assim parece ter sido com

---

<sup>169</sup> Ver citação de Freyre sobre a afirmação do reverendo norte-americano, James Flether. FREYRE, Gilberto. *Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil: Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002. Coleção Intérpretes do Brasil. Vol. III. p. 427.

<sup>170</sup> MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Op. cit. pp. 20, 1.

praticamente todos os outros em iguais condições a dele: eminentes, inteligentes, destacados na política, na literatura, na ciência, no meio cultural, mas, antes de tudo, negros ou mestiços. Mas não podemos apontá-los como exceção, já que muitos foram os que em igual condição conseguiram se destacar. Enganam-se, portanto, aqueles que acreditam que a sociedade brasileira, em especial o século XIX brasileiro, tenha sido de uma mobilidade social estanque no que se refere a negros e mestiços. Muitos homens e mulheres, negros e/ou mestiços construíram biografias invejáveis, melhoraram suas condições sociais e econômicas, estudaram e foram respeitados e admirados entre seus contemporâneos.



# CAPÍTULO II

## CAPÍTULO II

### Educar para evoluir

---

Neste capítulo analisaremos a produção intelectual de Tito Lívio de Castro, nos detendo, mais especificamente, ao livro *A mulher e a sociogenia*, seu mais expressivo trabalho. Temas como raça, gênero, educação e evolução integrarão este capítulo e serão essenciais na compreensão das idéias defendidas por Castro. Idéias que, não obstante serem sectárias das ciências em voga no período, possuem aspectos um tanto díspares das demais produções do momento. Também mostraremos como as questões de gênero e raça aparecem imbricadas nas teorias de Lívio de Castro sobre a inferioridade intelectual feminina e sobre as formas de sua superação.

#### 2.1 – “A mulher e a sociogenia”

De idéia em idéia, de princípio em princípio, marchamos cautelosamente, mas uma vez demonstrada a vida, uma vez estabelecido o princípio, tiramo-lhes todas as conclusões ou pelo menos procuramos fazê-lo como se não existissem na sociedade paixões irritáveis, preconceitos enraizados, como se o espírito científico e só ele existisse no cérebro humano. Eis o que fizemos ou, se estamos em erro, o que tencionamos fazer.<sup>1</sup>

Com as palavras reproduzidas na epígrafe acima, Tito Lívio de Castro encerrava – em texto assinado de Junho de 1887 – a introdução do livro que ele jamais veria publicado. O livro, *A mulher e a sociogenia* só seria publicado em 1893, três anos após a morte de seu autor e seis anos após ter sido escrito. Entretanto, citações suas já haviam aparecido em artigo do próprio Lívio de Castro<sup>2</sup> e na tese de doutoramento de um de seus amigos, o médico Afonso

---

<sup>1</sup> CASTRO, Tito Lívio de. *A mulher e a sociogenia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1893. p. xxx.

<sup>2</sup> CASTRO, Tito Lívio de. “A instrução primária hoje”. In: *A Província de São Paulo*, 17 de Outubro de 1888. p.1.

Régulo de Oliveira Fausto.<sup>3</sup> A publicação do livro ficou sob direção do português Manuel Paes, que incumbiu Sílvio Romero de cuidar da parte burocrática e de preparar o prefácio.

Em estudo sobre as teorias darwinistas no Brasil, Terezinha Collichio afirmou ser *A mulher e a sociogenia* “o mais bem estruturado trabalho representativo do darwinismo brasileiro das últimas décadas do século passado [século XIX]”.<sup>4</sup> Já Martins considerou o livro “o melhor exemplar sobre o conhecimento científico sobre gênero produzido no Brasil no século XIX”,<sup>5</sup> além de ser um excepcional exemplo da apropriação das teorias das ciências biológicas sobre as diferenças humanas e da aplicação do evolucionismo darwinista à análise social.<sup>6</sup> Também, para Antônio Cândido, *A mulher e a sociogenia* era um “raro exemplar de mentalidade científica no Brasil de então”, tendo em comum com os demais trabalhos de seu tempo o “dogmatismo naturalista mal disfarçado em objetividade científica, a inflexibilidade e facilidade das conclusões”, além do jargão técnico.<sup>7</sup> Todavia, ele separava-se dos demais devido ao “rigor demonstrativo, a segurança do roteiro, o senso prático e uma eloquência contida pela sobriedade e o senso de medida”.<sup>8</sup> Segundo Antônio Cândido, os primeiros no Brasil a produzirem trabalhos de cunho verdadeiramente sociológico foram Paulo Egídio, Lívio de Castro e Euclides da Cunha. Estes dois últimos conclamados, por Sílvio Romero, como “as duas grandezas maiores do talento brasileiro de seu tempo”, possivelmente, considerando Tobias Barreto como integrante de uma geração anterior.<sup>9</sup>

Nas palavras de seu próprio autor, *A mulher e a sociogenia* era “uma pequena contribuição para o engrandecimento da consciência como fator de evolução humana”.<sup>10</sup> A

---

<sup>3</sup> FAUSTO, Afonso Régulo de Oliveira. *Da evolução ontogênica do embrião humano em suas relações com a filogênese*. (Tese) Rio de Janeiro: Typ. & Lith. de Carlos Gaspar da Silva, 1890. p. 33.

<sup>4</sup> COLLICHIO, Terezinha Alves Ferreira. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 87.

<sup>5</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. p. 19.

<sup>6</sup> Idem. p. 246.

<sup>7</sup> CÂNDIDO, Antônio. “A sociologia no Brasil”. *Tempo Social*. Vol.18 n.º.1 São Paulo, Junho 2006. p. 275.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> ROMERO, Sílvio. *Euclides da Cunha*. Manuscrito. s/d. p. 09.

<sup>10</sup> CASTRO, Tito Lívio de. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. xxix.

sociogenia seria, segundo Lívio de Castro, a “recapitulação do desenvolvimento da sociedade”.<sup>11</sup> Tal noção dialogava diretamente com os termos ontogenia e filogenia, cunhados pelo naturalista alemão Ernst Haeckel que, juntamente a Herbert Spencer, foi a grande influência do social-darwinismo em Lívio de Castro. Segundo a teoria de Haeckel, o desenvolvimento biológico de um indivíduo (sua ontogenia) recapitularia o desenvolvimento evolucionário de sua espécie (a filogenia). Assim, na fase intra-uterina os indivíduos passariam por toda a evolução de sua espécie, até atingir o grau máximo de sua evolução.<sup>12</sup> Deste modo, a sociogenia seria o equivalente social da ontogenia, repetindo em sua formação toda a evolução das sociedades. Com base nisso, Castro procurou analisar a evolução da mulher na sociedade (desde a pré-história), dedicando os primeiros capítulos a este propósito, no intuito de saber qual a real função da mulher na evolução da espécie humana.

Medeiros e Albuquerque afirmou não ser possível mensurar a soma de conhecimentos de que dispunha Lívio de Castro, que passava dia e noite estudando as coisas mais diversas, sempre metodizando tudo a partir de uma sólida orientação científica.<sup>13</sup> A leitura de *A mulher e a sociogenia* parece nos confirmar tal observação. Seu autor recorre aos mais diversos trabalhos científicos e literários, muitas vezes, cuidadosamente, citando-os em notas de pé de página, demonstrando um rigor nem sempre encontrado em outros trabalhos do período.<sup>14</sup> A maioria das obras foi lida no original, em francês, ou em traduções para esta língua, mas havia também referências de obras em inglês e em italiano. De acordo com Sílvio Romero, Lívio de Castro era um sectário do naturalismo evolucionista da escola anglo-germânica, “um

---

<sup>11</sup> CASTRO, Tito Lívio de. *Questões e Problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913. p. 93. O termo sociogenia aparece grafado no Dicionário Houaiss com o significado de estudo a respeito da formação da sociedade. HOUAIS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001. p. 2596.

<sup>12</sup> Cf.: HAECKEL, Ernst. *Historia da criação dos seres organizados segundo as leis naturais*. Porto: Lello & Irmão, 1961.

<sup>13</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. “Lívio de Castro”. *O Estado de São Paulo*. 19 de Junho de 1890. p. 1.

<sup>14</sup> Há inúmeras citações de nomes como os de: Paul Broca, Henry Thomas Buckle, Charles Darwin, Francis Galton, Ernst Haeckel, Edward von Hartmann, Jean Baptiste Lamarck, Gustave Le Bon, Charles Letourneau, Cesare Lombroso, Théodule Ribot, Arthur Schopenhawer, Herbert Spencer, Hippolyte Taine, Paul Topinard, Rudolf Virchow, entre muitos outros teóricos, filósofos e “cientistas”. Além de escritores como Honoré de Balzac, Gustave Flaubert e Émile Zola, muito apreciados por ele; também alguns nomes de intelectuais brasileiros como Rui Barbosa, Tavares Bastos e, obviamente, Sílvio Romero, apenas para elencar alguns.

transformista *enragé*, um darwinista radical”.<sup>15</sup> Todavia, apesar de Romero o nomear como darwinista, não havia tanto radicalismo em sua adesão às idéias de Charles Darwin.

O termo darwinismo possuiu muitos significados no século XIX. Como observa Ernst Mayr, nos primeiros anos após a publicação de *A Origem das Espécies* (1859), qualquer evolucionista que adotasse, pelo menos, a teoria de que a evolução possuía causas naturais e não divinas, já seria rotulado como darwinista.<sup>16</sup> Assim, mesmo opositores da seleção natural postulada por Darwin, a exemplo de T.H. Huxley e Charles Lyell, foram chamados darwinistas.<sup>17</sup> Lívio de Castro, entretanto, foi um fervoroso defensor das idéias de Darwin, mas essas foram absorvidas principalmente por meio da leitura de Haeckel. A quem, segundo Medeiros e Albuquerque, o grupo de jovens estudantes encabeçados por Castro – e do qual também participava – devotava verdadeira adoração:

Por aqui passou o naturalista Goeldi, que depois fundou o museu que tem o seu nome, no Pará. Para nós, ele tinha um prestígio formidável, porque fora preparador de Haeckel. E, se os maometanos dizem que Deus é Deus e Mahomet [sic] o seu profeta, nós dizíamos: Darwin é Deus e Haeckel seu profeta. Obtivemos que Goeldi nos desse um curso de história natural no Museu. Estudávamos afincamente e Lívio de Castro era mais que um simples companheiro: aprendia melhor o ensino, porque tinha melhor preparo para isso e ajudava-nos a vencer as dificuldades. (...) Nós éramos apaixonadamente evolucionistas.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro”. In: CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. xx. Presente tanto nas idéias de Lamarck (ligada à influência do meio), quanto nas de Darwin (relacionada à seleção natural), a teoria transformista se ocupava das modificações sucessivas ocorridas nas espécies e opunha-se à teoria fixista, ou seja, da imutabilidade das espécies desde sua criação. CF.: FERREIRA, Marcelo Alves. *Transformismo e extinção: de Lamarck a Darwin*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, 2007. (Tese) disponível em meio digital: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-24102007-150401/> (acessado em: 15/04/2008).

<sup>16</sup> MAYR, Ernst. *Biologia, ciência única: reflexões sobre a autonomia de uma disciplina científica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 134.

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. “O meu verdadeiro patrono: Tito Lívio de Castro” (Discurso proferido na Academia Brasileira de Letras em 18 de Fevereiro de 1932). In: \_\_\_\_\_. *Homens e cousas da Academia Brasileira*. Rio de Janeiro: Renascença, 1934. p. 275. (grifo nosso) O zoólogo suíço Emílio Goeldi foi assistente de Ernest Haeckel e, a convite do Imperador D. Pedro II, veio para o Brasil, onde ocupou o posto de naturalista do Museu Nacional; mais tarde dirigiu o Museu Paraense, atualmente Museu Paraense Emílio Goeldi. Cf.: SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. pp. 84-9.

O que vemos na obra de Castro é mais uma influência de alguns cientistas darwinistas e a associação de teorias diversas, do que uma rígida adesão às teorias no modo como foram expostas por seu “venerado Darwin”.<sup>19</sup> Algo muito comum na produção científica do período, como um todo, que realizou “apropriações seletivas” de determinadas teorias, de acordo com necessidades locais e interesses específicos. O darwinismo, segundo Stepan, “chegou” na América Latina por volta das décadas de 1870 e 1880. Proveniente de fontes inglesas, francesas e alemãs, ele assumiu formas que, freqüentemente, se distanciavam de maneira considerável das idéias do próprio Darwin.<sup>20</sup> Também, por vezes, darwinismo e evolucionismo confundiam-se como se fossem sinônimos.<sup>21</sup> O evolucionismo, uma teoria anterior a Darwin e por ele confirmada, já podia ser observado no século XVIII nas teorias de George Buffon, de cujas idéias derivou o pensamento evolucionista de Jean Baptiste Lamarck e outros.<sup>22</sup> No Brasil, enquanto o darwinismo encontrava muitos contestadores – especialmente em relação à teoria da seleção natural – a idéia de evolução ganhava cada vez mais adeptos.

Lamarck foi o primeiro a produzir uma teoria radical da evolução sucessiva das espécies (transformismo), em 1809. Seu nome está associado à idéia de hereditariedade dos caracteres adquiridos, que considerava que as mudanças externamente induzidas aos indivíduos poderiam ser transmitidas às futuras gerações. No entanto, Lamarck permaneceu praticamente no esquecimento até ser reabilitado, com renovada popularidade, como uma explicação alternativa às idéias de Darwin. Sua teoria da evolução parecia menos brutal e mais humana do que as teorias de luta pela sobrevivência e seleção natural propostas pelo

---

<sup>19</sup> CASTRO, T. L. *A Mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 182.

<sup>20</sup> STEPAN, Nancy. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005. p. 50.

<sup>21</sup> Cf.: DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol; ROMERO SÁ, Magali. “Controvérsias evolucionistas no Brasil do século XIX”. In: \_\_\_\_ & GLICK, Thomas (org.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

<sup>22</sup> MAYR, Ernst. *Biologia ciência única*. Op. cit. p. 176.

naturalista inglês.<sup>23</sup> Essa tendência foi forte em países como a França e mesmo entre ingleses, a exemplo de Herbert Spencer, que não adotou com prontidão as idéias darwinianas. Em consequência disso, as teorias que, freqüentemente, chegavam à América Latina, oriundas da França, possuíam fortes influências lamareckistas. Existiriam razões implícitas e explícitas para os latino-americanos preferirem a teoria de Lamarck às teorias de Darwin, pois, politicamente, a primeira justificava a crença de que os melhoramentos adquiridos ao longo da vida dos indivíduos poderiam ser transmitidos hereditariamente, contribuindo com preocupações com o progresso, a saúde e a nacionalidade.<sup>24</sup> Não raro, as idéias de Darwin surgiam combinadas às de Lamarck. Acreditamos ser esse o caso das teorias propostas por Lívio de Castro em seu livro *A mulher e a sociogenia*, no qual aparecem combinadas teorias de seleção natural, de luta pela sobrevivência e de hereditariedade dos caracteres adquiridos.

Também, a primeira tradução francesa de *A origem das espécies* contribuiu para que, em países como o Brasil, onde se liam, predominantemente, traduções na língua francesa, a obra de Charles Darwin fosse revestida de outros significados. A primeira tradução do inglês para o francês foi feita por Clemence Royer, que também escreveu uma introdução na qual expunha suas próprias interpretações para a obra, combinando as idéias de adaptação e de hereditariedade.<sup>25</sup> Royer foi pioneira na introdução das idéias de Darwin na França, mas também carregou a obra de interpretações filosóficas, reafirmando em sua introdução as idéias de desigualdade entre as raças humanas e de inferioridade intelectual feminina. Já em sua introdução, observou-se uma apropriação seletiva das idéias darwinianas, combinadas a outras teorias evolucionistas. Considerada problemática pelo próprio Darwin, a tradução feita por Royer foi muito lida e apreciada no Brasil. Foi essa a tradução a qual teve acesso Lívio de Castro, que a elogiou e a utilizou em algumas citações. Elogios também para a tradutora, pois,

---

<sup>23</sup> Com ressalvas, Darwin também adotou a idéia de hereditariedade dos caracteres adquiridos. Contudo, para ele, isso se daria simultaneamente à seleção natural. Cf.: Mayr, Ernest. *Biologia, ciência única*. Op. cit.

<sup>24</sup> STEPAN, Nancy. *A hora da eugenia*. Op.Cit. p. 83.

<sup>25</sup> COLLICHIO, Terezinha Alves Ferreira. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Op. cit. p. 16.

segundo ele, Clemence Royer era uma raridade entre as mulheres, representando não apenas um poder mental superior ao do seu sexo, mas superior à média dos homens educados.<sup>26</sup>

Como já foi anteriormente explicitado, a influência científica mais sentida em Castro foi Ernst Haeckel. Este foi um entusiasta das teorias de Darwin, ajudando a propagá-las entre os germânicos, mas também as levando às últimas conseqüências, defendendo, inclusive, a teoria da geração espontânea.<sup>27</sup> A apropriação de Darwin por Haeckel foi chamada de darwinismo haeckeliano e tinha como pressupostos fundamentais a transmissão dos caracteres adquiridos (incluindo os caracteres intelectuais) e a interferência no processo de seleção natural por meio de mudanças funcionais intencionalmente produzidas.<sup>28</sup>

Haeckel foi uma influência muito sentida entre os intelectuais ligados à “Escola do Recife”, e acreditamos ser este um dos principais motivos pelos quais Castro é citado como integrante desta “Escola”. Inicialmente, Tobias Barreto foi influenciado pelas teorias de Haeckel, em especial, pelo monismo haeckeliano, que propunha a “concepção unitária de toda a natureza”.<sup>29</sup> Para os monistas, a política, a economia e a ética nada mais eram do que biologia aplicada. As teorias de Darwin ajudaram a dar suporte científico ao monismo que, segundo Haeckel, considerava o mundo corporal material e o mundo espiritual imaterial um universo único e inseparável, que compreenderia todo o resto.<sup>30</sup> Contudo, Tobias Barreto logo substituiu o monismo de Haeckel pelo monismo teleológico de Ludwig Noiré, que apenas no Brasil teria encontrado boa recepção.<sup>31</sup> E, ao contrário do que se poderia pensar, não foi Sílvio Romero que introduziu Castro nas teorias haeckelianas. Tais teorias foram largamente debatidas entre os estudantes das faculdades de medicina, que estavam sempre bem informados sobre as mais diversas questões científicas debatidas na Europa. Apesar de

---

<sup>26</sup> CASTRO, T. L. *A Mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 305.

<sup>27</sup> COLLICHIO, Terezinha Alves Ferreira. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Op. cit. p. 15.

<sup>28</sup> Idem. p. 39.

<sup>29</sup> HAECKEL, Ernst. *O monismo: laço entre a religião e a ciência*. 8ª. Ed. Porto: Livraria Lello & Irmãos, 1947. p. 12.

<sup>30</sup> HAECKEL, Ernst. *Os enigmas do universo*. Porto: Lelo & Irmãos. 1961. p. 455.

<sup>31</sup> COLLICHIO, Terezinha A. F. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Op. cit. p. 133.



aplaudir a produção intelectual de Lívio de Castro, Romero não concordava com algumas questões postas por Haeckel, preferindo se filiar ao evolucionismo de Herbert Spencer, apesar de também não concordar com o monogenismo pregado por este.<sup>32</sup>

A craniologia foi outra grande influência na produção de Lívio de Castro. O livro *A mulher e a sociogenia* está todo fundamentado em quantificações cerebrais realizadas por Paul Broca, Paul Topinard, Gustave Le Bon, entre outros.<sup>33</sup> No século XIX, a craniologia foi a ciência numérica em que se apoiou o determinismo biológico, formando uma “temível aliança” entre evolução e quantificação, como asseverou Stephen Gould.<sup>34</sup> Broca, o fundador da Sociedade Antropológica de Paris, acreditava que as raças humanas podiam ser hierarquizadas em uma escala linear de valor intelectual. Em sua escala de inteligência os indivíduos brancos do sexo masculino ocupavam uma posição mais elevada do que as mulheres e os negros. Tais idéias corroboravam com as teorias evolucionistas que, a exemplo do darwinismo social, defendiam que a raça negra estava em estágio inferior de evolução em relação à raça branca. O social darwinismo, uma “extrapolação das idéias evolucionistas para o campo social”, aplicou as idéias de evolução e seleção natural de Darwin a tempos históricos de poucos milhares de anos; associando desenvolvimento e evolução e construindo hierarquias raciais que apontavam o elemento branco como biologicamente superior aos demais.<sup>35</sup> No Brasil, essas teorias ajudaram na manutenção de instituições como a escravidão, ao pretender legitimar o direito de sujeição de uma “raça” sobre outra, e na legitimação do patriarcalismo, ao considerar a mulher incapaz de se auto-governar.

---

<sup>32</sup> Sílvio Romero discordava de Haeckel em relação à lei da repetição abreviada da história e, em relação a Spencer, não concordava com a hipótese monogenista – da origem única dos seres humanos – adotada por esse. VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das letras, 2000. p. 50.

<sup>33</sup> Castro utilizou-se das formulações destes autores na construção de suas teorias sobre a mulher, todavia, em momento algum, fez referências às idéias destes autores sobre a mestiçagem, da qual foram fervorosos críticos.

<sup>34</sup> GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. pp. 8,9.

<sup>35</sup> BARROS, Henrique Lins. “Introdução”. In: DOMINGUES, Heloísa M. B.; ROMERO SÁ, Magali & GLICK, Thomas (org.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Op. cit. p. 13.

Ainda que os cientistas acreditassem buscar uma verdade científica pura, os argumentos deterministas para classificar e hierarquizar as pessoas, por mais refinados que fossem, acabavam por reproduzir preconceitos sociais. Por isso, Stephen Gould considerou ser um mito a idéia de uma ciência objetiva, visto não ser possível aos cientistas libertarem-se dos condicionamentos de sua cultura, pois essa influencia o que se vê e o modo como se vê.<sup>36</sup> Assim também, reforçamos nosso entendimento da ciência como uma atividade social e cultural, que reflete as angústias e anseios dos indivíduos em suas sociedades, em sua época. A ciência sofre influências de instituições políticas, de concepções filosóficas e religiosas ligadas a grupos sociais e culturais específicos, que fazem suas interpretações do mundo e da sociedade que os cerca, sendo eles próprios influenciados por ela.

## **2.2 – Analisando e quantificando mulheres**

A construção da diferenciação entre os sexos e a reafirmação da idéia de inferioridade feminina encontraram um fértil terreno no final do século XVIII. Mas, efetivamente, se concretizaram no século XIX, com a ascensão de um discurso médico voltado para a mulher, que potencializou ainda mais a idéia de inferioridade feminina frente aos homens. No século XIX, como observado por Foucault, o corpo da mulher passou a ser objeto médico por excelência – apesar das próprias mulheres ainda resistirem muito em entregar seus corpos aos cuidados médicos. A mulher foi examinada e diagnosticada, seu corpo, e também sua alma foram vistos como frágeis e indutores de doenças.<sup>37</sup> Reflexo direto destas constatações se fizeram sentir em preocupações tão caras ao século XIX, tais como a construção de um novo indivíduo, a melhoria da raça e o aprimoramento da população. Deste modo, a mulher se tornou um dos focos privilegiados de estudo para médicos, higienistas, racialistas, craniologistas, entre outros, quase sempre influenciados por teorias evolucionistas.

---

<sup>36</sup> GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. Op. cit. pp. 11,12.

<sup>37</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. p. 234.

É nessa preocupação que se insere Lívio de Castro. Ele foi um dos que, em seus estudos, se debruçaram sobre a questão da mulher. Todavia, sua perspectiva teórica o levou a um caminho diverso do que vinha sendo produzido por seus companheiros de profissão, em relação a essa temática. Grande parcela dos médicos que se ocuparam da questão da mulher estava ligada à medicina ginecológica e/ou obstetrícia. Especializações da medicina, como a ginecologia, que se desenvolveram ao longo do século XIX, estavam articuladas com o próprio empreendimento científico desse século, durante o qual muitos se empenharam na busca por delimitações e classificações entre os seres humanos.<sup>38</sup> Considerável foi o número de trabalhos médicos voltados para a compreensão da natureza feminina, que, quase sempre, reafirmavam sua inferioridade e concluíam ser uma condição inata e intransponível. Era corrente a teoria de que útero e cérebro se rivalizavam, de modo que a mulher possuiria uma fragilidade inata e, se insistisse em possuir uma educação superior, concentrando sua energia vital no cérebro, poderia ter seu útero atrofiado.<sup>39</sup> Além disso, as poucas mulheres que conseguiam alcançar uma educação mais elevada ou que desempenhavam atividades consideradas de homens, eram ridicularizadas e masculinizadas perante a sociedade.<sup>40</sup> Por trás destes discursos, existiam não apenas crenças, concepções filosóficas e científicas sobre as posições que homens e mulheres deviam ocupar na sociedade, como também existiam preocupações mais palpáveis; uma mulher estudada, que se ocupasse com livros, teria menos filhos ou mesmo poderia querer não tê-los e, em última análise, poderia questionar a posição social ocupada por elas.

O livro *A mulher e a sociogenia* figura entre os trabalhos que se ocuparam em estudar e diagnosticar a natureza feminina. Contudo, ele difere muito da grande maioria dos trabalhos

---

<sup>38</sup> ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. p.203.

<sup>39</sup> Cf.: EHRENREICH, Bárbara; ENGLISH, Deirdre. *Para o seu próprio bem: 150 anos de conselhos de especialistas para as mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2003.

<sup>40</sup> SOIHET, Rachel. "O que acham da mulher". In: \_\_\_\_\_. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Fiorense Universitária, 1989.

produzidos sobre a mulher no século XIX. No lugar do modelo ginecológico adotado pela maioria dos médicos, Castro optou pelo modelo cerebral. Ele deixa de lado o determinismo ginecológico para se direcionar, nas palavras de Martins, para o “norte do corpo, para um órgão assexuado”, que na hierarquia biológica do corpo humano possuía maior importância.<sup>41</sup> Para ele, o importante não era que as mulheres tivessem muitos filhos, mas sim que os tivesse sob a influência que a educação daria à hereditariedade, e que pudessem educá-los ao abrigo da ciência, longe dos perigos trazidos pelas superstições e outras crenças infundadas.

Castro, assim como muitos médicos – e também outros “homens de ciência” – de sua época, reafirmou em seu livro a noção de inferioridade intelectual feminina. Com base nas leituras de craneologistas e fisiologistas como Paul Broca e Cesare Lombroso, ele defendeu ser a inferioridade feminina um fator relacionado ao menor peso do cérebro, às conformações do crânio e à proeminência da medula sobre o cérebro. Estas observações indicariam um estágio inferior da evolução feminina frente à evolução masculina – que se caracterizaria pela proeminência do cérebro sobre a medula. Castro passa os primeiros capítulos do livro dissertando sobre a evolução da mulher desde o período pré-histórico, quando, segundo ele, a mulher era uma propriedade do homem, tal qual um utensílio doméstico. Acostumada a ficar à sombra do homem, deixando que esse cumprisse as principais funções, a mulher teria levado uma vida sem luta, sem esforço e, portanto, sem progresso.<sup>42</sup> Entre as leituras de Castro, encontramos Topinard, um dos principais discípulos de Broca, que explicou a diferença craniana entre os sexos como resultante da maior pressão evolutiva que teriam sofrido os homens:

O homem, que luta por dois ou mais [indivíduos] na batalha pela existência, que assume toda a responsabilidade e as preocupações pelo amanhã, que está em constante combate pelo meio ambiente e os rivais de sua própria espécie, precisa de mais cérebro que a mulher, que ele deve proteger e alimentar.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino*. Op. cit. p.248.

<sup>42</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 82.

<sup>43</sup> TOPINARD, Paul (1888). Apud.: Gould, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. Op. Cit p. 99.

Afirmação semelhante fez Lívio de Castro. Em sua análise, a inferioridade física da mulher teria se originado na luta pela evolução das espécies, quando a mulher, ao ser protegida pelo homem, havia necessitado de menos esforço físico e mental do que ele. Apoiado em leituras de Gustave Le Bon (considerado o mais misógino dos discípulos de Broca), Castro fez a seguinte afirmação: “quanto maior é a evolução masculina, tanto mais notável é o atraso feminino”.<sup>44</sup> E assim, asseverou que a inferioridade cerebral da mulher em relação ao homem seria tanto maior quanto mais adiantada fosse a raça a que ela pertencesse. Isso porque quanto mais adiantado fosse o grau de desenvolvimento de uma sociedade, mais proteção as mulheres receberiam dos homens e menos lutas encontrariam. Em compensação, também evoluiriam menos, pois a evolução seria um dos resultados da luta das espécies por sua sobrevivência. A questão social da sujeição das mulheres ficava, nestes termos, posta como um resultado da evolução diferenciada entre homens e mulheres. Segundo ele, a antropologia não conhecia nenhuma raça em que se pudesse observar a superioridade craniana feminina:

É indiferente ao clima, é indiferente à raça, o resultado é o mesmo em todas as longitudes e altitudes. O fato demonstrado pelo método desapaixonado das cifras é inegável, tem a generalização, a amplitude de uma lei: – *a mulher tem menos cérebro que o homem*.<sup>45</sup>

Tanto a craniologia quanto a fisiologia indicavam a semelhança evolutiva entre os cérebros da mulher, da criança, do “selvagem ou raça atrasada” e, em alguns casos, também dos criminosos. Sobre esta contestação, Le Bon escreveu:

Todos os psicólogos que estudaram a inteligência feminina, bem como os poetas e os romancistas, hoje reconhecem que as mulheres representam as formas mais inferiores da evolução humana, e que estão mais próximas das crianças e dos selvagens que de um homem adulto e civilizado. Elas se destacam por sua inconstância, veledade, ausência de idéias e de lógica, bem como por sua incapacidade de raciocínio.<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 45.

<sup>45</sup> Idem. pp. 9,10. (itálico no original)

<sup>46</sup> LE BON, Gustave. (1879). Apud. GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. Op. cit. pp. 99,100.

Muito próxima foi a afirmações feita por Lívio de Castro, para quem “o homem primitivo, a criança de hoje e a mulher, feitas certas restrições relativas ao meio, representavam a infância da humanidade”.<sup>47</sup> O homem branco, representante das “raças superiores” européias, ficava, deste modo, no topo de uma pirâmide evolutiva. Tal posição lhe “concedia” uma supremacia sobre todos os outros povos, considerados biologicamente inferiores. Se neste momento o poder colonialista lhes escapava às mãos nas Américas, a afirmação de sua superioridade conferia “direitos” que depois foram requeridos em relação à África.

A mulher pouco teria precisado do cérebro, pouco teria se servido dele e, por isso, não teria se desenvolvido cerebralmente.<sup>48</sup> Da biologia Castro apreendeu os mecanismos das atrofia por inação e do evolucionismo a explicação da eliminação de elementos e órgãos inúteis ao organismo. Com base nisso – e sem levar em conta outras atividades cerebrais vitais, além da atividade intelectual – ele afirmou que o cérebro feminino estaria em estágio de atrofia devido ao seu pouco uso, decorrendo em sérios problemas para a evolução da espécie. Todavia, apesar de tão contundente afirmação, ele acreditava que essa era uma situação reversível. Neste ponto, ele se opunha a muitos médicos, fisiologistas e craniologistas que consideravam a inferioridade feminina um axioma irrefutável, uma constatação biológica impossível de ser mudada. Ao contrário desses, ele defendia que a mulher não só era capaz de se educar, como esta educação deveria ser correlata à educação recebida pelos homens, com bases científicas e não apenas formada por uma extensão das aprendizagens domésticas:

Não devemos esquecer que discutimos depois e não antes de Darwin. [...] depois dele sabemos e não temos o direito de ignorar que os órgãos “não foram criados” para este ou aquele fim. Não podemos dizer que o cérebro da mulher não foi criado para a ideação a que se eleva o homem.<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 99.

<sup>48</sup> Idem. p. 85.

<sup>49</sup> Idem. p. 291

Assim, afirmou ele:

Não há, portanto, objeção científica contra a educabilidade da mulher, ela é um organismo como os outros e sob a ação dos motivos que influenciaram os outros reagirá do mesmo modo que eles: o motivo é a educação, a reação é a evolução mental.<sup>50</sup>

Ele defendia não haver nenhuma razão científica que tornasse o sexo um obstáculo para o desenvolvimento biológico, e nem mesmo razões fisiológicas para um sexo não evoluir tanto quanto o outro. Para tanto, seria necessário que os ovários tivessem sobre o cérebro uma ação inibidora e os testículos uma ação dinamizadora, algo que não se sustentava. A diferença da mentalidade entre os sexos estava na educação sistemática e diversa que esses recebiam.<sup>51</sup> Acreditando na possibilidade de se transmitir hereditariamente os caracteres adquiridos ao longo da vida, ele defendeu a educação como a forma mais rápida e eficaz de se promover o desenvolvimento mental e fazer como que esse fosse passado de geração a geração: “o que hoje é educação será hereditariedade no futuro, como a hereditariedade de hoje foi algum dia educação”.<sup>52</sup> Promovendo o paralelismo mental entre homens e mulheres, em poucas gerações se alcançaria uma espécie mais evoluída. Deste modo, a educação seria indispensável em qualquer projeto de desenvolvimento de uma nação.

Lívio de Castro acreditava que a educação devia ser a principal preocupação dos governantes, pois só ela poderia modificar profundamente os rumos de um país. No caso do Brasil, onde a educação ainda era uma raridade, onde apenas uma parcela diminuta da população tinha acesso à instrução, educar seria o meio mais rápido e seguro de se alcançar o desenvolvimento:

“A idéia de preparar o futuro por meio da educação e de corrigir o homem pela instrução, em vez de ser uma utopia, é consequência forçosa da observação e recebe poderoso apoio do evolucionismo.”<sup>53</sup>

---

<sup>50</sup> Idem. p. 312.

<sup>51</sup> Idem. p. 337.

<sup>52</sup> Idem. p. 188.

<sup>53</sup> Idem. p. 135.

O Brasil precisava urgentemente educar sua população, incluindo a todos: homens e mulheres. Gilberto Freyre acreditava que, em sua “obra notável de sociólogo e antropólogo sobre a mulher”, talvez Castro tivesse, intimamente, se esmerado em defender o negro, “que alguns sociólogos viriam a denominar raça-mulher”.<sup>54</sup> Notadamente, há na obra de Castro várias analogias entre a mulher e a “raça escravizada”. Contudo, acreditamos que não é defesa da educação para o negro, que encontramos nas entrelinhas das propostas de Lívio de Castro. O negro ele declarou como intelectualmente inferior, denominando-o de “raça atrasada”. É, especialmente, em relação à inteligência do mestiço, posta em igualdade à da “raça superior”, que encontramos as maiores defesas de Castro. Se não havia nenhuma objeção quanto à educabilidade da mulher, o mesmo poderia ser dito em relação à capacidade intelectual do mestiço, contingente que, por sinal, cada vez mais crescia no Brasil. Ambos esperavam apenas o “fermento da educação”, devendo receber uma instrução adequada, livre de superstições e pautada na ciência, pois assim, evoluiriam mentalmente e alcançariam os estágios mais superiores do desenvolvimento humano. Para Lívio de Castro, a educação era um dos pressupostos básicos da evolução.

### **2.3 – Educação e evolução**

Como a intelectualidade é o fator mais variável em diversas sociedades, é pela educação que se modifica o fundo hereditário. Por isso o mundo está nas mãos dos educadores.<sup>55</sup>

Na impossibilidade de estudar a educação da mulher em diversas sociedades do mundo, Lívio de Castro tomou o caso brasileiro como exemplar na reflexão sobre a situação intelectual da mulher de modo geral. Para ele, a mulher brasileira se encontrava em um estágio de desenvolvimento que a igualava a períodos relativamente antigos na história social

---

<sup>54</sup> FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Op. cit. p. 445.

<sup>55</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit.. p. 96.



dos povos. Dito de outro modo, sua sociogenia estagnava-se antes que ela alcançasse os estágios mais evoluídos da sociedade, ou seja, antes que completasse a recapitulação completa do desenvolvimento social. A razão deste atraso estava na exclusão feminina do sistema educacional brasileiro, que era altamente precário, inclusive, em relação aos homens. Sem estudos as mulheres manteriam seu desenvolvimento estagnado, podendo até mesmo regredir em sua evolução. Para construir sua argumentação, Castro buscou os mais diversos dados sobre o ensino brasileiro, consultando fontes como os *Relatórios Oficiais de Estatística do Império*, o *Parecer sobre a Reforma do Ensino Primário e Secundário* escrito por Ruy Barbosa, entre outros trabalhos.<sup>56</sup> O livro *A mulher e a sociogenia* constitui um minucioso estudo sobre a instrução no Brasil até a década de 1880 e, apesar de falho em muitas de suas informações estatísticas, oferece uma relevante contribuição para a História da Educação no Brasil, no modo como essa vinha sendo pensada no período.

Lívio de Castro objetivava afastar-se de toda forma de interpretação que não fosse a da “positividade” da ciência, chegando mesmo a negar as especulações sobre o papel social e cultural na diferenciação entre os sexos. Apesar disso, ele não deixou de observar que a inferioridade intelectual da mulher – para muitos, apontada como inerente à condição feminina – possuía relações com o modo como era conduzida sua educação. O livro *A mulher e a sociogenia*, ainda que considerados todos os seus argumentos craniométricos e fisiológicos, deixa transparecer o “pendor irresistível para os problemas sociais” de seu autor.<sup>57</sup> Sua questão central é a educação da mulher, mas há também uma ampla análise da situação educacional do Brasil e, também, de questões políticas e econômicas do país.

Em seu esforço por encontrar soluções para o aprimoramento da espécie – visto como condição fundamental para o desenvolvimento de uma nação – a desigualdade entre homens e

---

<sup>56</sup> Idem. pp. 190 e 243. Castro reclama da desorganização e desinteresse do governo em fazer relatórios completos e bem feitos, o que implicaria em várias lacunas em seu trabalho. Contudo, optou por usá-los, pois, apesar de já serem um pouco antigos (foram utilizados os dados de 1877-8), eles seriam os melhores documentos disponíveis à sua época sobre a situação educacional no Brasil.

<sup>57</sup> CÂNDIDO, Antônio. “A sociologia no Brasil”. Op. cit. p. 273.

mulheres surgia como um entrave. Do modo como esses se encontravam, constituíam, segundo Castro, praticamente duas “raças antagônicas”: enquanto os homens rumavam para o desenvolvimento, as mulheres retardavam este processo. Mas, ao contrário, se homens e mulheres possuíssem o mesmo desenvolvimento intelectual, a evolução da espécie seria mais rápida e sem retrocessos:

A educação da mulher é um interesse de espécie, porque a evolução tornar-se-á mais fácil e mais rápida. A evolução humana será tanto mais fácil, quanto mais próxima da mentalidade masculina estiver a feminina. [...] Sem educação feminina não há evolução feminina. [...] o cérebro feminino só espera o fermento da educação para evoluir.<sup>58</sup>

No caso brasileiro, argumentava Castro, se a mulher ainda não havia se educado, era devido ao descaso do governo para com a educação. Descaso observado não apenas em relação às mulheres, mas a toda a população. O governo pouco fazia pelo bem geral da nação, preferindo priorizar determinadas áreas da economia, determinados setores sociais, relegando à educação uma atenção limitada, muito aquém de sua real importância para o desenvolvimento do país. Segundo ele, no Brasil, a educação do homem era uma raridade e a educação da mulher praticamente um milagre. A ignorância popular reinava, poucos eram os que tinham acesso à educação e menos ainda os que conseguiam concluir os estudos. Na metáfora de Lívio de Castro, a sociedade brasileira era “um milagre do equilíbrio, uma pirâmide sustentada pelo ápice” que, “em piores condições que uma centopéia” não chegava a ter uma cabeça para cem braços.<sup>59</sup> Percebe-se que há uma defesa de um projeto educacional amplo, que abrangesse a todos, sem distinção.

O modo como o aprimoramento da mente das mulheres vinha sendo conduzido no Brasil foi apontado como uma das principais causas da persistência do atraso feminino, pois só fazia ampliar a diferença evolutiva existente entre homens e mulheres. A educação

---

<sup>58</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 404,5.

<sup>59</sup> Idem. pp. 245,7.

destinada às mulheres era nociva, composta por uma infusão de histeria, de nervosismo e obscurantismo, requerendo uma intervenção médica.<sup>60</sup> A mulher seria o organismo que ajudaria a manter vivas antigas instituições na sociedade, tais como as crendices populares, os medos irracionais e o apego às religiões. Manifestações que caracterizariam as sociedades atrasadas:

As mulheres constituem a grande maioria, a quase totalidade, da clientela dos curandeiros e cartomantes; [...] Realmente a mulher está sempre pronta a crer; desde que a impressionem pelo medo e não pelo raciocínio, ela se fará crente. São as mulheres que testemunham os milagres [...] e na idade-média eram elas o meio ubérrimo onde frutificava o sobre-natural, elas viam deus, elas viam o diabo, elas sabiam onde se reunia o sabbat. [...] São as mulheres a grande população das romarias e dos templos.<sup>61</sup> (sic)

A credulidade da mulher configuraria uma verdadeira doença, que acarretaria em malefícios não apenas para sua saúde, mas também para a “bolsa” e a “paz doméstica”. No final do século XIX e início do século XX, muitos médicos psiquiatras apontavam a credulidade excessiva como um sintoma de doença mental. Um exemplo disso podemos encontrar na condenação do espiritismo que, igualado às doenças contagiosas, era tido como um sinônimo de atraso, “uma afronta à civilização”.<sup>62</sup> Castro considerava o espiritismo uma exploração da ignorância que, por sinal, rebanhava seguidores principalmente entre as mulheres “fracas e crédulas, isto é, doentes”.<sup>63</sup> Somente em um cérebro pouco evoluído, que conservava semelhanças com o passado primitivo da sociedade, é que idéias como a do espiritismo podia prosperar. Em um cérebro moldado pela educação estas crenças não encontrariam lugar. Há que se ressaltar que o espiritismo foi uma doutrina desenvolvida por um professor francês, que encontrou muitos seguidores masculinos e, no Brasil, foi adotada, inclusive, por alguns médicos. O que não impediu de ser cientificamente analisada como “crença de loucos”. O que Lívio de Castro considerou como instituições arcaicas conservadas

---

<sup>60</sup> Idem. p. 353.

<sup>61</sup> Idem. pp. 183,4

<sup>62</sup> ISAIA, Artur César. “Loucura coletiva?”. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 3, Nº. 33, Junho 2008. p. 20.

<sup>63</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit p. 184.

na mentalidade feminina, eram manifestações culturais, expressões religiosas que, querendo ou não a ciência, ultrapassavam os limites do racional, subsistindo a críticas e a proibições. Observamos que em suas constatações existem pontos de encontro entre as teorias sobre a mulher e as teorias racialistas. Era a raça negra a acusada de conservar em sua mentalidade crenças primitivas, fetichistas, carregadas de superstições. Chamamos atenção para o fato de que, ao tecer suas considerações sobre a mulher, Castro aproximou-se, sobremaneira, das questões raciais postas no momento. Raça e gênero estiveram em constante contato na obra de Lívio de Castro.

Para tecer suas considerações sobre a mulher, Castro se acercou da autoridade da ciência, dizendo serem suas observações apoiadas por neuro-patologistas, “psicologistas”, “pedagogistas” e naturalistas. E não apenas de cientistas se cercou ele, mas também daqueles que, a seu ver, faziam “a história natural descritiva da atividade humana” como Balzac, Flaubert, Zola e Goncourt.<sup>64</sup> De acordo com sua interpretação, esses escritores confirmavam em seus livros a diferença psíquica entre homens e mulheres e o caráter infantil da mentalidade destas, sendo Emma de Bovary o principal exemplo.<sup>65</sup> A mulher estaria na infância da humanidade, seu cérebro seria tal qual ao de um menino de dez anos – constatação que também se fazia em relação ao elemento negro, por vezes chamado de infantil. Disso adviria outro grande problema: entregar as crianças aos cuidados das mulheres, como parecia ser o mais adequado, seria o mesmo que entregar uma criança aos cuidados de outra. Para ele, a educação ministrada pelas mulheres só poderia ser comparada à educação ministrada pelo clero, pois ambos preparavam os indivíduos para o passado, do qual eram seus representantes, e não para o presente ou o futuro, como deveria ser.

---

<sup>64</sup> Idem. p. 185.

<sup>65</sup> Na falta de estudos específicos sobre a psicologia da mulher, Castro acreditava que as análises literárias forneciam valiosos documentos sobre a mentalidade feminina; *A Madame Bovary* de Flaubert e também “diversas heroínas de Zola” seriam, na analogia de Castro, como “fotografias” representativas dos caracteres comuns ao sexo feminino, assim como as fotografias de Galton representavam os caracteres comuns pela herança familiar. Idem. pp. 172.

Para Collichio, era surpreendente encontrar, na última década do século XIX, alguém que reputasse a mulher como incapaz para o exercício da profissão de educadora ou para a tarefa educativa do lar. Naquele momento, vários intelectuais como, por exemplo, os de tendência romântica, reivindicavam a criação de jardins de infância no Brasil, para serem conduzidos por professoras, como já vinha ocorrendo nos Estados Unidos da América.<sup>66</sup> Tal posição foi defendida por Ruy Barbosa no seu *Parecer sobre o Ensino Primário e Secundário*.<sup>67</sup> Castro não só discordava disso, como estranhava o fato dos “homens de ciência” não se pronunciarem contra o papel da mulher como educadora, apesar de atestarem sua incapacidade mental. Ele acreditava que no estágio evolutivo em que se encontravam as mulheres, estas não deveriam exercer nenhuma posição na direção intelectual das gerações nem, tampouco, outros ofícios que exigissem preparo intelectual. Para que as mulheres educassem seus filhos, primeiro era preciso que se educassem e isso se fazia imperioso para o bem de todos, principalmente para os rumos que se queria dar à nação. Seu projeto de desenvolvimento para o Brasil passava diretamente pela questão educacional, vista como única forma de redenção para os problemas do país e único modo de alçá-lo à tão sonhada civilização.

No século XIX, a estreita relação entre os cuidados com a educação feminina e o progresso de uma nação foi um tema que esteve presente em muitos trabalhos, na Europa e no Brasil.<sup>68</sup> A idéia de que a sociedade não evoluiria caso não se cuidasse também da educação da mulher, não a habilitando para participar dos progressos da técnica e das ciências, começava a ganhar força entre os intelectuais. Idéia que adquiriria grande pujança em Lívio de Castro,

---

<sup>66</sup> COLLICHIO, Terezinha Alves Ferreira. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Op. cit. p. 81.

<sup>67</sup> Sobre o parecer de Ruy Barbosa ver: MOACYR, Primitivo. *A instrução e as Províncias: subsídios para a História da Educação no Brasil – 1834-1889*. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939-40. 3 v.

<sup>68</sup> DUARTE, Constância Lima. “Apontamentos para uma história da educação feminina no Brasil - século XIX”. In: DUARTE, C. L.; DUARTE, Eduardo A.; BEZERRA, Kátia C. (org.). *Gênero e Representação: Teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras/Estudos Literários/UFMG, 2002. p. 275,6.

que chega mesmo a ser repetitivo em sua ênfase na relação entre educação e evolução, principal argumento de seu livro e tema de alguns de seus artigos.

Essas questões não ficaram restritas aos discursos realizados pelos “homens de ciência”. Algumas mulheres letradas abraçaram a causa, fazendo surgir, já no início da segunda metade do século XIX, alguns jornais cujo principal pleito era a defesa da educação feminina. Esse é o caso do *Jornal das Senhoras* – fundado por uma argentina residente no Brasil, Joana Paula Manso de Noronha – que circulou entre 1852 e 1855, no Rio de Janeiro.<sup>69</sup> Estes jornais levantaram-se, inclusive, contra a concepção de inferioridade intelectual de seu sexo. O periódico *A Mulher* (fundado em 1881), que já trazia em seu subtítulo o motivo de sua publicação – *Consagrado aos interesses e direitos da mulher brasileira* –, surgiu em defesa da capacidade feminina. Sua fundadora, a brasileira Maria Augusta G. Estrella, estudante de medicina nos Estados Unidos, junto à também brasileira, Josefa. M. Oliveira, publicou em Nova York um jornal escrito em português e destinado às mulheres brasileiras.<sup>70</sup> Em seu primeiro número o jornal expôs sua luta:

Na sociedade civilizada o direito da mulher é incontestável: a história e a ciência falam alta e eloqüentemente a favor de suas prerrogativas. E só no meio das trevas e nos estados nômades; só onde a luz incandescente da civilização não tem refletido seus revérberos, que é possível negar à mulher os mesmos dons intelectuais que possui o homem. É preciso que a mulher inspire-se na evolução da moderna civilização e procure por de parte estes anátemas contra os seus direitos, esses motejos das idades senis que a igualavam aos irracionais. De povos constituídos por novos sistemas sociais, educados mais ou menos por uma civilização mais conducente à nossa espécie, é que surgiu a nossa crença de que a mulher, contemplando-se a luz do direito natural e social modernos, pelo seu organismo psicológico, deve ter os mesmos direitos que o homem. A sociedade brasileira se bem que nova ainda, já possui homens que inspirando-se na

---

<sup>69</sup> HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850 -1937*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. p. 34.

<sup>70</sup> Maria Augusta Generoso Estrella tentou ingressar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mas foi recusada. Seguiu então para cursar medicina nos Estados Unidos, na cidade de Nova York. Inicialmente, seus estudos foram financiados por seu pai, um rico comerciante português. Quando esse perde sua fortuna em um mau negócio, foi o próprio Imperador Dom Pedro II que passou a apoiá-la moralmente e financeiramente até a conclusão de seu curso. De volta ao Brasil, Maria Augusta prestou os exames para a obtenção de licença para clinicar no país, se tornando a primeira médica brasileira. RODHEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. p. 83.

verdade advogam os inauferíveis direitos da mulher: são luzeiros que aparecem no meio das trevas.<sup>71</sup>

Entre estes “luzeiros” destacamos a figura de Tobias Barreto, que em 1879 travou uma calorosa discussão na Assembléia de Pernambuco, sobre a capacidade da mulher para os estudos. Barreto, como já nos referimos anteriormente, foi um destacado membro da “Escola do Recife”, sectário das teorias evolucionistas, pioneiro na introdução das teorias germanistas nos estudos da Faculdade de Direito do Recife, onde estudou e foi professor. Entretanto, apesar de seu interesse pela antropologia criminal – assunto de alguns de seus trabalhos – possuía muitas ressalvas em relação a algumas conclusões retiradas da fisiologia e da craniologia. Ele não admitia a dinâmica cerebral entre peso do cérebro e grau de inteligência: “essa teoria, repito, que ensina determinar o grau de inteligência unicamente pelo peso do cérebro, é cousa um pouco desacreditada e não faz muita honra a quem queira basear-se nela”.<sup>72</sup> Para ele, era um crime de “lesa-ciência” dizer que as mulheres não tinham capacidade intelectual para, por exemplo, se ocuparem de trabalhos científicos como a medicina.

Enquanto Lívio de Castro – grande defensor da fisiologia e da craneologia – se utilizou de Darwin e Haeckel na fundamentação de suas idéias quanto à inferioridade intelectual feminina, Tobias Barreto se acercou dos mesmos nomes para confirmar o contrário. De acordo com este último, a lei da “adaptação individual”, proposta por Haeckel, dizia que os indivíduos de uma mesma espécie nunca seriam iguais. Deste modo, considerava inadmissível deduzir de pequenas diferenças entre os cérebros masculino e feminino, uma grande distância de capacidade intelectual entre um e outro. Em sua concepção, a mulher tinha as mesmas disposições naturais que os homens para os estudos superiores, “o que há mister é cultura, trabalho e esforço; o que há mister é que se lhe franqueie o templo da

---

<sup>71</sup> A MULHER: *Periódico Illustrado de Litteratura consagrado aos interesses e direitos da mulher brasileira*. New York. Ano I. Nº. 1. Janeiro, 1881.

<sup>72</sup> BARRETO, Tobias. “Educação da Mulher” - Assembléia de Pernambuco. Sessão de 22 de março de 1879. In: \_\_\_\_\_. *Estudos de Sociologia*. Rio de Janeiro: INL, 1962. pp. 71,2.

ciência”, advertiu.<sup>73</sup> Segundo Barreto, muitos estudiosos estavam tomando por efeito da natureza o que era, na realidade, um efeito da sociedade. E considerava que a explicação para o menor preparo intelectual das mulheres estava na forma como a sociedade as tratava, negando-lhes o acesso à educação ou, quando este lhes era permitido, caracterizava-se pelo predomínio do sentimento sobre a razão. Modificando-se os rumos da educação feminina logo se colheriam os resultados. Na agitada sessão da Assembléia de Pernambuco em 22 de março de 1879, o deputado Tobias Barreto assim encerrava seu discurso:

Todo homem tem a sua mania; e é infeliz aquele que não a tem: a minha mania, senhores, é pensar que grande parte dos nossos males vem exatamente da falta de cultura intelectual do sexo feminino.<sup>74</sup>

Lívio de Castro e Tobias Barreto, embora por caminhos diversos, chegaram às mesmas conclusões: a inferioridade intelectual feminina era uma conseqüência do descaso para com a educação da mulher, sendo seu desenvolvimento mental uma necessidade para o desenvolvimento do país. O debate de Tobias Barreto na Assembléia de Pernambuco se deu a propósito de uma petição de subsídios para enviar uma jovem para estudar medicina no exterior, por não ser permitido o ingresso de mulheres nas faculdades brasileiras.<sup>75</sup> Contudo, o debate se converteu numa verdadeira defesa da capacidade intelectual feminina e de seu acesso às faculdades de medicina. Apenas após o Decreto de 1879 – que reformava o ensino primário e secundário na corte e o ensino superior em todo o Brasil, implantando o “ensino livre” – é que se permitiu o ingresso de mulheres nas Faculdades de Medicina.<sup>76</sup>

---

<sup>73</sup> Idem. p. 72.

<sup>74</sup> Idem. p. 87.

<sup>75</sup> A petição foi enviada por Romualdo Alves de Oliveira em favor de sua filha, para que a mesma pudesse receber do governo um subsídio de 100\$000 por mês, para estudar medicina nos Estados Unidos ou na Suíça. COSTA, Emília Viotti da. “Patriarcalismo e patronagem: mitos sobre a mulher no século XIX”. In: \_\_\_\_\_. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Editora Unesp, 2007. p. 520.

<sup>76</sup> O parágrafo de N°. 20 do decreto permitia o ingresso de mulheres no ensino superior, exigindo, para as mesmas, lugares separados nas salas de aula. BRASIL. Decreto N°. 7247 de 19 de Abril de 1879 - *Reforma o ensino primário e secundário no município da corte e o superior em todo o Império*. Disponível em meio digital: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas/3\\_Imperio/artigo\\_009.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/3_Imperio/artigo_009.html) (Acessado em 20/06/2008).



As três primeiras brasileiras a freqüentar uma faculdade de medicina no Brasil foram Rita Lobato V. Lopes, Ermelinda L. Vasconcelos e Antonieta César Dias, que ingressaram na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no início da década de 1880.<sup>77</sup> Lívio de Casto pode comprovar na prática o que Tobias Barreto defendeu em seu discurso, pois freqüentou a mesma faculdade e ao mesmo tempo que estas mulheres. É possível que tenham cursado disciplinas juntos e que, nessas ocasiões, Castro tenha podido observar a capacidade intelectual das mulheres, quando lhes era concedido o direito à instrução. Medeiros e Albuquerque narra que por uma destas colegas de curso – sobre ela diz apenas que “deixou fama de beleza” – Lívio de Castro teria se apaixonado. Sentimento que lhe proporcionaria mais um motivo de sofrimento, entre tantos outros que já havia passado ao longo de sua vida.<sup>78</sup> Em artigo sobre o hibridismo no Brasil, Castro fez uma constatação que talvez dissesse mais de suas próprias experiências do que da própria realidade brasileira do momento: “o cruzamento do mestiço com a mulher branca é impossibilitado por causa do preconceito de cor, o mais poderoso no Brasil”.<sup>79</sup> No entanto, acreditava, tal cruzamento se daria quando o homem já não apresentasse vestígios da mestiçagem. Não era esse o seu caso, sua mestiçagem, como qualificou Sílvio Romero, era irrecusável.

As primeiras médicas brasileiras precisaram lutar para que lhes permitissem o acesso às faculdades. Romperam com os padrões de comportamento esperados para uma mulher no século XIX e, muitas vezes, sofreram censura social e moral. Todavia, não há indícios de que estas mulheres tenham se ocupado da desconstrução das teorias que as inferiorizava sexual e intelectualmente.<sup>80</sup> Além disso, teria corroborado para o ingresso de mulheres na profissão

---

<sup>77</sup> As três se matricularam na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1881. Rita Lobato, no entanto, transferiu-se para a Faculdade de Medicina da Bahia, onde concluiu o curso em 1887, tornando-se a primeira médica formada em território brasileiro. Ermelinda Vasconcelos foi a primeira a se diplomar no Rio de Janeiro, no ano de 1888, seguida de Antonieta Dias, em 1889. RODHEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença*. Op. cit. pp. 84,5.

<sup>78</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. “Lívio de Castro”. *O Estado de São Paulo*. 19 de Junho de 1890. p. 1.

<sup>79</sup> CASTRO, Tito Lívio de. “Duas palavras sobre a hybridéz eugénésica”. In. \_\_\_\_\_. *Questões e Problemas*. Op. cit. p. 101.

<sup>80</sup> RODHEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença*. Op. cit. pp. 80,5, 6.

médica a idéia de que elas seriam mais adequadas no cuidado de seu próprio sexo e também no cuidado das crianças. Como médicas, continuaram a trajetória das parteiras – principais agentes da saúde feminina – e suas atividades profissionais ainda continuavam, em grande medida, a ser desempenhadas no espaço do lar, onde se resguardavam mulheres e crianças.<sup>81</sup>

O lar foi o espaço primordial da mulher no século XIX, sendo os cuidados com o marido e com os filhos sua principal função. Desde muito cedo as meninas já aprendiam ser submissas e recatadas. Negavam-lhes todo e qualquer sinal de independência e, aquelas criadas em ambientes rigorosamente patriarcais, viviam sob rígida tirania dos pais que, mais tarde, era substituída pela tirania dos maridos.<sup>82</sup> Na análise de Gilberto Freyre, a situação de reclusão das mulheres teria aumentado com a transferência da casa-grande para os sobrados, ainda que este apontasse para um patriarcalismo em declínio. Também, o conforto dos sobrados teria acentuado a fragilidade feminina e introduzido uma série de refinamentos europeus, acentuando ainda mais a diferenciação entre homens e mulheres.<sup>83</sup> Charles Expilly – um viajante francês que chegou ao Brasil em 1853 e produziu algumas obras pouco elogiosas sobre o país – dedicou-se à observação dos costumes das mulheres brasileiras em um de seus trabalhos. Segundo ele, a opressão da mulher no Brasil fazia com que ela fosse a maior escrava do seu lar, ficando sob a sombra de seus opressores – pais, maridos e irmãos – que lhe privavam o direito de escrever e até de falar. Novamente, verifica-se a comparação do *status* social da mulher sob a ótica da opressão escravista. Expilly cita um provérbio português que se transferiu para o Brasil com os colonizadores e foi uma realidade durante todo o domínio português, para explicar a situação: “uma mulher já é muito instruída quando

---

<sup>81</sup> Idem.

<sup>82</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. Coleção Intérpretes do Brasil. Vol. 2. p. 512.

<sup>83</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002. Coleção Intérpretes do Brasil. Vol. 2. p. 815.

lê corretamente as suas orações e sabe escrever a receita da goiabada. Mais do que isso já seria um perigo para o lar”.<sup>84</sup>

A situação educacional da mulher no Brasil impressionou muitos outros viajantes estrangeiros que aportaram por aqui no século XIX. Eles deixaram em suas obras uma imagem da mulher quase criança, vivendo sob a tutela de pais despóticos, passando, em seguida, para o controle restrito do marido, a quem devia total obediência. Elizabeth Agassiz, que, junto a seu marido, Louis Agassis, expedicionou pelo país durante um ano (1865- 1866), observou de perto a situação educacional da mulher brasileira. Ela testemunhou nunca ter visto para as pessoas de seu sexo, situação mais triste do que a das mulheres nas pequenas localidades do Brasil, onde eram desprovidas de quase toda a instrução, inclusive a doméstica, que ficava entregue aos escravos. Elizabeth Agassiz deixou sérias considerações sobre o futuro do Brasil, que muito se aproximavam das preocupações de Lívio de Castro: “num país em que a metade apenas da sociedade recebe instrução, o progresso intelectual é necessariamente entravado”.<sup>85</sup> Segundo ela, mesmo que as brasileiras recebessem os benefícios da instrução, havia tanta opressão em sua existência doméstica e tão pouca ligação com o mundo exterior, que isso já bastava para por obstáculo a seu desenvolvimento intelectual. Mais do que educação, as mulheres necessitariam poder exprimir seus sentimentos e desempenhar livremente suas potencialidades, não bastava que as educassem, era necessário também que lhes permitissem circular na sociedade, ter contato com o mundo e não apenas restringirem-se ao espaço do lar.

Na primeira metade do século XIX, as mulheres eram mantidas quase segregadas, sendo vistas apenas de soslaio nas poucas ocasiões que iam à rua, normalmente, para fazerem suas orações na Igreja. Esta situação se alterou na segunda metade do século, quando as

---

<sup>84</sup> EXPILLY, Charles. *Mulheres e costumes do Brasil*. Belo Horizonte /Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000. p. 183.

<sup>85</sup> AGASSIZ, Elizabeth Cary. (1865). Apud.: LEITE, Miriam Moreira (org.) *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: HUCITEC / Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984. p. 76.

mulheres passaram a ser vistas em bailes, teatros, confeitarias e, inclusive, passeando pelas cidades.<sup>86</sup> Entretanto, permanecia sobre elas a autoridade patriarcal e o peso da acusação de serem intelectualmente inferiores. Todavia, não podemos esquecer que tal situação de reclusão se refere à mulher branca, em especial, de famílias abastadas ou de situação financeira regular. Havia também aquelas que, de algum modo, agregavam-se ao grupo familiar, vivendo sob sua influência e controle. A imagem da mulher brasileira reclusa, que encontramos nos relatos de viajantes e de outros cronistas, não corresponde às experiências vividas por mulheres em situações sociais inferiores. As escravas, as forras e as não-brancas nascidas livres, as negras de ganho, as trabalhadoras da incipiente indústria nacional, as prostitutas, as trabalhadoras da zona rural, as que chefiavam famílias, entre outras tantas, dificilmente se enquadrariam na imagem da mulher submissa e quase infantil, que dominou o imaginário sobre a mulher do século XIX. Essas apareceram como personagens pitorescas em relatos e crônicas, ou como figuras secundárias de alguns romances.<sup>87</sup> Entretanto, suas trajetórias ficaram registradas em documentos diversos como, por exemplo, jornais, ações de justiça, registros de igrejas, censos e testamentos. Destacamos o caso das escravas e forras que circulavam pelas cidades com seus balaios, ganhando a vida e conseguindo, por vezes, juntar pecúlio. Muitas escravas conseguiram comprar sua carta de alforria e passaram a gerenciar suas próprias vidas.<sup>88</sup> Todavia, quando se fala em educação da mulher no século XIX, fala-se, quase exclusivamente, da educação de mulheres brancas e bem resguardadas financeiramente. Se para elas a educação formal era extremamente deficiente, para negras, mestiças e mesmo brancas pobres, ela era, pode-se dizer, quase inexistente.<sup>89</sup>

---

<sup>86</sup> COSTA, Emília Viotti da. “Patriarcalismo e patronagem: mitos sobre a mulher no século XIX”. Op. cit.. p. 494.

<sup>87</sup> Idem. pp. 497,8.

<sup>88</sup> Cf.: PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e Universo Cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716 - 1789*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2001. TEIXEIRA, Paulo Eduardo. *O outro lado da família brasileira: mulheres chefes de família 1765 - 1850*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2004.

<sup>89</sup> Sobre casos de instrução de mulheres mestiças ver: PAIVA, Eduardo França. “Leituras (im)possíveis: negros e mestiços leitores na América Portuguesa. In. DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (org). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos*

Além da alardeada incapacidade feminina para o cultivo e desenvolvimento intelectual, outro motivo apontado para que não se educassem as mulheres era a alegação de que a educação da mulher seria nociva à família. O papel a ser desempenhado pela mulher era na família e não na sociedade, sua função era a procriação da espécie e não o desenvolvimento social. Alterar esta ordem seria dissolver os pilares que sustentavam a família, o que, por conseqüência, provocaria o desmoronamento da ordem social. Lívio de Castro via na instituição familiar um contrato de exploração de um “sócio” sobre o outro. Família e escravidão seriam duas instituições análogas, ambas provenientes do direito de conquista. Ao longo da evolução da sociedade, o casamento teria se transformado numa espécie de transação comercial em que a mulher (mercadoria) seria negociada pelo pai (vendedor) e pelo marido (comprador).<sup>90</sup> Para manter tal situação, era necessário manter a mulher na mais profunda ignorância, pois sua educação poderia por em risco os interesses da família, leia-se, do patriarcalismo. Para Lívio de Castro, se a educação da mulher viria dissolver a família – idéia defendida por muitos homens – era porque a ignorância era um dos fundamentos desta instituição. Portanto, se o “progresso mental” da mulher levaria à destruição da família, “o primeiro cuidado de um povo que se civiliza” devia ser o de extinguir a família e educar a mulher, pois a família, nestes moldes, seria incompatível com a evolução.<sup>91</sup> A simples menção em destruir a família, ainda que fosse pelos benefícios da ciência e da evolução, já constitua uma análise bastante progressista para a época. A família, especialmente em um país católico como o Brasil, era um baluarte intocável, uma instituição sagrada, mesmo para os mais liberais “homens de ciência”.

No entanto, para Lívio de Castro, a família evoluiria junto com as sociedades e já não significaria, nos países civilizados, uma instituição retrógrada baseada na exploração, mas sim

---

XVIII-XX. São Paulo: Annablume, 2006. Sobre o tema ver, também, os artigos do *Cadernos Penesb - Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira*. Nº. 8, dezembro 2006. Rio de Janeiro/Niterói EdUFF/Quartet, 2006.

<sup>90</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 87.

<sup>91</sup> Idem. pp. 319,20.

na associação de dois indivíduos com interesses comuns. A família não mais se sustentava na ignorância e educar a mulher seria uma necessidade para a evolução familiar e, por conseguinte, para a evolução de toda a sociedade. Castro foi um defensor do casamento civil – instituído no Brasil no ano de 1890 – pois a mulher seria mais livre na união civil do que na religiosa, já que esta última seria de natureza conservadora, mantendo as noções primitivas de família. Nas sociedades civilizadas, o casamento continuaria a ser um contrato, mas desta vez, um contrato em que ambas as partes trabalhavam em prol de um bem comum e estavam cientes de sua missão reprodutiva e social. Homens e mulheres deviam se completar, pois família e sociedade só poderiam existir onde existissem os dois sexos, sendo absolutamente inexata a idéia de que o lugar da mulher era na família e o lugar do homem na sociedade. Contudo, Lívio de Castro não defendeu a igualdade na divisão social do trabalho entre homens e mulheres. Para ele, até mesmo a sexualidade era biologicamente uma divisão do trabalho. Homens e mulheres deviam cooperar cada um com sua função, pois esta era uma condição vital para a existência humana.<sup>92</sup> Contra aqueles que advogavam ser a mulher apenas procriadora e, baseados nisso, negavam a sua necessidade de instrução, Lívio de Castro perguntou:

Se a educação da mulher é inútil porque ela é procriadora, onde está o motivo que justifica a educação do homem? Não é científico pretender-se que a um sexo mais do que ao outro compete a propagação de uma espécie [...].<sup>93</sup>

Além de procriação, os pais eram responsáveis pela educação dos filhos e, para tanto, a educação da mulher seria fundamental, mais do que isso, seria uma exigência da civilização.

A mulher só poderia educar seus filhos depois de ser educada:

No ponto a que chegamos não basta como em outros tempos que a mulher seja mãe. E se basta ser mãe, a maternidade não está mais nas dores da parturição, que o progresso médico talvez venha suprimir, não está nos

---

<sup>92</sup> Idem. p. 337

<sup>93</sup> Idem. p. 339.

sacrifícios que a classe abastada desconhece. [...] A civilização exige a sua educação e o seu preparo para educadora.<sup>94</sup>

Preparar a mulher para cumprir a “nobre missão” de primeira educadora foi uma das preocupações do escritor, educador e crítico literário José Veríssimo. Em *A educação nacional* – livro publicado em 1890 e reeditado em 1906, acrescido de introdução e de um capítulo sobre a educação das mulheres – Veríssimo expõe suas idéias sobre a educação feminina. Essa deveria ser ministrada de acordo com as necessidades à qual ela se destinava:

A mulher brasileira, como a de outra qualquer sociedade da mesma civilização, tem de ser mãe, esposa, amiga e companheira do homem, sua aliada na luta da vida, criadora e primeira mestra de seus filhos, confidente e conselheira natural do marido, guia de sua prole, dona e reguladora da economia de sua casa, com todos os demais deveres correlativos a cada uma destas funções.<sup>95</sup>

A instrução das mulheres deveria ser integral e enciclopédica, assim como a educação dos homens. Entretanto, Veríssimo não considerava a mulher capaz de se aprofundar e de se especializar nos estudos, pois reputava sua inteligência como inferior à inteligência do homem. Para ele, não era necessário fazer com que as mulheres percorressem e aprofundassem todos os conhecimentos humanos, “senão tudo o que não é lícito ignorar”.<sup>96</sup> Cabia retirá-las da imensa ignorância em que se encontravam, não esquecendo jamais de que se tratavam das primeiras e imediatas educadoras dos homens. Ele considerava a educação como o único meio, praticamente infalível, certo e seguro para se reformar um povo. Apesar de algumas divergências entre suas idéias e as de Lívio de Castro, ambos viam a educação como um fator de evolução, concordando também que, “para educar, a primeira condição é saber”.<sup>97</sup>

---

<sup>94</sup> Idem. pp. 338,9.

<sup>95</sup> VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 122.

<sup>96</sup> Idem.

<sup>97</sup> Idem. p. 129.

Mesmo Lívio de Castro, com suas idéias progressistas em relação á família, não defendia a educação da mulher no intuito de se promover sua emancipação política e social. Apesar de dizer que o lugar da mulher era junto do homem, tanto na família quanto na sociedade, sua tarefa continuava sendo, para Castro, a mesma indicada por aqueles contrários à educação feminina, ou seja, o cuidado com os filhos, com o marido, com o lar. Também Tobias Barreto, defensor do direito da mulher no exercício de profissões como a medicina, não considerava necessária a emancipação política dela. Para ele, a “questão da *emancipação da mulher*” dizia respeito a três pontos de vista distintos: político, civil e social. Os dois últimos ele considerava necessários, já “quanto ao primeiro, a emancipação política da mulher”, confessou ele, “ainda não a julgo precisa, eu não a quero por ora”.<sup>98</sup> Observamos que, mesmo possuindo pensamentos mais “progressistas” em relação às mulheres, estes homens ainda se sentiam donos dos destinos femininos, resguardando para si o direito de julgar o que era melhor para elas.

A construção da identidade feminina, como afirma Roger Chartier, ao tratar da “dominação simbólica” entre os sexos, se consolidaria na interiorização, pelas próprias mulheres, de normas e condutas enunciadas pelos discursos masculinos.<sup>99</sup> No cerne desta prática há toda uma sustentação ideológica fazendo com que as próprias mulheres adotassem o discurso dominante, aproximando assim a “dominação masculina” de uma “dominação simbólica” gerada sem violência e nem coação. As mulheres não foram apenas passivas diante de questões que lhes diziam respeito. Muitas delas agiram ativamente na defesa de seus direitos à educação, à vida política e social. Contudo, os discursos sobre o papel a ser desempenhado pelas mulheres na sociedade eram tão arraigados, que elas próprias os

---

<sup>98</sup> BARRETO, Tobias. “Ainda a educação da Mulher” - Assembléia de Pernambuco. Sessão de 22 de março de 1879. In: \_\_\_\_\_. *Estudos de Sociologia*. Rio de Janeiro: INL, 1962. p. 74. (grifo no original)

<sup>99</sup> A dominação simbólica pressupõe a adesão dos próprios dominados às categorias que fundam sua sujeição. CHARTIER, Roger. “Diferenças entre os sexos e dominação simbólica”. (nota crítica) *Cadernos PAGU*, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero, Nº. 4, 1995. p. 40. Ver também: BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.



adotavam, defendendo a educação feminina para um melhor desempenho nas tarefas domésticas e no cuidado de suas famílias. A imprensa feminina reiterou a defesa da educação como modo de se aprimorar o conhecimento dos deveres domésticos, produzindo e reproduzindo os discursos do período. Essa posição foi encontrada, por exemplo, no jornal *O sexo feminino*, editado por Francisca Diniz, que tinha por fundamento a promoção da emancipação feminina. Em editorial intitulado “A mulher” o jornal defendia uma instrução sólida para que as mulheres conhecessem seus deveres e pudessem desempenhar melhor a sua “nobre missão” no seio da família e da sociedade.<sup>100</sup>

Discursos como esse, ainda que buscassem defender o acesso das mulheres à educação, se pautavam pela idéia de que tal acesso teria seu valor no que contribuísse para o aprimoramento dos cuidados com a família. Muitas mulheres adotaram esta posição porque, como nos lembrou Duarte, o papel de “rainha do lar”, no qual eram elevadas nestes discursos, era melhor do que o de simples “escrava doméstica”, ou ainda, simples procriadora. Educadas, elas seriam as grandes responsáveis pela manutenção e ordem dos lares, papel de importância no contexto geral do desenvolvimento da nação.<sup>101</sup> Esta posição não deve ser encarada de modo depreciativo, pois ela contribuiu para a maior valorização das mulheres, e para que, aos poucos, elas fossem introduzindo novas demandas como o direito à participação política e à inserção no mercado de trabalho.

---

<sup>100</sup> O SEXO FEMININO, 08 de Agosto de 1875. Apud.: ANDRADE, Fernanda A. de Almeida. *Estratégias e Escritos: Francisca Diniz e movimento feminista no século XIX (1873 - 1890)*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2006. (dissertação)

<sup>101</sup> DUARTE, Constância Lima. “Apontamentos para uma história da educação feminina no Brasil - século XIX”. Op. cit. p. 281.

## 2.4. Raça e gênero

“Woman is the nigger of the world, yes she is... think about it. [...] Woman is the slave of the slaves Yeh (think about it)”<sup>102</sup>

Enquanto Lívio de Castro buscava razões para os problemas brasileiros no descaso do país para com a educação de seu povo, em especial, para com a educação das mulheres, a questão racial era, por muitos, apontada como o principal motivo do atraso nacional. No livro *A mulher e a sociogenia* também estão presentes referências às teorias racialistas, em voga no período.<sup>103</sup> Contudo, o autor apenas as utiliza no fornecimento de dados para a construção de analogias entre sexo e raça, temas centrais em sua análise evolucionista. Castro se utilizou do termo raça, por vezes de forma ambígua, não se referindo apenas a grupos étnicos diversos, mas também a homens e mulheres, como se esses integrassem duas raças distintas. Ele subverteu o tema da inferioridade entre as raças, tal como era comumente entendido pelas teorias racialistas – que hierarquizavam os seres humanos, classificando-os em escalas de evolução – inserindo uma nova categoria racial. Todavia, ele não descarta, nem tampouco contesta o modelo racialista em que a “raça branca” é tida como superior em evolução às demais raças, em especial, à “raça negra”. Não obstante se tratar de um mulato, não há, em sua obra, críticas diretas a teorias como da degenerescência do mestiço e da inferioridade intelectual do negro. Há, no entanto, algumas contradições sobre este assunto, em relação ao qual ele escreveu: “a constituição do mestiço é mais fraca do que qualquer das raças mães”, afirmação que se filia claramente à teoria da degenerescência.<sup>104</sup> Contudo, afirma logo a

---

<sup>102</sup> LENNON & YOKO. “Woman is the nigger of the world”. In.: \_\_\_\_\_. *Some Time in New York City*. Apple/EMI. 1972.

<sup>103</sup> Optamos pela utilização do termo racialista para distinguir as diversas doutrinas sobre a questão racial de outras concepções racistas. As doutrinas racialistas apoiavam-se em estudos científicos (posteriormente refutados) e foram de forte influência no século XIX e início do século XX. TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993. p. 107. Contudo, sabemos que, muitas vezes, ocorreram contatos entre estas duas formas de pensar a questão racial. Cf.: GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

<sup>104</sup> CASTRO. T. L. “Duas palavras sobre a hybridéz eugenésica”. In. \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913. p. 100.

<sup>104</sup> Idem. p. 101.

seguir: “o tipo resultante do cruzamento de duas raças não apresenta fenômenos de regressão, salvo se considerar regressão a cor e o cabelo; a cor vai se aproximando da branca; o cabelo é preto corrido”.<sup>105</sup> Esta afirmação, por sua vez, já se aproximava das teorias do branqueamento, que via na mestiçagem uma forma de clarear gradativamente a população, aproximando-a cada vez mais do tipo europeu desenvolvido e civilizado. No geral, o que se observa em sua obra é, principalmente, uma posição favorável à mestiçagem como detentora de uma identidade nacional brasileira. As contradições não foram exclusividades sua, estando presentes em todo o meio intelectual brasileiro do período, especialmente, ao buscarem soluções para os problemas do Brasil na adoção de teorias que o desabonava.

No Brasil, a geração de 1870, preocupada com os rumos do país e com a conformação racial que esse tomava, iniciou um processo de recepção, adaptação e produção de teorias sobre a questão racial e a natureza tropical do país. A herança africana, assim como uma série de outros fatores – como o meio e o clima, a escravidão e a mestiçagem – foram apontados como causas do atraso em que se encontrava o Brasil.<sup>106</sup> Para muitos intelectuais do período, os negros africanos e sua mestiçagem sócio-cultural e racial constituiriam sempre um motivo de inferioridade para o país, pois estavam em um estágio inferior de evolução. Esta idéia era apoiada pelo médico-legista e etnólogo Nina Rodrigues, ligado à Faculdade de Medicina da Bahia. Para ele, por maiores que fossem os serviços prestados pela raça negra no Brasil, ela sempre constituiria um fator de inferioridade para o país.<sup>107</sup> Em sua análise, o cruzamento entre brancos e negros resultaria em indivíduos degenerados, inferiores, tanto em relação à raça branca, quanto em relação à raça negra. Nina Rodrigues defendia a teoria da degenerescência, que teve como um de seus principais teóricos o Conde de Gobineau.<sup>108</sup> Para

---

<sup>105</sup> Idem.

<sup>106</sup> Cf.: PAIVA, Eduardo França. “De português a mestiço: o imaginário brasileiro sobre a colonização e sobre o Brasil”. In: SIMAN, Lana Mara de Castro; FONSECA, Thais Nívia de Lima. *Inaugurando a história e construindo a nação: discursos e imagens no ensino de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

<sup>107</sup> RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. p. 7.

<sup>108</sup> Gobineau, autor do *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1854), foi chefe da delegação diplomática francesa no Brasil durante um ano (1869-1870), quando estreitou amizade com o Imperador Dom Pedro II.

ele, o resultado originado da mistura entre raças seria sempre um dano, e os mestiços seriam uma sub-raça decadente e degenerada.<sup>109</sup> Além disso, ele considerava as raças não brancas como incapazes de atingir a civilização, e nem mesmo a educação seria capaz de alterar esse fato.<sup>110</sup>

Além da condenação do negro africano como representante de uma raça inferior, tanto culturalmente, quanto intelectualmente, e da mestiçagem como fator de degeneração das raças, outros fatores foram vistos como causas de atraso. O colonizador português foi considerado inferior aos ingleses, holandeses e franceses que teriam deixado boas influências na América do Norte. A colonização portuguesa foi, por muitos, vista como predatória, sendo indicada como um dos motivos que fizeram com que o Brasil não tivesse se desenvolvido.<sup>111</sup> Essa foi a posição de autores como Manoel Bonfim que, escrevendo no início do século XX – *A América Latina: males de origem*, foi publicado em 1905 – indicou a herança ibérica como uma das causas para a América Latina não ter se desenvolvido plenamente.<sup>112</sup> No Brasil, a colonização portuguesa teria deixado como herança um parasitismo que influenciou a economia, a política e a sociedade como um todo, sendo essa a principal causa dos problemas nacionais. Manoel Bonfim se opôs, veementemente, às teorias que indicavam a “questão da raça” como causa principal do atraso em que se encontrava o país. Para ele, a contribuição do africano e do indígena na formação do Brasil foi diminuta, uma vez que esses, por serem mais rudimentares e maleáveis, adaptaram-se com facilidade ao caráter do colonizador.<sup>113</sup> Ele não rompeu com as teorias racialistas e também reputou os negros e indígenas como “gentes

---

Apesar de sua admiração pelo imperador, demonstrou sempre uma verdadeira aversão ao Brasil, onde, segundo ele, todos “pareciam-se com macacos”. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. pp. 372,3.

<sup>109</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 64.

<sup>110</sup> VENTURA, Roberto *Estilo tropical*. Op. cit. p. 56.

<sup>111</sup> PAIVA, Eduardo França. “De português a mestiço”. Op. cit. pp. 28-30.

<sup>112</sup> BONFIM, Manuel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. (Coleção Intérpretes do Brasil Vol. I)

<sup>113</sup> Idem. pp. 791,2.

infantis”, “selvagens”, representantes de povos atrasados.<sup>114</sup> No entanto, considerava estes povos perfeitamente civilizáveis, chamando a “teoria de inferioridade de raças” de “sofisma abjeto do egoísmo humano, hipocritamente mascarado em ciência barata, e covardemente aplicado à exploração dos fracos pelos fortes”.<sup>115</sup> Em relação à mestiçagem, se opôs à teoria da degenerescência, acreditando que os defeitos e virtudes dos mestiços provinham da herança e da educação por eles recebidas, bem como da adaptação às condições de vida que lhes era oferecida.<sup>116</sup> Contra as idéias defendidas por Bonfim, Sílvio Romero se lançou em mais uma de suas polêmicas, o que rendeu uma série de vinte e cinco artigos – publicados em 1906 sob o título *A América Latina: análise do livro de igual título do Dr. Manoel Bonfim*.<sup>117</sup> Em relação à educação e à mestiçagem, Bomfim apenas expressou mais diretamente e com mais veemência, o que Lívio de Castro já havia defendido, mas esse, ao contrário, recebeu calorosos elogios de Romero.

As indagações sobre o atraso nacional suscitaram diversas discussões entre os intelectuais brasileiros. Várias foram as causas apontadas, assim como caminhos indicados para a superação dos problemas nacionais. Enquanto uns defenderam a educação, outros propuseram também a mestiçagem, visando o branqueamento progressivo da população e a aproximação com a raça branca. Existiram mesmo aqueles que acreditaram estar o Brasil condenado ao atraso. Não raro, encontramos duas destas facetas em um mesmo discurso, unindo educação e mestiçagem em projetos de desenvolvimento para a sociedade brasileira. Por sinal, esta é a postura que encontramos em Lívio de Castro.

A temática da raça perpassa toda a obra de Castro, mas quase sempre em um segundo plano de sua escrita. É importante destacar como em diversos momentos ele utilizou os

---

<sup>114</sup> Idem.

<sup>115</sup> Idem. p. 796.

<sup>116</sup> Idem. p. 815.

<sup>117</sup> Entre as diversas expressões que utilizou pra qualificar o livro de Manoel Bonfim, Sílvio Romero se referiu ao seu autor como “mestiço ibero-americano”, pertencente a uma “corja” ou a “um bando de malfeitores do bom senso e bom gosto”. Apud: VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das letras, 2000. p. 146.

mesmos qualificativos, as mesmas teorias e até o mesmo vocabulário técnico utilizado nas análises racialistas do período, em sua percepção sobre a condição da mulher. Afirmou ele:

Na humanidade atual coexistem raças diversas constituindo sociedades. A mulher é de uma raça e o homem é de outra. Há uma exogamia mental. Essa pode extinguir-se; a raça feminina pode evoluir. E agora é ocasião de perguntar: é útil esta evolução? Há dois modos de interpretar a utilidade da evolução feminina: em relação à própria mulher e em relação ao homem. Poderíamos dizer que só há um modo de interpretá-la: em relação à espécie.<sup>118</sup>

A partir de afirmações como essas, podemos dizer que a noção de raça está posta de forma ambígua em algumas passagens da obra de Castro. A mulher pertenceria às “raças humanas”<sup>119</sup> na qualidade de um de seus sexos formadores, mas por não possuir as características mentais masculinas, formaria uma outra raça:

[...] a mulher pode evoluir, a mulher pode educar-se; ela que só pertence às raças atuais na qualidade de sexo, pode pertencer a essas raças, na qualidade de animal inteligente.<sup>120</sup>

Em seu argumento homens e mulheres constituiriam duas raças distintas, sendo a mulher vista como o elo fraco da raça humana, praticamente uma outra raça, inferior em tudo ao homem e concorrente dele no processo evolutivo. Seriam “raças antagônicas”, pois enquanto os homens rumavam para o desenvolvimento, as mulheres os retardavam, funcionando como um verdadeiro “obstáculo para a evolução”.<sup>121</sup> As diferenças intelectuais existentes entre homens e mulheres seriam tão marcantes que, para Lívio de Castro, já possuíam “um caráter de raça” e, se persistissem, assumiriam proporções muito maiores, a ponto de constituírem “um dimorfismo específico na humanidade”.<sup>122</sup> Este dimorfismo sexual

---

<sup>118</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 316.

<sup>119</sup> Salientamos que nosso entendimento de raça fundamenta-se na existência de apenas uma raça englobando homens e mulheres de todas as etnias, culturas e credos: a raça humana.

<sup>120</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 315.

<sup>121</sup> Idem. p. 354.

<sup>122</sup> Idem. p. 405.

– uma diferença física entre os sexos de uma mesma espécie, não relacionada apenas aos órgãos de reprodução – seria um perigo para o futuro da humanidade:

A espécie humana terá deixado de existir pra surgirem em seu lugar a espécie masculina e a espécie feminina de um gênero humano, ou os gêneros de uma família humana. E não pode parar aí o resultado da divergência dos tipos. Associados sempre os dois sexos na propagação da vida, o tipo sociogênico masculino, depois de uma certa diferenciação, será contrabalançado pelo feminino e a evolução, quando não seja a própria vida, tornar-se-á impossível.<sup>123</sup>

Curiosamente, na forma como foi construído o trecho acima, ocorre uma inversão nos termos masculino e feminino, transformados em espécie, enquanto é ao termo “humano” que aparece precedido da palavra gênero. Para ele, as diferenças cerebrais entre os sexos já seriam indícios suficientes para a constatação de um dimorfismo entre homens e mulheres, pois a espécie teria seus caracteres primordiais na estrutura e no funcionamento cerebral. Há, portanto, uma imprecisão nos termos raça e gênero utilizados na argumentação de Lívio de Castro. Por vezes, nos parece que ele os combina para dar um efeito alarmante em suas conclusões, chamando ainda mais atenção para a necessidade da educação feminina, no intuito de se alcançar o que ele chamou de “ideal de uma espécie”, ou seja, o paralelismo mental entre os sexos.

As analogias entre sexo e raça encontraram em Lívio de Castro um devotado seguidor. No final do século XIX foi comum encontrar em diversos trabalhos comparações entre a raça negra e o sexo feminino, tidos, respectivamente, como inferior à raça branca e ao sexo masculino. Esta idéia teria sido reforçada pelo próprio Darwin em seu livro *A descendência do homem*, ao defender que na luta pela vida o homem teria se desenvolvido mais que a mulher.<sup>124</sup> A semelhança entre a mulher e a “raça atrasada” é defendida ao longo de toda a argumentação de Castro em seu livro *A mulher e a sociogenia*. Ao fim, as mulheres acabariam

---

<sup>123</sup> Idem.

<sup>124</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do Feminino*. Op. cit. p. 50.

por representar a parcela atrasada da humanidade, superando a inferioridade das raças, pois mesmo no interior das “raças atrasadas”, as mulheres seriam inferiores aos homens. Para Lívio de Castro, a inferioridade feminina ultrapassaria os limites entre as raças, devendo suplantar as preocupações de qualquer governo para com o desenvolvimento de seu povo e, por conseguinte, da nação.

Apesar de confirmar a noção de inferioridade feminina, as idéias de Castro não nos reportam a simples preconceitos sexistas, ainda que estes estivessem culturalmente arraigados na sociedade. Ele construiu sua argumentação baseando-se no que de mais moderno a ciência tinha para oferecer em sua época. Por defender a educabilidade da mulher e sua capacidade para atingir os mais altos graus de cultura intelectual – quando lhes era franqueado o direito à instrução de qualidade – seu livro foi tido como “um libelo a favor da educação feminina” e, portanto, um tratado em defesa dos direitos da mulher.<sup>125</sup> Há que se indagar o fato de Lívio de Castro, um mulato, ter se ocupado em estudar a inferioridade feminina, quando as “mentes nacionais” se voltavam para a questão do negro e do mestiço. Como procuramos explicitar ao longo de todo o nosso texto, a “questão da raça” não está ausente na obra de Lívio de Castro, contudo, é na educação – vista como a solução para todos os males do país – que reside sua grande preocupação para com o futuro do país. Há nisso um sintoma do dilema enfrentado por muitos intelectuais mestiços, que buscaram na educação uma compensação para a inferioridade de suas condições. Não apenas Lívio de Castro, mas também outros mestiços, a exemplo de Tobias Barreto, defenderam a educação como um caminho para o desenvolvimento. Por meio da educação se alcançariam os níveis mais elevados de desenvolvimento humano. E, ao conferir à educação este papel, Castro retira sobre si o peso de sua origem mestiça. Ele é, antes de tudo, um indivíduo moldado pela erudição, ele é o que o cérebro faz dele, por conseqüência, um ser evoluído, superior.

---

<sup>125</sup> Idem. p. 19.



# CAPÍTULO III

## CAPÍTULO III

### “Espólio literário”

---

Neste capítulo pretendemos analisar as demais produções de Tito Lívio de Castro, ou seja, sua tese para o doutoramento na faculdade de medicina e seus artigos e ensaios literários publicados em jornais e no livro *Questões e problemas*. Abordaremos questões relativas à literatura, à psiquiatria e, novamente, questões ligadas à temática da raça e da educação. Também, por se tratar de um capítulo final, objetivamos fazer um apanhado geral das idéias de Castro, mostrando como alguns temas perpassam toda sua obra e dão coerência a suas proposições.

#### 3.1. Produção intelectual

Desde que a verdade em relação a nós é péssima, todo aquele que estudar a vida brasileira tem de escolher uma das pontas do dilema – não dizer a verdade ou ser pessimista.<sup>1</sup>

Ser pessimista no Brasil do final do século XIX significava, para Lívio de Castro, não fechar os olhos diante dos problemas nacionais. A partir desta constatação, ele produziu trabalhos bastante desanimadores em relação ao cenário sócio-cultural brasileiro. Escreveu, principalmente, ensaios literários, mas, a partir desses, discutiu os mais diversos assuntos, entre eles, questões ligadas à situação política e social brasileira. Em 1881, aos dezessete anos, Castro já ensaiava seus primeiros passos na crítica literária. Escrevera no *Tentamen* – um pequeno e efêmero jornal de estudantes do Colégio Pedro II – um artigo sobre o poeta

---

<sup>1</sup> CASTRO. Tito Lívio de. *Questões e problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913. p. 200.

Castro Alves.<sup>2</sup> Desde então, não parou mais de escrever e até sua morte, aos vinte e seis anos (1890), conseguiu ver muitos de seus trabalhos publicados.

O final do século XIX foi um período de grande agitação cultural. Crescia o número de bacharéis, de médicos, entre outras formações profissionais, e esses nem sempre se dedicavam a trabalhos diretamente relacionados à sua formação, seguindo, por exemplo, carreiras na política, na diplomacia e no magistério. Muitos deles também se dedicaram à escrita de romances, de poesias e de ensaios críticos. Alguns se notabilizaram neste ofício, como é o caso de Afrânio Peixoto, médico legista renomado que também se dedicou à política e à escrita de romances e ensaios, tornando-se membro da Academia Brasileira de Letras. Entretanto, nem todos conseguiram espaço para a publicação de seus trabalhos dentro do “movimento editorial” que se processava, em especial, na cidade do Rio de Janeiro, onde impressores, editores e livreiros estrangeiros tornaram-se figuras essenciais no comércio e edição de livros.<sup>3</sup> Os jornais representavam uma oportunidade de publicação mais acessível, mas, ainda assim, insuficiente para a crescente demanda de autores, entre romancistas, poetas e ensaístas.

Não sabemos em que circunstâncias Lívio de Castro conseguiu ter seus artigos publicados no Jornal *A Província de São Paulo*. Talvez tenha sido intermediado por algum amigo ou, talvez, possa ter enviado seus trabalhos ao jornal por iniciativa própria. Jornal que, ao longo da década de 1880, empenhou-se em duas grandes campanhas, defendendo a abolição da escravatura e a proclamação da República. Ligado ao Partido Republicano Paulista desde sua fundação, *A Província de São Paulo* já possuía, em 1886, uma tiragem de

---

<sup>2</sup> ROMERO, Sílvio. “Prefácio”. In: CASTRO, T. L. *Questões e problemas*. Op. cit. p. xvii. O artigo *Castro Alves* recebeu outras publicações posteriores em 1905 no periódico *Século XX*, em 1913 no livro *Questões e problemas* e, em 1921, na Revista da Academia Brasileira de Letras, comemorativa dos cinquenta anos de morte do poeta Castro Alves.

<sup>3</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da república: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 23.

três mil e quinhentos exemplares, número que triplicou nos dez anos seguintes.<sup>4</sup> Em suas páginas foram apresentados todo um ideário evolutivo-positivista, com apreciação cotidiana de nomes como Darwin, Spencer e Comte.<sup>5</sup> Ao que tudo indica, Lívio de Castro teve boa aceitação entre os leitores, pois repetidas vezes viu seus artigos contemplados na primeira página deste jornal. Artigos que, em alguns casos, devido ao tamanho exacerbado, eram divididos em partes e publicados em diferentes dias. *A Província* também publicou notícias sobre Castro, fazendo-lhe muitos elogios quando de sua defesa de tese, de sua formatura na faculdade e, por fim, de sua morte. Um mês após o falecimento, o jornal – já com o nome modificado para *O Estado de São Paulo* – publicou um necrológico de página inteira em homenagem à memória de Castro, demonstrando grande apreço por seus trabalhos. Acreditamos que, por terem sido publicados em jornal, os artigos de Castro tiveram boa circulação, proporcionando-lhe reconhecimento, ainda que não gozasse de prestígio como crítico oficial.

De acordo com Sílvio Romero, o “espólio literário” de Lívio de Castro – que lhe foi entregue para catalogar e preparar para publicação – daria para compor quatro volumes. Seriam eles: a tese de doutoramento *Das alucinações e ilusões* e três livros – *A mulher e a sociogenia*, *Questões e problemas* e *Novos e velhos*. Estes dois últimos compilariam os diversos artigos escritos por Castro, muitos deles ainda inéditos. Contudo, o projeto para o livro *Novos e Velhos* nunca chegou a se concretizar. Uma série de acontecimentos impediria que toda a produção intelectual de Lívio de Castro viesse a público. Inicialmente, o episódio do roubo dos escritos, que teria ocorrido logo após a saída do corpo do jovem médico para o sepultamento. O português Manoel Paes acusou terem alguns amigos de seu falecido afilhado,

---

<sup>4</sup> DE LUCCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999. p. 38.

<sup>5</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 32.

apossado de vários escritos desse e, posteriormente, os publicado como sendo de autorias próprias.<sup>6</sup> Medeiros e Albuquerque teria sido o principal acusado e tudo quanto publicava depois da morte de seu amigo, ficava sob a acusação do velho Paes de ser plágio das idéias de Castro.<sup>7</sup> Depois, devido a um desentendimento com Sílvio Romero durante a impressão de *A mulher e a sociogenia*, o projeto de publicação dos demais livros ficou comprometido, e apenas a primeira parte da empreitada se concluiu. Romero e Manoel Paes só voltariam a se encontrar pouco antes da morte deste último, quando ele declarou que deixara em seu testamento algumas casas em Portugal para serem vendidas, com o propósito de reverter o dinheiro destas vendas para a publicação dos livros restantes.<sup>8</sup>

Após a morte de Manoel Paes, por ele ser estrangeiro e não deixar herdeiros no Brasil, entrou em sua casa o fisco e recolheu todos os seus bens, entre eles, os livros de estudo e os manuscritos de Lívio de Castro. Repassados a leiloeiros, foram colocados “em praça os ditos bens”. Por sorte, alguns manuscritos foram arrematados por um certo Dr. Theodoro de Magalhães, que reconhecendo nas indicações para publicação a letra do amigo Sílvio Romero, levou-os até ele. Foram estes “salvados do naufrágio”, na expressão do próprio Romero, que deram origem ao livro *Questões e problemas*, publicado em 1913. O crítico sergipano ainda se esforçaria por rever outros dezessete manuscritos leiloados, que serviriam para compor o livro *Novos e Velhos*.<sup>9</sup> Contudo, devido a sua morte no ano seguinte (1914), tal feito jamais se realizou.<sup>10</sup>

---

<sup>6</sup> ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro”. In. \_\_\_\_\_. *História da Literatura Brasileira*. Tomo Quinto. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1949. p. 347.

<sup>7</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Quando eu era vivo... Memórias: 1867 a 1934*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945. p. 66.

<sup>8</sup> ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro”. (1949). Op. cit. pp. 340,1 e 350.

<sup>9</sup> Idem. pp. 353,4. As “pistas” deixadas por Sílvio Romero em relação ao destino dos manuscritos de Lívio de Castro (incluindo os manuscritos de *A mulher e a sociogenia* e “notas e escritos sobre vários assuntos de interesse exclusivo do autor”) foram seguidas, mas, infelizmente, sem sucesso. Foram pesquisados vários arquivos em busca de possíveis doações da família de Romero ou dos arrendatários dos manuscritos de Castro. Entre os arquivos consultados estão os do IHGB, da Biblioteca Nacional, do Arquivo Público/RJ, da Casa de Ruy Barbosa, da Academia Brasileira de Letras e do Museu do Folclore. A biblioteca de Sílvio Romero foi adquirida pelo Governo de Sergipe e, atualmente, integra a Biblioteca Epifânio Dória, em Aracaju. Tal acervo,

### 3.2 – O médico psiquiatra

Ao lado do livro *A mulher e a sociogenia*, a tese de doutoramento em medicina – *Das alucinações e ilusões* – constitui a mais especializada produção de Lívio de Castro. Entretanto, se o livro, embora escrito em linguagem científica, era acessível para um público culto mais diversificado, o mesmo não pode ser dito em relação à tese. Apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em trinta de setembro de 1889, na cadeira de clínica psiquiátrica, a tese abordava os diversos tipos de alucinações e ilusões verificados em diferentes estados psicológicos e patológicos. Segundo Isaías Paim, esta tese representou, juntamente com as teses psiquiátricas de Afrânio Peixoto e Estelita Tapajós (pertencente ao grupo de amigos de Lívio de Castro), um momento de grande importância para o desenvolvimento da psiquiatria no Brasil. Tais teses, na opinião de Isaías Paim, seriam exemplos do talento científico dos homens de ciência brasileiros que, inspirados em doutrinas estrangeiras, produziram trabalhos com uma originalidade de pensamento que em nada ficava a dever às escolas psiquiátricas do velho mundo.<sup>11</sup>

Quando Lívio de Castro escreveu sua tese, a especialização psiquiátrica começava a se desenvolver no Brasil. O Hospício Dom Pedro II – primeira iniciativa brasileira para o tratamento das doenças nervosas – foi inaugurado em 1852, no Rio de Janeiro e sua direção foi confiada a religiosos da Santa Casa de Misericórdia. Só em 1881 a direção foi assumida por um médico. Deste ano data também a criação das primeiras cadeiras de “doenças nervosas e mentais” nas faculdades de medicina do país. Contudo, foi somente em 1886 que um médico-psiquiatra passou a ocupar o posto de diretor do Hospício Dom Pedro II – mais tarde

---

contudo, não nos foi possível consultar; apenas fomos informados, pelos funcionários da biblioteca, que no acervo “Sílvia Romero” não constava a existência de textos manuscritos.

<sup>10</sup> Dos dezessete artigos enumerados por Romero, seis foram encontrados publicados no Jornal *A província de São Paulo*.

<sup>11</sup> PAIM, Isaías. “Psiquiatras brasileiros: Tito Lívio de Castro”. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. 1961; 6(1-4). pp. 65,6.

denominado Hospital Nacional dos Alienados.<sup>12</sup> Este médico era Teixeira Brandão, que também, por meio de um concurso realizado em 1883, já havia se tornado o primeiro professor da cadeira de clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ao que tudo indica, Lívio de Castro foi um de seus mais destacados alunos, sendo orientado por ele na escrita da tese, além de ter sido escolhido para substituí-lo, quando de uma viagem à Europa.

As teses constituíam o requisito final para a obtenção de título de doutor em medicina, e possuíam um caráter solene e prestigioso. Não raro, eram repetitivas, suscitando, inclusive, acusações de plágio.<sup>13</sup> Segundo Medeiros e Albuquerque, salvo raras exceções, as teses constituíam “folhetinhos sem importância, em que os autores copiavam, mais ou menos alterados, os ensinamentos dos livros clássicos”.<sup>14</sup> Nos últimos anos, diversos trabalhos acadêmicos se utilizaram das teses produzidas nas faculdades de medicina, analisando-as como fontes privilegiadas para o estudo da recepção e formulação de idéias, assim como para a compreensão da prática médica no Brasil.<sup>15</sup> Muitas teses de medicina primaram por rigor técnico-metodológico, demonstrando como os médicos brasileiros tinham acesso ao que de mais moderno se produzia na Europa. Não podemos concordar que todas as teses se tratassem apenas de meros folhetinhos sem importância, pois, como observou Rodhen, também havia alguns trabalhos resultantes de extensa pesquisa bibliográfica e mesmo de observações em

---

<sup>12</sup> COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 40.

<sup>13</sup> ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. p. 96.

<sup>14</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. “O meu verdadeiro Patrono: Tito Lívio de Castro” (Discurso proferido na Academia Brasileira de Letras em 18 de Fevereiro de 1932). In.\_\_\_\_. *Homens e cousas da Academia Brasileira*. Rio de Janeiro: Renascença, 1934. p. 282.

<sup>15</sup> Entre outros, ver: ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença*. Op. cit. MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. JACÓ-VILELA, Ana Maria; ESPIRITO SANTO, Adriana Amaral do; PEREIRA, Vivian F. Studart. “Medicina legal nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1830-1930): o encontro entre medicina e direito, uma das condições de emergência da psicologia jurídica”. *Interações* Vol.10 Nº.19, Jun. 2005. As teses defendidas pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro entre os anos de 1832 a 1995 foram catalogadas. Ver: UFRJ / CCS / Faculdade de Medicina. *Catálogo de Teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1985.

hospitais e casas de saúde.<sup>16</sup> Este parece ter sido o caso da tese de Lívio de Castro, em que esse demonstrou ter conhecimento das principais teorias existentes sobre o tema que escolhera, tendo completado seus estudos com observações colhidas junto aos internos do Hospício Dom Pedro II. Ao contrário do que ocorre em *A mulher e a sociogenia* – onde as principais referências teóricas são completamente vulgarizadas à época, sendo do conhecimento de um público amplo, familiarizados com teorias de seleção natural, evolução, etc... – os autores citados na tese são bem menos conhecidos. Trata-se de uma bibliografia muito específica, ligada a temas como hipnotismo, delírio, loucura, sonho, alucinação, ilusão, entre outros temas próprios da psiquiatria. A defesa da tese foi noticiada no jornal *A Província de São Paulo*, que pouco devia conhecer de seu conteúdo, mas ainda assim teceu elogios só comparáveis aos de Sílvio Romero:

Modesto ao extremo, extraordinariamente estudioso, pensador por índole, filósofo por generalização, acaba de receber o grau de doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro - Tito Lívio de Castro, um rapaz distintíssimo que tem ilustrado esta folha com uma colaboração brilhantíssima.

Da mentalidade que atualmente estuda e que se faz conhecer no Brasil, Lívio de Castro é uma das inteligências mais cultas e poderosas.

As belas qualidades de seu cérebro não se cifram apenas à obra fria da compreensão e do discernimento, estendendo-se até os confins da imaginação; sentido com verdadeiras emoções de artista tudo que possa ser objeto de estética.

Vem daí o admirável e salutar equilíbrio de sua notável individualidade: que traça com a mesma presteza tanto o artigo esplêndido de nossa crítica literária, a crítica científica, quanto o estudo consciencioso e correto sobre qualquer assunto. [...]

É um dos poucos destinados a ser, na obra coletiva da inteligência brasileira um dos melhores elementos de propulsão e progresso, e nela o seu nome há de figurar sem dúvida como símbolo sagrado de um talento real, de uma sólida ilustração, de um formosíssimo caráter, de um trabalhador indefeso, a quem caberá, naturalmente, a nobre missão de realçar a fase intelectual de seu tempo.

Sílvio de Castro foi aprovado com distinção na sua defesa de tese. Sabemos que este trabalho do ilustrado moço é peça importantíssima não só pelo valor científico como pela correção e brilho da forma.

---

<sup>16</sup> ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença*. Op. cit. p. 96.



Não podíamos deixar de felicitar o nosso distinto colaborador e fazemos com toda simpatia e justiça, hoje que se lhe abrem os largos horizontes, em que vão lutar e vencer o seu grande talento e sua valorosa dedicação.<sup>17</sup>

Em um erro do jornal vemos grafado “Sílvio de Castro”, ironicamente, estes dois nomes estiveram intimamente relacionados, confundindo os que se debruçaram sobre a figura meteórica de Lívio de Castro. Em estudo sobre a tese *Das alucinações e ilusões*, Isaías Paim encontrou diversas contradições em suas proposições. Para este médico, e escritor de diversos livros sobre psiquiatria, o mérito da tese estaria unicamente no fato de haver contribuído para a investigação psiquiátrica, em um momento de grandes limitações científicas sobre o assunto. O que, todavia, não o impediu de realizar uma interpretação bastante original.<sup>18</sup> A importância de Lívio de Castro para a história da psiquiatria brasileira – da qual é tido como um dos pioneiros – residiria no fato de ter sido ele o primeiro a procurar na filosofia pontos de apoio que o orientassem nos estudos da psicopatologia.<sup>19</sup>

A já mencionada vocação de Castro para a análise social também se faz presente em sua tese, ainda que não represente um ponto crucial nela. Tendo dividido as alucinações e ilusões em diversas categorias, Castro dedicou um trecho à análise do que chamou de alucinações sistemáticas. Essas foram definidas como alucinações de caráter coletivo, que assumem a importância de um fenômeno social e influem sobre o espírito público, traduzindo o estado mental de uma sociedade ou de uma época.<sup>20</sup> Segundo ele, esse tipo de alucinação coletiva era um fenômeno antigo com pouca ocorrência “nos tempos modernos”, mas que ainda não havia desaparecido de todo, pois, vez por outra, os jornais brasileiros noticiavam algum caso ocorrido no interior das províncias. Como exemplo, Castro cita algumas “epidemias célebres”: “Pedra Bonita ou Reino Encantado” em Pernambuco e “uma mais

---

<sup>17</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. “Lívio de Castro”. São Paulo: 24 de dezembro de 1889. (grifo nosso)

<sup>18</sup> PAIM, Isaías. “Psiquiatras brasileiros: Tito Lívio de Castro”. Op. cit. p. 90.

<sup>19</sup> Idem. p. 91.

<sup>20</sup> CASTRO, T. L. *Das alucinações e ilusões*. Rio de Janeiro: Imprensa Mont'Alverne, 1889. p. 50.

notável do que todas na Bahia, produzida pelo denominado ‘conselheiro’, criminoso em missão religiosa, em que o povo ‘viu Santo Antônio aparecido’”.<sup>21</sup> Também as práticas religiosas indígenas e o espiritismo, tido como “uma sobrevivência do animismo primitivo” entre os europeus, foram, por ele, classificados sob a denominação de alucinação sistemática. Estes exemplos, em sua concepção, serviriam para trazer a público as mais grosseiras práticas fetichistas em que se assentavam a religiosidade popular. Foi comum entre os psiquiatras de fim do século XIX e primeiras décadas do século XX, associar questões culturais com problemas psiquiátricos que deviam ser tratados e sanados. Tal prática foi comum a toda uma geração de médicos, cientistas e demais estudiosos que buscaram na raça e no sexo explicações para problemas sociais e questões culturais.

Lívio de Castro formou-se em medicina, doutorando-se pela cadeira de clínica psiquiátrica. Contudo, não chegou a desempenhar a profissão, pois morreu seis meses após receber o grau de doutor, concedido pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em outubro de 1889.

### **3.3 – O crítico literário**

Os artigos produzidos por Lívio de Castro poderiam ser divididos em dois grandes temas: crítica literária e crítica social. Contudo, estes são temas quase indissociáveis em sua crítica e, por vezes, o que era para ser um artigo sobre literatura, transformava-se numa verdadeira análise de questões culturais, raciais e políticas. Citemos como exemplo o artigo “Novo meio, nova arte”, um verdadeiro manifesto ao naturalismo que, no entanto, também

---

<sup>21</sup> Idem. p. 54. A tese de Lívio de Castro foi defendida em 1889; nesta época, Antônio Conselheiro peregrinava como beato pelo sertão nordestino conquistando seguidores, mas ainda não tinha se fixado no interior da Bahia. O povoado de Belo Monte (Canudos) só seria fundado em 1893, sendo massacrado pelas tropas do governo em 1897, após um ano de conflitos.

constitui mais uma análise sobre a situação brasileira.<sup>22</sup> A crítica literária desfrutou, no final do século XIX, de um prestígio jamais alcançado em nenhum outro momento da vida intelectual brasileira.<sup>23</sup> O espaço da crítica foi, muitas vezes, utilizado para suscitar polêmicas, debater idéias e discutir os problemas nacionais, algo que exercia muito fascínio sobre os intelectuais. De modo que, sob a denominação de crítica literária, debateram-se idéias políticas, temas sociais e, como não poderia deixar de ser, literatura.<sup>24</sup>

Em Sílvio Romero a função crítica encontrou um de seus maiores polemistas. Ao conceber a atividade crítica de “forma heróica e empenhada”, atribuindo à literatura e à cultura uma missão social, Romero exigiu dos escritores um engajamento político.<sup>25</sup> De acordo com Antônio Cândido, a crítica “romeriana” assumiu uma dimensão mais ampla. Nela, o movimento de analisar, compreender e construir estava intimamente ligado ao movimento simultâneo de destruir.<sup>26</sup> Romero polemizou tanto com escritores, como Machado de Assis, quanto com outros críticos, a exemplo de Araripe Junior. Para ele, a moderna crítica não se resumia mais a uma simples crítica literária, era antes “uma disciplina científica” que se aplicaria a todas as manifestações da humanidade, e seu domínio se estenderia a todas as criações da inteligência humana.<sup>27</sup> Na introdução ao livro *A literatura brasileira e a crítica moderna*, ele escreveu: “não deixa de ser coisa perigosa publicar neste país um livro de crítica”.<sup>28</sup> Também sua afirmação não deixava de ser verdadeira, principalmente no que se referia àqueles a quem suas críticas se direcionavam.

---

<sup>22</sup> Cf.: CASTRO, T. L. “Novo meio, nova arte”. In.:\_\_\_\_. Questões e problemas. Op. cit.

<sup>23</sup> SCHNEIDER, Alberto Luiz. “Sílvio Romero: crítico e historiador da literatura brasileira”. In: Revista *Temas & Matizes: Dossiê História e Literatura*. Unioeste (PR): Vol. 3, Nº. 6, 2004. p. 57.

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das letras, 2000. p. 72.

<sup>26</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. p. XV.

<sup>27</sup> ROMERO, Sílvio. (1885). Apud. CÂNDIDO, Antônio. *Sílvio Romero*. Op. cit. p. 87.

<sup>28</sup> ROMERO, Sílvio. (1880). Apud. CÂNDIDO, Antônio. *Sílvio Romero*. Op. cit. p. 03.

A leitura dos artigos de crítica literária produzidos por Lívio de Castro nos remete ao estilo combativo, irônico e, por vezes, agressivo encontrado na crítica de Sílvio Romero. Castro também pautou sua escrita na ciência e enfatizou a questão do evolucionismo. Para ele, mesmo a arte devia ser entendida através da ciência: “a arte sem ciência não se concebe, nem a ciência sem arte se impõe”. Para tanto, citou alguns exemplos nos quais seria possível se observar a união entre ciência e arte. Ele considerava evidente a arte na “História Natural” de Buffon ou em uma “obra de ciência eminentemente artística”, como a “História da França”, de Michelet. Obras como a “Cosmogonia”, de Kant, produziriam um efeito arrebatador, semelhante ao de uma ópera, assim como a “História da criação natural”, de Haeckel, cujo efeito se compararia ao produzido por uma nave abobada e colossal das catedrais do período medieval.<sup>29</sup> Na condição de crítico literário, elegeu o naturalismo como a última expressão artística e literária. Segundo ele, “o naturalismo era o positivismo na arte”<sup>30</sup> ou, ainda, “a mais genuína expressão de arte do século XIX”,<sup>31</sup> e se caracterizaria por uma exposição minuciosa da observação dos fenômenos da hereditariedade, da adaptação e da experiência física, sendo ao mesmo tempo produto e síntese da ciência.<sup>32</sup>

A concepção naturalista recebeu calorosa recepção entre os críticos brasileiros, sendo adotada por Araripe Junior, José Veríssimo, Capistrano de Abreu e Sílvio Romero.<sup>33</sup> Contudo, essa adesão ao naturalismo não impediu que ocorressem verdadeiras batalhas entre estes críticos, pois cada um deles concebeu um modo de interpretar a literatura naturalista. Em trabalho de 1882, intitulado *O naturalismo em literatura*, Sílvio Romero proclamou a superioridade do naturalismo sobre as demais correntes literárias. Adotando o naturalismo de Taine, ele reduziu a literatura à manifestação dos fatores naturais, dando ênfase à questão

---

<sup>29</sup> CASTRO, T. L. “Novo meio, nova arte”. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. Op. cit. p. 90.

<sup>30</sup> Segundo ele, o termo positivismo foi usado no sentido de positividade, não se referindo à Escola Positivista.

<sup>31</sup> CASTRO, T. L. “*O homem*: por Aluísio de Azevedo”. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. Op. cit. p. 55.

<sup>32</sup> CASTRO, T. L. “Novo meio, nova arte”. Op. Cit. p. 90.

<sup>33</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*. Op. cit. p. 88.

racial. Taine formulou a base da crítica naturalista, que deveria se fundamentar em três fatores: raça, meio e momento. Dentre esses, a raça foi o fator que mais atenção recebeu de Romero.<sup>34</sup> Fazendo uma análise muito próxima desta base crítica, Castro defendeu a literatura como expressão de três elementos: língua, raça e tradições. Só quando estes três elementos possuíssem uma unicidade, formando um “tipo único”, um país possuiria uma literatura nacional. Para ele, o Brasil caminhava nesta direção e, assim como Sílvio Romero, acreditava que isso só seria alcançado por meio da mestiçagem.<sup>35</sup>

Seguindo os passos do mestre, Castro comparou o naturalismo com o romantismo e o classicismo.<sup>36</sup> Cada uma destas correntes literárias poderia, segundo ele, ser caracterizada a partir de um paralelo entre a evolução individual e social da humanidade. Deste modo, o “classicismo” equivaleria ao período autoritário, seu correspondente social seria o que na vida humana é a infância, não teve autonomia, guiou-se pela imitação, pelo que estava determinado. O romantismo teria sido uma adolescência inquieta, viçosa, empreendedora e dominada pelas paixões. Atirando-se a todas as questões foi destruidor, revolucionário e otimista, como um jovem capaz de sacrifícios e que nada teme, movido sempre pela liberdade e pelo amor. A adolescência seria uma fase de muitos erros, mas também de grande esplendor e, por isso, o romantismo incitava admiração. Já o naturalismo seria o equivalente à maturidade, em que se “pesam todos os atos” e se “criticam todos os passos”. Seria como um homem na sabedoria de sua maturidade, que ao selecionar seus trabalhos anteriores, selecionaria, corrigiria e sintetizaria todos os seus conhecimentos, tirando deste complexo

---

<sup>34</sup> Idem. pp. 77 e 85.

<sup>35</sup> CASTRO, T. L. “O naturalismo no Brasil”. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. Op. cit. p. 112.

<sup>36</sup> Sílvio Romero estranhou o fato de Castro considerar o classicismo uma corrente a serviço da imitação e indicou vários autores clássicos para comprovar o contrário. ROMERO, Sílvio. “Prefácio”. In: CASTRO, T. L. *Questões e problemas*. Op. cit. p. xxxv. Acreditamos que, provavelmente, Castro se referia ao neoclassicismo (ou arcadismo), corrente literária vigente até princípios do século XIX, que teve como principal característica a retomada da cultura clássica.

uma lei.<sup>37</sup> O naturalismo se configuraria numa reforma geral no método, baseando-se na observação e na experimentação criteriosa. De acordo com Lívio de Castro, na concepção naturalista colaborariam dois fatores: a natureza, por meio da observação e da ciência, e o indivíduo, por meio de seu temperamento.<sup>38</sup> Por isso, seria impossível falar das obras de um artista sem se estudar o meio em que foram produzidas e as estruturas individuais de quem as produziu.

Ao estudar o meio literário brasileiro, Castro descreveu um ambiente ainda desfavorável para o desenvolvimento do naturalismo. A educação no Brasil era precária, quando não inexistente em diversos pontos do país. Além disso, entre os alfabetizados, poucos eram os que realmente conseguiam ler, escrever e compreender o que liam. Neste ambiente, os poucos escritores existentes eram obrigados a escrever para eles próprios ou para um público ainda incipiente, o que os impossibilitava de viver de seu trabalho literário:

Os literatos brasileiros não são literatos, não vivem do capital representado pela aptidão literária, e os que insistem em fazê-lo são vencidos, caem na boêmia, como é costume dizer [...] Diz-se com razão que nossa literatura é pobre e nossos homens de letras são poucos. Tratemos de criar a literatura dizem. Não. Tratemos de criar o meio.<sup>39</sup>

Viver de literatura não deve ter sido uma tarefa fácil para maioria dos escritores brasileiros de então, que dividiam a carreira literária com outros ofícios. Assim como exposto anteriormente, os literatos brasileiros eram médicos, advogados, professores, jornalistas, burocratas, entre outras ocupações. Muitos escreveram sob a forma de folhetins, publicando seus trabalhos, seriadamente, em jornais e revistas. Nos jornais, os “homens de letras” buscavam encontrar o que poucos encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar, mas

---

<sup>37</sup> CF.: CASTRO, T. L. “Novo meio, nova arte”. Op. cit.

<sup>38</sup> Idem. p. 90.

<sup>39</sup> CASTRO, T. L. “Nosso meio literário”. In.: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. Op. cit. p. 212.

também, um pouco de dinheiro, como salientado por Sodré.<sup>40</sup> Muitos trabalhos tiveram grande aceitação do público – mais amplo no caso dos jornais – sendo posteriormente editados sob o formato de livros. Lívio de Castro se ressentia das publicações em formato de folhetim; para ele, tratavam-se de “simples contos para um dia”, superficiais, sem estudo e nem observação.<sup>41</sup> Entretanto, foi um escritor de folhetim, Aluísio de Azevedo, que produziu aquela que é considerada a obra inaugural do naturalismo no Brasil, o romance *O mulato* (1881). Todavia, Lívio de Castro – um mulato – asseverou não haver neste romance nenhum personagem natural, possivelmente, se referia ao próprio protagonista da obra. Só posteriormente, quando Azevedo publicou o romance *O homem* (1887), Castro acreditou estar diante da primeira obra de cunho verdadeiramente naturalista. Apesar das críticas a certos problemas relacionados a questões psiquiátricas presentes no romance – algo próprio de um estudante de psiquiatria – ele exaltou o aparecimento do livro e elogiou seu autor: “Ao Sr. Aluísio de Azevedo caberá sempre a glória de ter sido a guarda avançada de uma geração”. De fato, a obra considerada a expressão máxima do naturalismo brasileiro é de autoria de Azevedo, o livro *O Cortiço* (1890).

Nos romances naturalistas a ciência estava na boca dos personagens, nos diálogos entre os protagonistas e, como observou Schwarcz, tudo era citação.<sup>42</sup> Um ano após a publicação de *O homem*, seguiu-se a publicação do livro *A carne*, de Júlio Ribeiro. Neste livro o autor procurou seguir a fundo os preceitos impostos pelo naturalismo. Seus personagens falam por meio de citação, expõem doutrinas científicas, discutem Darwin, Haeckel, fazem experiências científicas, descrevendo cenários “vastos de *struggle for life*”, no “qual se debatem, se devoram todos os seres da criação”.<sup>43</sup> O livro foi mal recebido entre muitos

---

<sup>40</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999. p. 292.

<sup>41</sup> CASTRO, T. L. “O naturalismo no Brasil”. Op. cit. p. 121.

<sup>42</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*. Op. cit. p. 151.

<sup>43</sup> RIBEIRO, Júlio. *A carne*. São Paulo: Círculo do livro, 1992. p. 77.

críticos. José Veríssimo o chamou de “parto monstruoso de um cérebro artisticamente enfermo”, outros o acusaram de imoral.<sup>44</sup> Lívio de Castro, por sua vez, festejou seu aparecimento como a consagração de uma corrente já iniciada no Brasil por Aluísio de Azevedo, e que encontrava sua mais forte expressão em Júlio Ribeiro.<sup>45</sup>

Castro afirmava que a crítica brasileira teria resistido muito ao naturalismo. Araripe Junior, por exemplo, o teria admitido, mas como quem tolera um mal diante da eminência de um bem maior; Tobias Barreto teria considerado o naturalismo tão ridículo e absurdo quanto “um orangotango de casacas”.<sup>46</sup> Em relação a Sílvio Romero, Castro observou que, “apesar da acuidade de sua crítica severa e certa”, ele teria demorado para fazer justiça ao naturalismo, chamando-o erroneamente por neo-realismo.<sup>47</sup> Quem também teria utilizado esta denominação seria Urbano Duarte que, de acordo com Lívio de Castro, havia escrito na *Revista Brasileira*: “o classicismo morreu anêmico, o romantismo tísico, o satanismo apoplético, o neo-realismo parece que quer morrer sífilítico”.<sup>48</sup> Apesar da toda a resistência enfrentada, Lívio de Castro acreditava que, com o romance *A carne*, estava assegurada a vitória final do naturalismo no Brasil.

Quando o assunto era o naturalismo, Lívio de Castro se tornava um crítico apaixonado, cometendo o crime da parcialidade, que ele negava poder existir num trabalho verdadeiramente científico. Não se preocupou em esconder suas “antipatias literárias”, declarando-as abertamente, como no caso do parnasianismo, em cuja crítica assumiu poder estar “exagerando inconscientemente” os argumentos a favor de sua recusa ao estilo. A repulsa por certas correntes, no entanto, não o impediu de admirar alguns de seus

---

<sup>44</sup> VERÍSSIMO, José. (1894) Apud.: IVO, Lêdo. “O olhar clandestino de Júlio Ribeiro”. In: RIBEIRO, Júlio. *A carne*. Op. cit. p. 167.

<sup>45</sup> Cf.: CASTRO, T. L. “*A carne*: de Júlio Ribeiro”. *A Província de São Paulo*, 18 de setembro, 1888. pp. 1,2.

<sup>46</sup> Idem. p.1.

<sup>47</sup> Idem. Apesar desta observação, Sílvio Romero já havia defendido, em ensaio sobre Émile Zola, datado de 1882, a vantagem do termo naturalismo em relação ao termo realismo. ROMERO, Sílvio. (1882) Apud. CÂNDIDO, Antônio. *Sílvio Romero*. Op. cit. p. 83.

<sup>48</sup> CASTRO, T. L. “*A carne*: de Júlio Ribeiro”. Op. cit. p. 1.



representantes, como ocorreu com o romântico Castro Alves ou com o parnasiano Augusto de Lima.

Para Lívio de Castro, tudo deveria ser reduzido à análise científica, criteriosa e insuspeita. Sua crítica, por vezes, ingênua, voltava-se feroz contra os que, acreditava ele, não cumpriam uma missão científica e social por meio da escrita. Não chegou a criar grandes polêmicas, adotou-as de seu mestre Romero, em especial, a despropositada antipatia em relação a Machado de Assis. A influência de Sílvio Romero em Lívio de Castro foi sentida em diversos aspectos. Entretanto, Castro também possuía autonomia intelectual em relação a seu mestre. Podemos encontrar discordâncias entre os dois e, algumas delas, foram mesmo apontadas pelo próprio Romero. Em prefácio à coletânea de artigos *Questões e problemas*, algumas destas discordâncias vieram à tona. Nele, Romero escreveu: “Não estou aqui para dizer amém a todas as palavras do oficiante”. No entanto, elogios foi o que mais fez, reservando poucas críticas e, mesmo estas, feitas em um tom muito distante ao que costumava dispensar a outros autores. Lastimou o fato de Lívio de Castro ter “dado o apoio de seu enorme talento” àqueles que criticavam os trabalhos de Ernest Renan, produzindo um trabalho “sofrivelmente exagerado”.<sup>49</sup> Sua crítica maior, no entanto, volta-se para a questão do naturalismo. É importante lembrar que Romero escreveu tais considerações vinte e dois anos após a morte de Castro (1890) e, portanto, com certo afastamento dos ânimos que agitaram a década de 1880, período em que nosso autor realizou seus trabalhos. Segundo Sílvio Romero, a morte irrecusável do naturalismo já vinha se processando desde o período no qual Castro escrevia suas críticas, o que comprovaria o engano de seu dogmatismo crítico:

---

<sup>49</sup> ROMERO, Sílvio. “Prefácio”. (1913). Op. cit. pp. xxxviii,xix. Lívio de Castro produziu dois artigos sobre Renan. Um deles se configura numa crítica negativa ao escritor francês, mas o outro artigo, apesar de algumas discordâncias, é também muito elogioso em relação aos trabalhos de Renan. Cf: CASTRO, T. L. “Queimem-se os ídolos”. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. Op. cit. CASTRO, T. L. “Origens do Cristianismo: Renan”. *O Estado de São Paulo*. 19 de Junho de 1890.

A razão a meu ver desse tão pronto fracasso de suas previsões proveio da falsa idéia, em que aliás era acompanhado por quase toda a gente: supor que a arte assim como a religião, não falando das criações fundamentais e irredutíveis da humanidade, era uma serva da ciência, que se confundia, em grande parte, com ela e dela dependia. A realidade é outra e bem diversa. O naturalismo assentava em falsa base, teve vida passageira, viveu menos, muito menos que o romantismo.<sup>50</sup>

Observa-se que Romero não se inclui entre aqueles que produziram uma crítica dogmática em defesa do naturalismo na arte. Tendo assistido o advento de novas correntes estilísticas a sobrepujar o naturalismo – também defendido por ele – tais como o parnasianismo, o simbolismo e o impressionismo, Romero se esforçou em mostrar que desde muito cedo havia previsto o fracasso naturalista. Segundo ele, já em 1879 presentira a morte do “ilusório sistema”, que acabaria “reumático como um sandeu tornado impotente pelas orgias”.<sup>51</sup> Antônio Cândido observou uma tendência “romeriana” em reivindicar para si a prioridade e importância na introdução de certos conceitos e, do mesmo modo, no movimento da literatura e das idéias de modo geral.<sup>52</sup> Nota-se que também havia nele uma tendência a se desvencilhar de teorias decadentes, das quais foi fiel seguidor.

Não deve ter sido uma tarefa simples para Lívio de Castro criticar seu mestre, algo de que não se furtou. No entanto, sua crítica se aproxima da conhecida constatação feita por Antônio Cândido: “o que se tira de Sílvio Romero com uma das mãos, é preciso dar de volta com a outra”.<sup>53</sup> Assim, desqualifica-o por um lado, exaltando-o por outro e, após criticá-lo, tece-lhe numerosos elogios. Em análise à incursão poética de Romero, o livro *Últimos harpejos* (1883), Castro considerou ser “de justiça” dizer que se tratavam de poesias fracas: “os *Últimos harpejos* vem a ser um corpo bem feito em vestes desgraciosas”.<sup>54</sup> Segundo ele, não era impossível para um poeta ser também um crítico. No entanto, era muito difícil para

---

<sup>50</sup> ROMERO, Sílvio. “Prefácio”. (1913). Op. cit. p. xxxv.

<sup>51</sup> Idem. p. xxxvi.

<sup>52</sup> CÂNDIDO, Antônio. “Literatura em Perspectiva”. In: \_\_\_\_\_. *Sílvio Romero*. Op. cit. p. 103.

<sup>53</sup> CÂNDIDO, Antônio. “Introdução”. In: \_\_\_\_\_. *Sílvio Romero*. Op. cit. p. xxx.

<sup>54</sup> CASTRO, T. L. Os *Últimos harpejos*. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. Op. cit. p. 217.

um “grande crítico” ser um bom poeta, pois o crítico acabaria por dominar o poeta. Pronto, estava feita a defesa. Para Lívio de Castro, a verdadeira função de Romero era a de crítico e, neste ponto, ele se sobressairia a todos os outros críticos de seu tempo.

Contudo, apesar de admitir a fraqueza poética de Romero, não se eximiu em encontrar qualidades em seus poemas. Procurou cotejar a produção do poeta com a concepção poética do crítico, que conceberia a poesia em duas faces: a lírica e a científica. A partir deste método, ele defendeu existir coerência nas poesias de Romero, pois elas não possuíam “prantos afetados” e nem “descrenças convencionais”. Ao contrário, suas poesias seguiam o mesmo projeto crítico-científico que, acreditava, toda a literatura brasileira devia seguir. Segundo Ventura, tal concepção científica o levaria a escrever “sofríveis poemas de dicção épica”.<sup>55</sup> Não nos esqueçamos, também, que foi uma apreciação das poesias de Romero – presentes no livro *Cantos de fim de século* (1878) – feitas por Machado de Assis que despertaria a ira do iniciante poeta e que o acompanharia por toda a sua vida de crítico literário.<sup>56</sup> Machado considerou frágil o programa literário-científico de Romero, destacando o pedantismo presente na demonstração de novos conhecimentos e no uso de terminações científicas ainda mal absorvidas. Por muito menos do que isso, o crítico sergipano já havia se lançado em críticas contra seus desafetos, assim, empenhou-se em promover um verdadeiro ataque a Machado de Assis.<sup>57</sup> Castro faz alusão ao caso, segundo ele, “todos os indivíduos feridos pela crítica de Sílvio Romero, atiraram-se contra ele sem ao menos salvar as aparências”. E, provavelmente se referindo a Machado, afirma que Romero respondeu a um dos que o atacaram “na tonalidade em que fora provocado”, sendo mais que completa sua resposta.<sup>58</sup>

---

<sup>55</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*. Op. cit. p. 93.

<sup>56</sup> SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Sílvio Romero: hermenêutica do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 100.

<sup>57</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*. Op. cit. p. 96.

<sup>58</sup> CASTRO, T. L. *Os Últimos harpejos*. Op. cit. p. 225.

No que tange a maior obsessão intelectual de Romero, seu culto a Tobias Barreto, Lívio da Castro também não passou incólume. Neste ponto, discordou severamente de seu mestre, que glorificou Tobias como um dos maiores escritores brasileiros. Para Lívio de Castro, Tobias não produziu como o esperado para o seu espírito fecundo. Seu “temperamento lírico” capaz de poetizar o código criminal, embora sem prejuízos da ciência, teria sido pouco aproveitado.<sup>59</sup> Qualificando-o como “poeta por temperamento e raça”, considerou que Tobias não teria produzido uma grande obra, em que empregasse a sua imaginação de poeta, sua erudição de bibliófilo e sua cultura de germanista.<sup>60</sup> Seu valor estaria mais na agitação de idéias do que em seus escritos e seu mérito seria o de ter introduzido o germanismo no Brasil. Na análise de Castro, Tobias agitou mais do que produziu e a paga que recebeu por seu pioneirismo foi a de morrer abandonado e paupérrimo, apelando à generosidade dos amigos.<sup>61</sup>

Parece-nos que a capacidade crítica em Lívio de Castro se tornava menos proficiente quando se direcionava àqueles de quem era “simpático”, como no caso de Romero. Fato que se evidencia no prolixo artigo que produziu sobre seu amigo Medeiros e Albuquerque.<sup>62</sup> Dividido em três temas – “o homem”, “a poesia e a prosa” e “a poesia e o poeta” – e publicado ao longo de cinco dias no jornal *A Província de São Paulo*, trata-se de uma apreciação longuíssima e pormenorizada da vida e da obra de um escritor que ainda ensaiava seus primeiros passos na literatura. O artigo foi publicado por ocasião do lançamento de *Pecados* (1889), primeiro livro de poesias escrito por Medeiros e Albuquerque, então com vinte e um anos. Somente a amizade entre os dois poderia explicar o motivo de tão longa apreciação e de elogios ainda maiores para um poeta que, em seus versos, não se guiava por preceitos naturalistas. Em nenhum outro trabalho Castro levou tão a sério o princípio crítico

---

<sup>59</sup> CASTRO, T. L. “*A Carne*: de Júlio Ribeiro”. Op. cit. p. 1.

<sup>60</sup> CASTRO, T. L. “Tobias Barreto”. *A Província de São Paulo*, 10 de Agosto de 1889. p. 1.

<sup>61</sup> Idem.

<sup>62</sup> Cf.: CASTRO, T. L. “*Pecados*: Medeiros e Albuquerque”. *A Província de São Paulo*, 5, 6, 7, 9 e 11 de Abril de 1889.

defendido por Romero, de que a obra revelaria o autor e vice-versa.<sup>63</sup> As duas primeiras partes do artigo se ocupam de uma descrição minuciosa e enfadonha sobre Medeiros e Albuquerque, desde seu modo de trajar, de se comportar e de falar, até alguns de seus traços psicológicos. As três partes dedicadas ao estudo do livro se contrapõem às idéias defendidas por Castro, que aplaude as poesias do amigo, apesar de considerá-las conflitantes com o “espírito da época”. Despido de suas preferências naturalistas, ele assim descreve o livro de poesias:

Os *Pecados* não tem filiação alguma com o meio em que aparecem, são perfeitamente exóticos. A poesia brasileira é naturista; comovida e enlevada pela natureza [...]. Os *Pecados* ainda vacilantes entre o satanismo e o pessimismo filosófico, pensando mais que um e sentido menos que o outro, filiam-se às velhas civilizações minadas pela ciência, pela filosofia [...].<sup>64</sup>

O pessimismo e o satanismo observados nos poemas de *Pecados* indicavam para uma nova corrente literária, que começava a despontar no Brasil, o simbolismo. O novo estilo renegava o naturalismo e pregava uma retomada do romantismo, reentronizando uma visão egocêntrica do mundo, na qual o “eu” voltava a ocupar o lugar do “não-eu”, característico das doutrinas realistas e naturalistas.<sup>65</sup> Medeiros e Albuquerque é considerado um dos disseminadores desta corrente no Brasil, que iria se concretizar nas poesias de Cruz e Souza.<sup>66</sup> Lívio de Castro considerava que as poesias presentes em *Pecados* eram inexplicáveis como produto do meio, pois, por “entre as odes à vida” do “meio americano”, elas surgiam descontentes, pessimistas a repetir contra a vida uma acusação cada dia mais enérgica: “o sofrimento existe, o sofrimento é condição da vida – logo não vale a pena viver”.<sup>67</sup> Apesar de certo traço otimista presente em sua crença absoluta na educação e na hereditariedade como meios de se alcançar um melhor futuro para o Brasil, o pessimismo foi constante na vida de

---

<sup>63</sup> ROMERO, Sílvio. “Prefácio”. Op. cit. p. xxx.

<sup>64</sup> CASTRO, T. L. “*Peccados*”. Op. cit. 11 de Abril de 1889. p.1

<sup>65</sup> MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2001. (Vol. II: realismo e simbolismo). p. 251.

<sup>66</sup> Idem. p. 259.

<sup>67</sup> CASTRO, T. L. “*Peccados*”. Op. cit. p. 1.

Lívio de Castro. Talvez, isso o tenha influenciado em sua apreciação das poesias de Medeiros e Albuquerque, que à época, dividia com ele o gosto pelas leituras pessimistas de autores como Schopenhauer e Hartmann.<sup>68</sup> Do primeiro, Castro ainda retiraria questões relativas à natureza feminina e à seleção sexual.

Medeiros e Albuquerque seguiu uma satisfatória carreira literária e fez questão de deixar registrada a grande influência que recebeu de Lívio de Castro. Mas, como já havia sentenciado Sílvio Romero, o naturalismo estava morto e, anos mais tarde, durante a *belle époque* brasileira, Medeiros e Albuquerque cairia no gosto do público, produzindo uma obra muito distante daquela pregada pelo amigo que tanto o influenciou. Eram tempos de literaturas que retratavam o cotidiano sem expressar grandes dúvidas, cuja principal função era a de distrair os leitores. Caracterizadas por um diletantismo, estas obras não se preocupavam em fazer grandes reflexões sociais e culturais, não se ocupavam das questões nacionais e, deste modo, muito se afastavam do cientificismo humanista da geração anterior.<sup>69</sup>

### **3.4 – O pensador social**

Como já foi dito antes, o pensamento social no Brasil do final do século XIX foi fortemente influenciado pelas teorias evolucionistas, social-darwinistas e positivistas, ligadas a nomes como os de Herbert Spencer, Ernst Haeckel, Gustave Le Bon, August Comte, entre outros. A sociedade passou a ser examinada como um organismo vivo, sendo investigada a partir de analogias com um corpo e seus órgãos vitais. Pensamentos sociais e biológicos se associaram na busca por um conhecimento mais sistematizado do homem e do ambiente no qual este se locomovia. Além disso, a sociologia desenvolvia-se intimamente ligada a outros

---

<sup>68</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Quando eu era vivo... Memórias: 1867 a 1934*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945. p. 50.

<sup>69</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990. p. 113.

saberes como a estatística, a psicologia e a fisiologia.<sup>70</sup> Lívio de Castro considerava que a sociologia, “embora bem caracterizada”, era uma síntese em que se aproveitavam todos os elementos científicos. Por isso, via como inegável seu caráter de “ciência respeitável quer pelos problemas, quer pelo método rigoroso filho deste século e só deste”, afirmou ele.<sup>71</sup> Os médicos tiveram importante papel no desenvolvimento inicial de uma ciência social no Brasil. Como nos lembra Schwartzman, no final do século XIX, os médicos se aproximaram das ciências sociais mais do que outros grupos profissionais, ajudando a formar as ideologias sociais predominantes no período.<sup>72</sup>

O nome de Lívio de Castro é sempre associado ao despontar de um pensamento social no Brasil. Não se pode associá-lo à sociologia propriamente, mas seus trabalhos já apontam para esta direção e, não por acaso, Antônio Cândido o incluiu entre os autores brasileiros que primeiro realizaram trabalhos diretamente ligados ao espírito sociológico.<sup>73</sup> Ao elogiar a “capacidade para a análise sociológica” em Castro, Gilberto Freyre chamou atenção para o fato desta capacidade ter sido revelada em outros “negróides de alta inteligência” no Brasil.<sup>74</sup> Entre intelectuais negros e mestiços, é provável que as questões sociais tenham exercido uma influência ainda maior. Para eles, mais do que para outros intelectuais do período, os problemas sociais do Brasil deviam tocar intensamente.

O desenvolvimento da sociedade brasileira, para Lívio de Castro, intimamente ligado ao desenvolvimento da mentalidade, era uma preocupação constante em seus escritos. A própria noção de sociogenia, presente em seu livro, já se referia a um estudo da sociedade

---

<sup>70</sup> DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 32.

<sup>71</sup> CASTRO, T. L. “Novo meio, nova arte”. Op. cit. p. 85.

<sup>72</sup> SCHWARTZMAN, Simon. “*Um espaço para a ciência: formação da comunidade científica no Brasil*”. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2001. p. 90.

<sup>73</sup> CÂNDIDO, Antônio. “A sociologia no Brasil”. *Tempo Social*. Vol.18 Nº. 1 São Paulo, Junho 2006. p. 275.

<sup>74</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002. Coleção Intérpretes do Brasil. Vol. 2. p. 1282.

intimamente ligado a questões biológicas. Também, em seus escritos, podemos observar certo discernimento do homem como um ser social:

O que chamamos um indivíduo é sempre um produto social que no sentir e no pensar reflete as influências contínuas do meio social em que vive. Indivíduo, unidade independente de outras unidades não há. Não há um indivíduo cuja organização, cuja mentalidade não sofra como uma matéria plástica as impressões sociais, as impressões da coletividade. [...] Fora das afirmações mitológicas, em parte alguma se encontra um indivíduo, um organismo que a nenhuma outra espécie deva uma parte da existência, um organismo que não deva aos próprios contemporâneos o ser o que é, pensar como pensa, sentir como sente.<sup>75</sup>

Ou ainda:

[...] todo indivíduo é sociedade, isto é, deve sua existência à modalidade do 'eu' não só a indivíduos do passado, mas aos indivíduos do presente. [...] Os homens vivem em sociedade e só em sociedade onde cada personalidade contribui para a personalidade dos outros e dela partilha, onde um 'eu' é sempre uma parte dos outros. A constituição natural do tipo humano obriga-o à vida social. [...] Onde está um homem está a sociedade ou uma sociedade virtualmente representada pelas aptidões desse homem. O indivíduo não se pode restringir ao seu 'eu' que não é propriedade exclusivamente sua.<sup>76</sup>

Na concepção de Lívio de Castro, para se compreender o estágio de desenvolvimento de uma sociedade, bastava que se investigasse o seu povo, pois se os indivíduos eram produtos da sociedade à qual pertenciam, o contrário também seria verdadeiro. Toda sociedade seria um produto das sinergias individuais, mais do que isso, seria uma média das influências individuais. Como um organismo vivo, as sociedades estariam sujeitas às mesmas leis que geriam os indivíduos, podendo ser analisada como sadias ou doentias. Com base nesta idéia, Castro partiu para uma análise da sociedade brasileira. Essa, segundo ele, movia-se num círculo vicioso, não progredia porque não progrediam os indivíduos e esses também não evoluíam porque a sociedade e o meio em que viviam não se modificavam. Diante deste

---

<sup>75</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a Sociogenia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1893. p. 361.

<sup>76</sup> Idem. pp. 366,7.



cenário era de se esperar que o governo brasileiro agisse em prol da melhoria da sociedade. Contudo, o governo também se constituía num reflexo do povo por ele governado, encerrando-se, novamente, num círculo vicioso. Deste modo, os poucos que desejavam “marchar” se sentiam presos, “acorrentados ao seu tempo, ao seu meio, à sua raça”.<sup>77</sup> Estes três elementos condicionariam a sociedade e indicariam o grau de desenvolvimento das mesmas:

O governo, qualquer que ele seja, é tão bom como o povo governado, é desse povo que ele sai, é a essa raça que ele pertence, é nessa época que ele vive, é nesse meio que ele se agita. (...) As ações de um governo são ditadas pela organização dos homens que representam esse governo, e essa organização não se afasta da média do povo e do meio social. (...) O governo não somente é igual à média mental e moral dos governados, como é inferior a muitos desses governados, ele tem os defeitos dos particulares, defeitos muitas vezes agravados pelo fato de serem governo os homens de menor habilitação.<sup>78</sup>

Para autorizar sua idéia, Castro cita um trecho que, segundo ele, seria de Herbert Spencer: “Nenhum sistema representativo, restrito ou universal, direto ou indireto fará outra coisa senão representar a natureza média dos cidadãos”.<sup>79</sup> Idéia muito próxima a esta encontramos em José Veríssimo, para quem a simples mudança na forma do governo não podia trazer grandes alterações num país, se também não se promovesse uma mudança no próprio povo que o constituía. Para ele, era no povo que residiam os vícios e defeitos de um país e cada povo teria o governo do qual era digno. Assim como Lívio de Castro, Veríssimo acreditava que só a educação – “na mais alevantada acepção desta palavra” – poderia reformar um povo.<sup>80</sup> Somente por meio da educação se atingiria os requisitos intelectuais e morais necessários para se alcançar um bom governo e, apesar de apenas representar a média dos governados, o governo deveria buscar promover a educação no país. Todavia, no Brasil, a

<sup>77</sup> CASTRO, T. L. “Nosso meio literário”. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. Op. cit. p. 199.

<sup>78</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. p. 191 (grifo nosso)

<sup>79</sup> Idem. p. 192

<sup>80</sup> VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. pp. 41,2.

educação vinha sendo tratada com descaso pelo governo e, mesmo em relação aos interesses econômicos, que sobrepujavam as preocupações com o social, o descaso imperava.

Lívio de Castro afirmava que o Brasil, apesar de ser um país essencialmente agrícola, não preparava seus trabalhadores para a agricultura, não ensinava química, física e biologia, mas apenas línguas, retóricas e histórias dos grandes vultos e feitos. A classe agrícola tinha estacionado num parasitismo, perdendo a noção do trabalho, da atividade e esforço pessoal, ficando extremamente dependente do trabalho escravo. Esse sim, o único produtor de riquezas do país, pois o estágio de desenvolvimento alcançado pelo Brasil seria fruto de seu trabalho e não da elite dominante. Elite por sinal, encabeçada pela classe agrícola que, protegida pelo governo, tinha ficado na “bagagem da humanidade”, só tendo uma única obsessão – o café:

Quando falamos na necessidade de progredir, ela diz que é preciso não gastar o lucro do café! Quando queixamo-nos por não ter direito à civilização, ela diz que é preciso não seguir sonhos inúteis com prejuízo do café. Quando pedimos laboratórios e escolas onde haja o necessário para estudar, ela diz que a grande necessidade do país é proteger o café. Quando pedimos cérebros para este povo que não pensa, ela pede braços para o café. [...] Não vamos ficar eternamente nesta triste posição, é preciso que no número das nações sejamos alguma coisa mais do que um povo que cultiva o café.<sup>81</sup>

O Brasil não precisava de braços, mas sim de cérebros desenvolvidos e preparados para o trabalho. Cabia ao governo preparar estes cérebros, dar condições para seu desenvolvimento e, para tanto, se fazia necessária uma reforma radical. De acordo com Lívio de Castro, o fim do século XIX era marcado no mundo civilizado (diga-se Europa e Estados Unidos da América) pelo industrialismo, pelo espírito de livre crítica, pelo método científico impessoal e pela consciência da evolução da qual também fazia parte o homem. Todavia, estas não eram características da sociedade brasileira, onde prevaleciam os interesses pessoais

---

<sup>81</sup> Idem. pp. 249,50.

de uma parasitária elite dirigente. Esta elite não estaria afinada com as idéias de modernidade e progresso, acabando por retardar a consolidação das mesmas no Brasil. O governo monárquico brasileiro, nada havia feito para melhorar a situação do país, pois nada fazia para conhecê-lo, faltando estudos sobre o meio físico, sobre as riquezas e sobre a etnografia. Para piorar, ele acreditava que abrir as portas à imigração estrangeira, sem antes procurar conhecer melhor a composição das raças formadoras da nacionalidade brasileira, seria um dano irreparável aos estudos sobre a identidade nacional.

Lívio de Castro aderiu à causa republicana, defendendo que só o advento da República poderia dar novos rumos para o Brasil ao substituir a classe dirigente do Império por homens mais preparados. Seria uma espécie de “governo dos filósofos”, mas, neste caso, um governo de “homens de ciência”, especialistas nas mais diversas áreas do conhecimento, pois só por meio da ciência se poderia conhecer o bem público e as formas de se alcançá-lo.<sup>82</sup> A República seria o melhor modo para se alcançar tal governo, pois acreditava-se que ela abriria espaço para homens que se fizeram capazes por meio de esforço e muito estudo e não por privilégios de nascimento. Os intelectuais que criticavam o governo, que fizeram da contestação sua principal arma, insatisfeitos que estavam com a situação do país, ao tecerem suas críticas, pretendiam não apenas mudar a situação do país, mas, também, alçarem-se a cargos públicos.<sup>83</sup> Os artigos de Castro foram publicados no jornal *A Província de São Paulo*, que se notabilizou por suas defesas republicanas. É provável que ele tenha entrado em contato com Francisco Rangel Pestana, diretor e proprietário do jornal, que, após a Proclamação da República, ocupou cargos políticos, participando ativamente da implantação do novo governo. Rangel Pestana priorizou em seu jornal a publicação de trabalhos em defesa da República e da

---

<sup>82</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. pp. 192,3.

<sup>83</sup> Cf.: ALONSO, Ângela. *Idéias em Movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil - Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Abolição. Por isso, os artigos de Castro foram publicados em meio a críticas em relação ao governo monárquico, dividindo espaço com atas de Congressos e Boletins Republicanos.

Lívio de Castro também aderiu ao abolicionismo e, junto de seu amigo Medeiros e Albuquerque, teria freqüentado conferências abolicionistas onde circulavam figuras como José do Patrocínio, Paula Ney e Silva Jardim, grandes nomes da luta abolicionista.<sup>84</sup> Contudo, foi no poeta Castro Alves que ele viu o primeiro agitador da causa abolicionista no Brasil. Segundo ele, em relação aos seus pares românticos, Castro Alves foi o “cedro entre vimes”, pois antes de entoar hinos festivos, colocou à frente o dever de sua inspiração, ou seja, a defesa da liberdade e da emancipação dos escravos: “antes da ciência, antes do amor, antes da pátria – a liberdade”.<sup>85</sup> Procurando encontrar na obra do poeta uma função social, Lívio de Castro, defendeu que as idéias abolicionistas de Castro Alves eram anteriores a qualquer movimento de mesmo cunho no Brasil. Movimentos que, segundo ele, fortaleciam-se “com o impulso das propagandas e a vergonha do próprio povo”.<sup>86</sup> Para Lívio de Castro, o autor de *Navio negreiro* cumpriu a “missão sublime” de dignificar aqueles que eram esmagados pelos preconceitos: “Castro Alves ergueu a raça dos párias e quando o povo brasileiro em um tardio movimento de dignidade quis abaixar-se para fitá-los, encontrou-os erguidos a seu nível”.<sup>87</sup> Além disso, ele ainda viu no “poeta dos escravos” um defensor da República, criticando impetuosamente o abolicionista e monarquista Joaquim Nabuco que, segundo ele, negara a filiação republicana do poeta.<sup>88</sup>

A escravidão era vista, por Lívio de Castro, como uma instituição corruptora física, moral e economicamente para o Brasil. No entanto, ele não dedicou nenhum trabalho

---

<sup>84</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Quando eu era vivo...* Op. cit. pp.58,9.

<sup>85</sup> CASTRO, T. L. “Castro Alves”. In: *Questões e problemas*. Op. cit. p. 145. Lívio de Castro teria produzido este artigo ainda durante o período de estudos no Colégio Pedro II, sendo este, portanto, o mais antigo dos seus escritos publicados.

<sup>86</sup> Idem. p. 149.

<sup>87</sup> Idem. p. 156.

<sup>88</sup> Idem. p. 149.

exclusivo à causa abolicionista, recriminando a escravidão, mas sem se ater ao tema com mais apuro. Em sua análise, a escravidão representava um indício do atraso das sociedades que a praticavam, sendo uma das mais antigas e mais atrasadas instituições: “devemos condenar como perniciosa, bárbara, selvagem a instituição anacrônica que pretende continuar ao lado da civilização”.<sup>89</sup> Para ele, a escravidão degenerava não apenas o escravo, mas todos aqueles que dela tomavam parte. Se aos negros ela deteriorava pela brutalidade, aos senhores ela deteriorava ao deixá-los se habituar a uma vida sem luta, sem esforço, sem função e, portanto, sem evolução nem progresso. A escravidão teria feito com que o trabalho sofresse uma depreciação moral, sendo visto como uma tarefa servil. Por isso, a ociosidade tornou-se um “documento da condição livre”.<sup>90</sup> Castro acreditava que os próprios senhores de escravos teriam tomado a iniciativa da abolição se o fim da escravidão não significasse, para eles, a substituição da inatividade pela atividade.<sup>91</sup> Deste modo, em sua análise, a questão econômica para a manutenção da escravidão fica suplantada por uma questão sócio-cultural.

Em um artigo intitulado “Ódio entre raças” Lívio de Castro expôs algumas idéias sobre a convivência entre negros e brancos no Brasil e a preocupação com uma possível animosidade entre esses. Em uma análise com qual se pareceria a futura e muito criticada “teoria da democracia racial”, ele defendeu a existência de “um natural espírito democrático”, que teria relaxado os preconceitos no Brasil. E, assim como Gilberto Freyre defendeu posteriormente, ele afirmou que a convivência na “fazenda” (como na casa-grande) teria aproximado senhores e escravos: “a família tomou a forma do patriarcado, cedendo ao chefe a maioria de seus direitos e ao escravo uma parcela de sua afeição”.<sup>92</sup> Este contato direto entre brancos e negros, senhores e escravos teria favorecido ainda mais a mistura entre as raças,

---

<sup>89</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Op. cit. pp. 319,20.

<sup>90</sup> CASTRO, T. L. “Ódio entre raças”. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. Op. cit. p. 182.

<sup>91</sup> CASTRO, T. L. *A mulher e a Sociogenia*. Op. cit. p. 249.

<sup>92</sup> CASTRO, T. L. “Ódio entre raças”. Op. cit. p. 182.

levando à formação de um povo herdeiro das virtudes e dos vícios do passado de seu agentes formadores. A mistura teria se dado de tal maneira que, da antiga heterogeneidade entre as raças, só era possível se observar a multiplicidade da epiderme de uma nova raça em formação: a raça brasileira.<sup>93</sup> Ele admitia que nem mesmo a ciência seria capaz de discriminar e determinar o contingente hereditário trazido de uma ou outra raça. Portanto, não seria possível uma luta racial, um ódio entre as raças, pois estas se encontravam tão associadas, tão fundidas que não se dilacerariam em guerras, visto já não poderem mais se separar. Deste modo, ele acreditava que o Brasil jamais precisaria temer as lutas raciais, pois suas lutas seriam sempre lutas políticas, quando muito, lutas civis de fácil resolução.

George Andrews enxergou nos argumentos de Lívio de Castro algumas das características iniciais que dariam forma ao mito da democracia racial brasileira. De acordo com este autor, defesas como essas – de um natural espírito democrático entre as raças no Brasil – ganharam força no pós-abolição, quando a discórdia e a luta racial tornaram-se uma realidade potencial. Tais idéias, não apenas teriam tranquilizado os senhores, fazendo-os acreditar que nada tinham a temer de seus ex-escravos, como também, teriam “cortado pela raiz” as propostas de alguns abolicionistas que previam reparação, por parte do governo, aos libertos, pelos sofrimento e exploração que suportaram durante o período de escravidão.<sup>94</sup>

Castro criticou o modo como, após a abolição, os libertos foram preteridos em relação aos imigrantes. Ele considerava que o imigrante, embora mentalmente superior, era temporariamente inferior ao escravo por não estar aclimatado, por ignorar o sistema local, por estar deslocado de seu meio, por ser estranho à língua, aos costumes e à raça. A política imigrantista teria provocado a segregação do liberto, sua exclusão de um trabalho que sempre

---

<sup>93</sup> Idem.

<sup>94</sup> ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo (1888 - 1988)*. Bauru, SP: EDUSC, 1988. pp. 206,7.

fora seu e sua condenação a uma pobreza ainda maior da que tinha quando escravo.<sup>95</sup> Passado o período de aclimação e os possíveis desentendimentos entre os proprietários de terra e os imigrantes, estes últimos se adaptariam perfeitamente à vida no Brasil e ocupariam um lugar que sempre fora ocupado pelo trabalhador escravo. Esse, ao se tornar liberto, teria deixado as fazendas, não mais querendo realizar seu antigo trabalho. Trocando o trabalho certo pelo soldo temporário e, muitas vezes, degradante, tornou-se, por fim, segregado da vida social, sem propriedade, sem capital, sem as antigas aptidões e mais pobre do que nunca. Enquanto isso, o imigrante foi conquistando seu espaço, se tornando dono de pequenas propriedades, alcançando uma posição cada vez mais privilegiada.<sup>96</sup> Lívio de Castro alertava que, ao se ocupar do trabalhador imigrante, o Brasil não poderia excluir de sua atenção o trabalhador liberto.

A seu ver, quem quer que se preocupasse com o futuro do país devia dar atenção aos milhares de libertos espalhados pelo Brasil, antes que esses se constituíssem em uma massa desocupada e perigosa. Neste caso, Castro não falava tanto em educação, mas, principalmente, em trabalho. Ao abandonar o campo e se dirigir às cidades, os libertos se deparariam com uma nascente industrialização a ofertar um trabalho para o qual eles não estariam aptos. Deste modo, mais uma vez eles seriam preteridos pelo trabalhador imigrante. Castro atentava para o fato dos libertos só encontrarem refúgio no exército, embrutecidos e cansados da nova vida. Nisso, ele via um grande perigo; acreditava que o exército só fazia reforçar uma herança mental que se devia buscar extinguir. Para ele, os libertos ainda traziam de seus ancestrais africanos os resquícios de uma tendência belicosa de amor à guerra e à conquista e, no lugar de buscar suprimir esta herança, o exército só fazia reforçá-la. Deste modo, o antigo trabalhador nacional transformava-se em soldado e a índole pacífica que,

---

<sup>95</sup> CASTRO, T. L. “A segregação do liberto”. *A Província de São Paulo*, 22 de Maio de 1889. p. 1.

<sup>96</sup> *Idem*.

acreditava ele, teria sido conseguida ao longo de gerações de convívio nas fazendas, ia sendo perdida. Restava, em última hipótese, esperar que o próprio liberto, por esforço próprio, descobrisse os meios para dirigir-se autonomamente. Contudo, acreditava ser esta uma esperança vã, pois seria necessário, antes de mais nada, que o liberto recebesse um mínimo de instrução, algo de que não nutria a mínima esperança que viesse ocorrer.

### **3.5 – Educação e mestiçagem**

Em sua obra, Lívio de Castro tratou de temas os mais diversos. Procuramos, na medida do possível, compreender suas idéias e a esfera de atuação a que se propunham. Ao longo desta dissertação, tentamos demonstrar como algumas idéias são recorrentes em toda a sua produção intelectual, que, apesar de ser representativa do período de fim do século XIX brasileiro, guarda, também, algumas particularidades. Não obstante Lívio de Castro ter assumido posições por vezes radicais sobre temas como a literatura, podemos dizer que as duas maiores defesas de sua obra relacionam-se à educação e à mestiçagem. Esta última, considerada um traço original da nacionalidade brasileira, seria “aperfeiçoada” por meio da educação.

Na metáfora do Brasil como um país doente, a receita médica do Dr. Tito Lívio de Castro prescrevia a educação como remédio para todos os males do país. Nisso, não reside nenhuma grande novidade, era uma defesa que, à época, ganhava cada vez mais adeptos, como apareceria, posteriormente, em autores como José Veríssimo e Manoel Bomfim. Todavia, é no modo como a educação proporcionaria suas benesses que reside a grande novidade da proposta de Lívio de Castro. Nela, a educação possui a capacidade de modificação do fundo hereditário, ou seja, produziria alterações biológicas capazes de serem transmitidas hereditariamente, de geração a geração. Se para muitos intelectuais o grande



problema do Brasil provinha dos males causados pela mestiçagem, na análise de Castro a educação, ao alterar o fundo hereditário do mestiço, anularia a parcela menos desenvolvida de sua mentalidade, ou seja, aquela originária das “raças atrasadas”. A educação é assim concebida como uma forma de evolução. Esta idéia está expressa em sua análise sobre o atraso feminino e as formas para sua superação, podendo ser lida, também, em relação ao mestiço.

Na leitura das entrelinhas de sua análise, podemos inferir uma inconfessada necessidade de se eleger outro agente causador do atraso brasileiro. A mulher assume, em Lívio de Castro, o que o negro assume nas teorias racialistas. Ao eleger a mulher como o problema nacional, ele retira do negro e do mestiço tal responsabilidade. Contudo, se em relação ao negro ele não contesta as teorias de inferioridade intelectual, em relação ao mulato ele elabora toda uma argumentação, colocando-o em igualdade mental ao elemento branco europeu, desde que, obviamente, recebesse certo grau de instrução. A educação e a mestiçagem combinadas é que dariam o tom das mudanças pelas quais o Brasil deveria passar. Por meio da mestiçagem as “raças inferiores” comprariam o direito à vida, na luta pela evolução das espécies;<sup>97</sup> e, por meio da educação, os mestiços assegurariam tal evolução. Devemos salientar que não se trata de qualquer tipo de educação, Castro se refere a uma educação de bases científicas, nos moldes que ele tanto se orgulhava possuir.

É como se Lívio de Castro se auto projetasse no Brasil, receitando ao país o mesmo tratamento que recebera. O Brasil, um país mestiço, possuiria todos os requisitos para se tornar uma grande nação, faltando apenas o cuidado em educar seu povo, especialmente, aquela parcela detentora de uma herança tida por primitiva e atrasada: mulheres e mestiços. Feito isso, a evolução estaria garantida, como também o tão sonhado lugar junto aos “países

---

<sup>97</sup> CASTRO, T. L. “O pretendido turanismo na modinha e no lyrismo brasileiro”. In \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. Op Cit. p. 19.

civilizados”. Destarte, Lívio de Castro seria o arquétipo do mestiço que havia dado certo ao se beneficiar das maravilhas trazidas pela educação, e, no limite, seria o exemplo que o Brasil deveria seguir.

### 3.6 – *Post-scriptum*

Antes de findarmos este capítulo se faz necessária uma breve reflexão sobre a importância dos prefácios escritos por Sílvio Romero para a compreensão da vida de Tito Lívio de Castro e também de sua obra. Estes textos foram fundamentais na reconstrução da trajetória de Castro, ainda que, por vezes, se mostrassem bastante passionais. A palavra prefácio significa o que se diz no princípio, mas os prefácios são sempre *post-scriptums*.<sup>98</sup> Como nos lembra Vasconcelos, os prefácios podem desempenhar um papel didático e ideológico, orientando e ensinando o leitor.<sup>99</sup> Lívio de Castro afirmou que os prefácios eram como uma permanência de antigas tradições da cavalaria medieval, pois apresentavam poetas e romancistas como se armavam os cavaleiros. Todavia, apesar de seus muitos inconvenientes, o costume de se prefaciarem livros tinha como vantagem, segundo ele, “fazer com que os bons artistas não se confundissem com a multidão de nulidades contra as quais só há uma arma – ignorar-se lhes a existência”.<sup>100</sup> Os escritos de Sílvio Romero serviram, justamente, para que não fosse ignorada a existência de Lívio de Castro. Praticamente todos aqueles que, de algum modo, se referiram a ele, o fizeram tendo por fonte os prefácios a seus livros. Foi por ter sido armado cavaleiro em batalha pela promoção do desenvolvimento brasileiro, que Castro não ficou de todo esquecido. E isso, em grande parte, se deveu a Sílvio Romero.

---

<sup>98</sup> VASCONCELOS, Sandra Guardini T. “‘O que se diz no princípio’: uma leitura dos prefácios”. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy ; DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques. *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção*. São Paulo: Edusp / Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006. p. 175.

<sup>99</sup> Idem.

<sup>100</sup> CASTRO, T. L. “*Contemporâneas de Augusto Lima*”. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. Op. cit. p. 189.

Pesavento define o prefácio como uma “anti-sala que introduz a narrativa”.<sup>101</sup> Os prefácios seriam apresentações feitas a uma dada obra e deveriam se caracterizar por uma descrição sucinta e objetiva, realizada por um conhecedor da obra e do autor, ou mesmo, eventualmente, pelos próprios autores. Bem, esta não é a melhor definição dos prefácios escritos por Romero. Esses vão muito além de uma mera apresentação do autor e de sua obra, acabando por servir de mais um espaço, onde o sagaz crítico sergipano podia comentar suas próprias obras e rever suas idéias. Segundo Antônio Cândido: “Sílvio Romero não policiava a sua vaidade nem renunciava ao prazer de falar de si a qualquer propósito”.<sup>102</sup> E os prefácios sempre lhe pareceram bons propósitos para isso. Lenhardt observa que o prefácio apresenta ao leitor a imposição de mais um código, pois nele o autor exerce uma pressão, utilizando seu poder de persuasão sobre o leitor, no intuito de fazê-lo acolher e aceitar seus argumentos.<sup>103</sup> Tal consideração foi feita em referência aos prefácios escritos por Gilberto Freyre, para introduzir seus próprios livros. Todavia, esta idéia também é válida para pensarmos os prefácios dos livros de Lívio de Castro. Romero procura convencer o leitor que a obra a ser lida possui grande valor e não poupa elogios nessa tarefa, nem ao livro, nem a seu autor. E, neste exercício de convencimento, por vezes, ele parte para a discussão de suas próprias idéias.

Em sua *História da literatura brasileira*, Romero acreditava que o branqueamento total do Brasil levaria de três a quatro séculos.<sup>104</sup> Tal previsão foi refeita, por ele, no prefácio ao livro *Questões e Problemas*, de Lívio de Castro. Nele, Romero compara sua posição à de Baptista Lacerda – representante do Brasil no primeiro Congresso Universal de Raças,

---

<sup>101</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. “O cativo de Clio: narrativa entre memória e história”. In: \_\_\_\_; DIMAS; LEENHARDT. *Reinventar o Brasil*. Op. cit. p. 157.

<sup>102</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978. p. XIII.

<sup>103</sup> LEENHARDT, Jacques. “Protocolos da escrita: as estratégias de Gilberto Freyre”. In: \_\_\_\_\_. PESAVENTO, Sandra Jatahy; DIMAS, Antônio. *Reinventar o Brasil*. Op. cit. p. 115-6.

<sup>104</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das letras, 1991. p. 63.

realizado em Londres, em 1911. Lacerda apresentou no congresso o trabalho *Os métis ou mestiços do Brasil*, em que defendia a superioridade dos mestiços sobre as raças “realmente inferiores” e que o cruzamento entre brancos e negros geralmente não produzia “progênie de qualidade intelectual inferior”.<sup>105</sup> Romero considerava otimista “o prazo de apenas um século para o tríplice desaparecimento do negro, do índio e até do mestiço”, proposto por Lacerda.<sup>106</sup> Em 1913, em um período de pessimismo em relação ao futuro da nação brasileira no que concernia à constituição racial, ele escreveu no referido prefácio:

Hoje, quanto a índios e negros irrecusáveis, isto é, quanto às gentes de cor preta e vermelha, marcaria uns seis ou oito [séculos], senão mais, e, quanto aos mestiços, o tempo todo em que no decorrer dos séculos houver habitantes nesta parte do globo; porque populações que se mestiçaram – nunca mais deixam de ser mestiçadas, e esse é em geral o caso de todas as populações da terra!<sup>107</sup>

Segundo Ventura, essa posição pessimista de Romero data de 1900, quando passou a aceitar as teorias arianistas contrárias ao mestiçamento, que antes havia rejeitado.<sup>108</sup> E, ao questionar o futuro do branqueamento – até aquela ocasião visto como uma das únicas formas de salvação para o país – ele passou a temer que o Brasil fosse dominado por raças inferiores ou cruzadas. Desiludido com as teorias liberais, chegou mesmo a temer que o Brasil já tivesse se transformado em uma nação de mestiços, sendo governada por eles.<sup>109</sup>

À época do lançamento de *A mulher e a sociogenia*, em 1893, Romero estava em plena fase otimista em relação ao futuro do Brasil. Via a mestiçagem como um fato incontestável e o mestiço como “a genuína formação histórica brasileira”,<sup>110</sup> acreditando no

---

<sup>105</sup> Idem.

<sup>106</sup> ROMERO, Sílvio. “Prefácio”. (1913). Op. cit.. p.xxiv.

<sup>107</sup> Idem.

<sup>108</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*. Op. cit. p.64.

<sup>109</sup> Vale lembrar que Nilo Peçanha, um mulato, já havia assumido a presidência do Brasil entre Julho de 1909 a novembro de 1910.

<sup>110</sup> ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Imago; Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2001. p. 101.

branqueamento como uma solução para a nação. É significativo o fato de Lívio de Castro ser mulato e receber de Romero os mais altos qualificativos. Em prefácio a *Questões e problemas*, em 1913, já em uma fase pessimista em relação ao futuro do Brasil, desacreditando dos pressupostos do branqueamento e temendo a conformação mestiça do país, percebemos outro tom em seus elogios. A admiração pelo “malogrado” escritor permanece, como também os elogios – justificando o esforço pela publicação do livro, vinte e três anos após a morte de seu autor –, mas estes são mais contidos na forma, ainda que abundantes. Contribuía para este fato o distanciamento do período em que foram escritos os artigos que compunham o livro, as novas descobertas da ciência, o fracasso de algumas teorias explicativas, mas também, o próprio pessimismo de Romero, que morreria no ano seguinte, em 1914. Com ele também morreriam os esforços para elevar a obra de Tito Lívio de Castro ao reconhecimento de um público maior, mas seus prefácios, bem como as próprias obras de seu “discípulo”, já bastavam para que esse não figurasse entre muitos outros que naufragaram nos caudalosos “rios do esquecimento”, tão prodigiosos no Brasil.<sup>111</sup>

---

<sup>111</sup> ROMERO, Sílvio. “Prefácio”. (1913) Op. cit. p. xliv.

# C O N C L U S Ã O

## CONCLUSÃO

---

Ao longo desta dissertação procuramos mostrar como a imagem de Lívio de Castro foi construída, “dada a ler” por aqueles que primeiro traçaram seus dados biográficos: Sílvio Romero e Medeiros e Albuquerque. Estes não pouparam elogios ao falecido médico, produzindo um verdadeiro relato hagiográfico. Ainda que Castro permanecesse, nestes últimos 118 anos que se seguiram a sua morte, praticamente desconhecido, todos os que, de algum modo, a ele se referiram, o tomaram tal qual foi concebido nos relatos de seu amigo e de seu mestre. Por vezes, realçou-se ainda mais sua imagem como a do mais insigne jovem de sua geração, dono de uma inteligência superior, dotado de qualidades morais e mentais extraordinárias e quase um mártir da luta pelo desenvolvimento nacional. O próprio Lívio de Castro procurou passar esta imagem de si e, podemos mesmo afirmar, alcançou bastante êxito, apesar de não ter gozado dos benefícios daí advindos. Se em vida já despertava admiração de muitos de seus contemporâneos, morto, sua imagem permaneceu intacta, recebendo ainda mais louvores.

Não nos foi possível alhear completamente destas construções. Ao utilizarmos-nos delas na tentativa de remontar a trajetória de Castro, tomamos parte nestas construções e assumimos parte de suas falas. A figura de Lívio e Castro é realmente instigante, de modo que, a empatia por ela provocada não deixa de ser perigosa. Contudo, procuramos mostrar este personagem como alguém que se posicionou diante dos problemas de sua época. Procuramos coligar os elogios exacerbados de Sílvio Romero, bem como o memorialismo nostálgico de Medeiros e Albuquerque, com outras fontes documentais. Enfim, objetivamos analisá-lo como um homem fruto das questões de seu tempo, que compartilhou com muitos outros de ambigüidades, de contradições, mas também de erros e acertos.

Acreditamos ser Tito Lívio de Castro mais um herdeiro imediato da geração de 1870 do que, propriamente, um integrante dela. Ele participou ativamente das questões de seu tempo, tomando parte nos grandes debates que ocuparam as mentes dos intelectuais brasileiros no final do século XIX. Questões como raça, miscigenação, literatura e educação perpassam toda a sua obra. Dentre essas, a questão racial esteve sempre presente em seus escritos. Por vezes, de modo dúbio, mas sempre demonstrando conhecimento das teorias racialistas que marcaram todo um modo de pensar no Brasil, nas últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX. Há, logicamente, algumas particularidades no modo como ele interpretou tais teorias, algo que nos remete à sua própria experiência de vida.

A crítica literária foi a função da qual ele mais se ocupou, produzindo alguns trabalhos representativos, como o artigo “Novo meio, nova arte”, considerado o manifesto do naturalismo no Brasil.<sup>1</sup> Sua crítica, como todas as suas defesas, estiveram sempre relacionadas às teorias científicas em voga à época. Lívio de Castro tinha absoluta crença na ciência e muito absorveu das doutrinas evolucionistas européias, principalmente, sob a influência de Ernst Haeckel. Suas idéias, no entanto, são um misto de várias teorias científicas, unindo darwinismo-social e lamarckismo, entre outras doutrinas utilizadas em suas formulações. Procuramos compreender a figura de Lívio de Castro a partir de suas próprias idéias, de suas defesas e de suas ambigüidades. Fica-nos a certeza de que não se trata de um personagem ímpar, ao contrário, Tito Lívio de Castro foi uma figura representativa de um período extremamente importante, em que intelectuais – “homens de ciência” – buscaram compreender o Brasil, solucionar seus problemas e conduzi-lo ao desenvolvimento.

Não poderíamos querer encontrar nele uma posição desracializada da sociedade, um rompimento com questões como raça e inferioridade entre sexos. Estas são questões próprias de seu tempo, das quais ele não poderia se furtar, nem, tampouco, romper completamente com

---

<sup>1</sup> CASTRO, T. L. “Novo meio, nova arte”. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913. Ver também: BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: Convívio/ EDUSP, 1986.



elas. A defesa da educação, contudo, apesar de essencialmente ligada a condicionantes de raça e sexo, já demonstrava uma preocupação com o social; ao passo que se constitui em uma solução mais democrática ao se pretender uma educação que alcançasse a todos sem distinção – algo que até hoje vemos constar nos melhores projetos de desenvolvimento para o Brasil. Discutir a obra de Lívio de Castro é, também, uma tarefa atual, algumas de suas principais questões ainda estão em pauta; o Brasil, “país do futuro”, continua aguardado este futuro, pois ainda faltam conferir condições mínimas de educação e acesso a direitos básicos a considerável parcela da população.

A preocupação com o social foi constante na obra de Castro, ocupando papel de destaque em suas análises. Com sua crítica incisiva e, por vezes, despropositada, também abusou do recurso irônico. No artigo “Vamos todos para o céu”, parodiando o texto bíblico – em que são ditos bem-aventurados os pobres de espírito, pois deles é o reino do céu – ele escreveu: “felizes os brasileiros porque deles é o reino do céu”.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> CASTRO. T. L. “Vamos todos para o céu”. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. Op. cit. p. 67.

F O N T E S  
e  
B I B L I O G R A F I A

## FONTES

---

- **Livros:**

CASTRO, Tito Lívio de. *A mulher e a sociogenia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, s/d [1893].

CASTRO, Tito Lívio de. *Questões e problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913.

- **Tese:** (Acervo Banco de Teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro – UFRJ)

CASTRO, Tito Lívio de. *Das allucinações e illusões*. Rio de Janeiro: Imprensa Mont'Alverne, 1889.

- **Artigos de Tito Lívio de Castro publicados em jornal:**

→ **Jornal *A Província de São Paulo*** (Acervo: Fundação Biblioteca Nacional - Brasil – Seção de Periódicos - Microfilme: Rolo C PR - SPR 2):

CASTRO, Tito Lívio de. “Nosso meio literário” (07, 10 e 11 de Abril de 1888)

\_\_\_\_\_. “O Romance como psicologia: as origens” (25 de Maio de 1888)

\_\_\_\_\_. “O Romance como psicologia: as escolas” (14 de Junho de 1888)

\_\_\_\_\_. “O romance como psicologia: o método” (20 de Junho de 1888)

\_\_\_\_\_. “A *Carne*: de Júlio Ribeiro” (18 de Setembro de 1888)

\_\_\_\_\_. “A instrução primária hoje” (17 de Outubro de 1888)

\_\_\_\_\_. “*La critique scientifique* – Emilie Henequin” (07 de Fevereiro de 1889)

\_\_\_\_\_. “*Peccados* – Medeiros e Albuquerque I: o homem” (05 e 06 de Abril de 1889)

\_\_\_\_\_. “*Peccados* – Medeiros e Albuquerque II: a poesia e a prosa” (07 de Abril de 1889)

\_\_\_\_\_. “*Peccados* – Medeiros e Albuquerque III: a poesia e o poeta” (9 e 11 de Abril de 1889)

\_\_\_\_\_. “A segregação do liberto” (18 e 22 de Maio de 1889)

\_\_\_\_\_. “Tobias Barreto” (10 de Agosto de 1889)

→ **Jornal *O Estado de São Paulo*** (Acervo: Agência Estado)

CASTRO, Tito Lívio de. “Origens do Cristianismo – Renan” (19 de Junho de 1890)

- **Demais publicações:**

CASTRO, Tito Lívio de. “Contemporâneas” (Estudo crítico). In: LIMA, Augusto de. *Poesias Contemporâneas, symbolos, laudas inéditas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1909. (pp. 281-290). [Também publicado no periódico *A Semana* em 31 de Dezembro de 1887 e no livro *Questões e Problemas*]

CASTRO, Tito Lívio de. “Castro Alves”. *Revista da Academia Brasileira de Letras: Comemoração do cinquentenário de morte de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, Ano XII – N.º. 18, Junho de 1921. (pp. 140 -162). [Também publicado no periódico *Século XX*, n.º. 2, Novembro de 1905 e no livro *Questões e Problemas*]

- **Notícias de jornal sobre Tito Lívio de Castro:**

→ **Jornal *O Estado de São Paulo*** (Acervo: Fundação Biblioteca Nacional - Brasil – Seção de Periódicos - Microfilme: Rolo C PR - SPR 2):

O ESTADO DE SÃO PAULO. “Lívio de Castro” - nota sobre defesa de tese (6 de Novembro de 1889).

\_\_\_\_\_. “Lívio de Castro” - nota sobre aprovação de tese (24 de Dezembro de 1889).

\_\_\_\_\_. “Lívio de Castro” - nota sobre falecimento (17 de Maio de 1890).

\_\_\_\_\_. “Lívio de Castro” - dados biográficos (26 de Maio de 1890).

\_\_\_\_\_. “Lívio de Castro” - nota de homenagem (11 de Julho de 1890).

→ **Necrológio no jornal *O Estado de São Paulo*** (Acervo: Agência Estado)

O ESTADO DE SÃO PAULO. “Homenagem à memória de Lívio de Castro” (19 de Junho de 1890)

ALBUQUERQUE, Medeiros e. “Lívio de Castro” (19 de Junho de 1890)

ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro” (19 de Junho de 1890)

→ **Jornal *Gazeta de Notícias*** (Acervo: Fundação Biblioteca Nacional - Brasil – Seção de periódicos - Microfilme: Rolo PRc - SPR 00061)

GAZETA DE NOTÍCIAS. “A propósito do Dr. Tito Lívio de Castro” - nota sobre falecimento (25 de maio de 1890)

→ **Jornal *Vassourense*** (Acervo: Fundação Biblioteca Nacional – Brasil - Seção de periódicos - coleção: 9(1-52) localização: 2-275, 01,22)

CORREIA, Raimundo. “Tito Lívio de Castro”. *Vassourense* (06 de Julho de 1890)

- **Demais trabalhos sobre Tito Lívio de Castro:**

ALBUQUERQUE, Medeiros e. “O meu verdadeiro Patrono: Tito Lívio de Castro” (Discurso proferido na Academia Brasileira de Letras em 18 de Fevereiro de 1932). In:\_\_\_\_. *Homens e cousas da Academia Brasileira*. Rio de Janeiro: Renascença, 1934. (pp. 271 – 293).

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. “Tito Lívio de Castro”. In:\_\_\_\_. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. Vol. 7. (pp. 308,9)

MASIERO, André Luís. “Tito Lívio de Castro (1864 - 1890)”. In: CAMPOS, Regina Helena de. *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros*. Rio de Janeiro: Imago, Brasília (DF): Conselho Federal de Psicologia, 2001. (pp.129,30)

PAIM, Antônio. “Tito Lívio de Castro”. In: CABRAL, Roque; et. al. (org.) *Logos Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1989. (p. 891)

PAIM, Isaías. “Psiquiatras brasileiros: Tito Lívio de Castro”. In: *Revista Brasileira de Saúde Mental*. 1961; 6(1-4). (pp. 65-94)

\_\_\_\_\_. “Centenário de Tito Lívio de Castro”. In: *Revista de psiquiatria*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos da Casa de Saúde Dr. Eiras, 1964. V. 3, n. 5. (pp. 25-9)

ROMERO, Sílvio. “Tito Lívio de Castro”. In: CASTRO, T. L. *A mulher e a sociogenia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1893. (pp. ix-xxvij)

\_\_\_\_\_. “Prefácio”. In: CASTRO, T. L. *Questões e problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913. (pp. vii-xlv)

\_\_\_\_\_. “Tito Lívio de Castro”. In: ROMERO, S. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1949. Tomo Quinto. (pp. 337-373).

- **Livros de Registro:** (Acervo: Núcleo de Documentação do Colégio Pedro II - NUDOM)

COLÉGIO PEDRO II. Livro de matrículas (N. 2) - 1858 a 1880. TERMO 703.

COLEGIO PEDRO II. *Os bacharéis em letras pelo Imperial Collegio de Pedro II e Gymnasio Nacional*. Rio de Janeiro, 1897. p. 27.

- **Pasta de Aluno:** (Acervo do Centro de Documentação do Ensino das Ciências da Saúde - CCS - UFRJ)

PASTA TITO LÍVIO DE CASTRO – com solicitação de matrícula de próprio punho e registros de aprovação nos anos de 1884, 1885 e 1886.

- **Teses** (Acervo: Academia Nacional de Medicina):

MOURA, Júlio Trajano de. *Do homem americano*. Tese de doutoramento em medicina. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Carlos Gaspar da Silva, 1889.

FAUSTO, Afonso Régulo de Oliveira. *Da evolução ontogênica do embrião humano em suas relações com a filogênese*. Tese de doutoramento em medicina. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Carlos Gaspar da Silva, 1890.

- **Decretos:**

BRASIL. Decreto N°. 1556 de 17 de Fevereiro de 1855. Aprova o Regulamento do Colégio Pedro II. Disponível em meio digital:  
[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas/3\\_Imperio/artigo\\_005.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/3_Imperio/artigo_005.html)  
(Acessado em 22/04/2008)

BRASIL. Decreto N°. 7247 de 19 de Abril de 1879 - Reforma o ensino primário e secundário no município da corte e o superior em todo o Império. Disponível em meio digital:  
[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas/3\\_Imperio/artigo\\_009.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/3_Imperio/artigo_009.html)  
(Acessado em 20/06/2008)

- **Demais:**

A MULHER: *Periódico Ilustrado de Litteratura consagrado aos interesses e direitos da mulher brasileira*. New York. Ano I. N°. 1. Janeiro, 1881. (Acervo: Fundação Biblioteca Nacional - Brasil - Seção Obras Raras – Microfilme rolo PR-SOR 86 (1))

MORAIS, Péricles. “Recepção acadêmica”. *Discursos acadêmicos* (Academia Amazonense de Letras), 05 de fevereiro de 1955. Disponível em meio digital:  
<http://www.academiadeletras-am.org.br/swf/Cadeira29RecepcaoAcademicaPM.swf>  
(Acessado em 18/06/2007)

ROMERO, Sílvio. *Euclides da Cunha*. (Manuscrito). s/d. pp. 08-10. (Acervo do Arquivo Histórico da Academia Brasileira de Letras - Fundo Pessoal Sílvio Romero).

### Acervos pesquisados

- 
- Acervo da Academia Nacional de Medicina (ANM)
  - Acervo da Agência Estado (AE)
  - Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil (BN)
  - Acervo do Banco de Teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (UFRJ)
  - Acervo do Centro de Documentação do Ensino das Ciências da Saúde (UFRJ)
  - Acervo do Núcleo de Documentação do Colégio Pedro II (NUDOM)

## BIBLIOGRAFIA

---

- AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil: 1865 – 1866*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Quando eu era vivo... Memórias: 1867 a 1934*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.
- ALONSO, Ângela. “Crítica e contestação: o movimento reformista da geração de 1870”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, out. 2000, vol. 15, n.º 44. (p. 35-55)
- \_\_\_\_\_. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil - Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- AMED, Fernando. “O século XIX está entre nós: hipóteses sobre a associação entre ciências aplicadas e as humanidades”. In: *FACOM - Revista da Faculdade de Comunicação da FAAP*. N.º. 16 - 2º semestre de 2006. (pp. 44 - 51)
- ANDRADE, Fernanda A. de Almeida. *Estratégias e Escritos: Francisca Diniz e movimento feminista no século XIX (1873 - 1890)*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2006. (Dissertação)
- ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo (1888 - 1988)*. Bauru (SP): EDUSC, 1988.
- ASSIS, Machado. *O alienista*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. Belo Horizonte: Editora Crisálida, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O Homem*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*. Campinas (SP), Editora UNICAMP, 1999.
- AZEVEDO, Fernando (org.). *As ciências no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994. (2 vol.)
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952. (Série documentos brasileiros n.º. 70)
- BARRETO, Lima. “*Agaricus Auditae*”. In: \_\_\_\_\_. *História e Sonhos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992.
- \_\_\_\_\_. “História de um mulato”. In: \_\_\_\_\_. *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

- BARRETO, Tobias. “Educação da mulher” - Assembléia de Pernambuco. Sessão de 22 de março de 1879. In: \_\_\_\_\_. *Estudos de Sociologia*. Rio de Janeiro: INL, 1962. (pp. 59 - 87)
- \_\_\_\_\_. “Ainda a educação da Mulher” - Assembléia de Pernambuco. Sessão de 22 de março de 1879. In: \_\_\_\_\_. *Estudos de Sociologia*. Rio de Janeiro: INL, 1962. (pp. 89 - 97)
- BARROS, Henrique Lins. “Introdução”. In: DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol; ROMERO SÁ, Magali & GLICK, Thomas (org.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: Convívio/ EDUSP, 1986.
- BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário Amazonense de biografias*. Rio de Janeiro: Artenova; Manaus: Fundação Cultural do Amazonas, 1969.
- BONFIM, Manuel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. Coleção Intérpretes do Brasil. Vol. 1. (pp. 607 - 895)
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. (p. 183-191)
- \_\_\_\_\_. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- CADERNOS PENESB - *Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira*. n.8, dezembro 2006. Rio de Janeiro/Niterói – EdUFF/Quartet, 2006.
- CAMPOS, Maria José. *Arthur Ramos: luz e sombra na antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.
- CÂNDIDO, Antônio. *Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.
- \_\_\_\_\_. “Fora do texto dentro da vida”. In: \_\_\_\_\_. *A educação pela noite*. São Paulo: Editora Ática, 2003. (pp. 100-121).
- \_\_\_\_\_. “A sociologia no Brasil”. *Revista Tempo Social*. Vol.18 nº.1 São Paulo, Junho 2006. (pp. 271-301)



- CARVALHO, Alice Rezende de. *O quinto século: André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ-UCAM, 1998.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. (org.) *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CERTEAU, Michel. “Ler: uma operação de caça”. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano - Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- \_\_\_\_\_. “A história hoje: dúvidas, desafios, propostas”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994. (p. 97-113)
- \_\_\_\_\_. “Diferenças entre os sexos e dominação simbólica”. (nota crítica) *Cadernos PAGU*, UNICAMP, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero, n.º 4, 1995.
- \_\_\_\_\_. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- COLLICHIO, Terezinha Alves Ferreira. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- CORRÊIA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista (SP): Editora da Universidade São Francisco, 2001.
- COSTA, Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- COUTINHO, Aluizio Bezerra. *A filosofia das ciências naturais na Escola do Recife*. Recife: UFPE, Ed. Universitária, 1988.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.
- DARNTON, Robert. “História Intelectual e Cultural”. In: \_\_\_\_\_. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. (p. 175-255)
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

- DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.
- DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto: Ed. da UNESP, 2004.
- DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol; ROMERO SÁ, Magali; GLICK, Thomas (orgs.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- DORIA, Escragnoille. *Memória Histórica do Colégio de Pedro Segundo 1837-1937*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1997.
- DUARTE, Constância Lima. “Apontamentos para uma história da educação feminina no Brasil - século XIX”. In: \_\_\_\_; DUARTE, Eduardo de Assis.; BEZERRA, Kátia da Costa. (org.). *Gênero e Representação: Teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras/Estudos Literários/UFMG, 2002.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afro-descendente*. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Pallas/ Crisálida, 2007.
- DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- EDLER, Flávio Coelho. “O debate em torno da medicina experimental no segundo reinado”. *História, ciência, saúde - Manguinhos*, jul./out. 1996, vol.3, Nº. 2. (p.284-299)
- \_\_\_\_\_; FERREIRA, Otávio Luiz; FONSECA, Maria Rachel Fróes da. “A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX: organização institucional e os modelos de ensino”. In: DANTES, Maria Amélia M. (org.). *Espaços da ciência no Brasil – 1800 - 1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. (pp. 59-80)
- EHRENREICH, Bárbara; ENGLISH, Deirdre. *Para seu próprio bem: 150 anos de conselhos de especialistas para mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2003.
- EXPILLY, Charles. *Mulheres e costumes do Brasil*. Belo Horizonte /Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000.
- FERREIRA, Marcelo Alves. *Transformismo e extinção: de Lamarck a Darwin*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, 2007. (Tese) disponível em meio digital: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-24102007-150401/> (acessado em: 15/04/2008)
- FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. “Os livros na imprensa: as resenhas e a divulgação do conhecimento no Brasil da segunda metade do século XIX”. In: CARVALHO, José Murilo. (org.) *Nação e cidadania no Império: Novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (pp. 185-204)

- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. Coleção Intérpretes do Brasil. Vol. 2. (pp. 105 - 645)
- \_\_\_\_\_. *Sobrados e mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002. Coleção Intérpretes do Brasil. Vol. 2. (pp. 647-1379)
- \_\_\_\_\_. *Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil: Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002. Coleção Intérpretes do Brasil. Vol. 3. (pp. 07 - 898)
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. (p. 229-249)
- GOMES, Ana Claudia. *O Almanach das Senhoras (1871-1927) e um projeto político de acesso feminino à cultura letrada*. Dissertação de mestrado em História. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & Gênero*. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2006.
- GONDRA, José Gonçalves. “Conformando o discurso pedagógico: a contribuição da Medicina”. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (org.) *Educação, modernidade e civilização: fontes e perspectivas de análises para a história da educação oitocentista*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1998. (p. 35-71)
- GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GRINBERG, Keila. *O fiador dos brasileiros: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- GRUZINKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HAECKEL, Ernst. *O monismo: laço entre a religião e a ciência*. Porto: Livraria Lello & Irmãos, 1947.
- \_\_\_\_\_. *Historia da criação dos seres organizados segundo as leis naturais*. Porto: Lello & Irmãos, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Os enigmas do universo*. Porto: Lelo & Irmãos, 1961.
- HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- H AidAR, Maria de Lourdes Mariotto. *O ensino secundário no Império brasileiro*. São Paulo: Grijalbo, 1972.

- HARTOG, François. “A arte da narrativa”. In: BOUTIER, Jean, et. alli. *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ/FGV, 1998. (p. 193-202).
- HOFBAUER, Andreas. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- IANNI, Otávio. “Tipos e mitos do pensamento Brasileiro”. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, Nº. 7, jan/jun 2002. (pp. 176-187)
- ISAIA, Artur César. “Loucura coletiva?”. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 3 Nº. 33, Junho 2008. (pp. 20-25)
- JACÓ-VILELA, Ana Maria; ESPIRITO SANTO, Adriana Amaral do; PEREIRA, Vivian F. Studart. “Medicina legal nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1830-1930): o encontro entre medicina e direito, uma das condições de emergência da psicologia jurídica”. *Interações* Vol.10 Nº.19, Jun. 2005.
- KOFES, Suely. (org.) “História de vida, biografias e trajetórias”. Campinas: UNICAMP, 2004. (*Cadernos do IFCH*, n.º 31).
- KUGELMAS, Eduardo. “Revisitando a Geração de 1870”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Junho/2003, vol. 18, n.º. 52. (p. 208-210)
- LEENHARDT, Jacques. “Protocolos da escrita: as estratégias de Gilberto Freyre”. In: \_\_\_\_; PESAVENTO, Sandra Jatahy; DIMAS, Antônio. *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção*. São Paulo: Edusp / Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006. (p.145-155)
- LEITE, Míriam Moreira (org.) *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: HUCITEC / Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.
- LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. (p. 167-182)
- LEVILLAIN, Philippe. “Os protagonistas: da biografia”. In: RÈMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. (p. 141-184)
- LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela raça, absorvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República”. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996. (pp. 23 - 40)

- LUSTOSA, Isabel. “Negro humor: a imagem do negro na tradição cultural brasileira.” In: \_\_\_\_\_. *As trapaças da sorte: ensaios de política e de história cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.
- MALATIAN, Tereza Maria. “A biografia e a história”. In: *Cadernos do CEDEM – Centro e Documentação e Memória da UNESP*. Ano 1. Vol. 1. Janeiro de 2008. (pp. 16-31).
- MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MARQUES, Rita de Cássia. *A imagem social do médico de senhoras no século XX*. Belo Horizonte: Coopmed, 2005.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira (1877-1896)*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1996. (vol. IV).
- MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. “Como se deve escrever a história do Brasil”. In: \_\_\_\_\_. *O Estado do Direito entre as autóctones do Brasil*. São Paulo: Editora Itatiaia/EDUSP, 1982.
- MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- MAYR, Ernst. *Biologia, ciência única: reflexões sobre a autonomia de uma disciplina científica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MELO, Ciro Flávio de Castro Bandeira de. *Senhores do esquecimento: a construção do Brasil em dois manuais didáticos de História na segunda metade do século XIX*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.
- MOACYR, Primitivo. *A instrução e o Império: subsídios para a História da Educação no Brasil – 1823-1889*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936-38. 3 v. (Brasiliana, 66, 87, 121)
- \_\_\_\_\_. *A instrução e as Províncias: subsídios para a História da Educação no Brasil – 1834-1889*. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939-40. 3 v. (Brasiliana, 147, 147-A, 147-B)
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2001. (Vol. II: realismo e simbolismo).
- MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Sílvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

- MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.
- PAIM, Antônio. *A filosofia da Escola do Recife*. Rio e Janeiro: Editora Saga, 1966.
- \_\_\_\_\_. *História das idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1967.
- PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e Universo Cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716 - 1789*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- \_\_\_\_\_. “De português a mestiço – o imaginário brasileiro sobre a colonização e sobre o Brasil”. In: FONSECA, Thais Nívia de Lima; SIMAN, Lana Mara de Castro (org.). *Inaugurando a história e construindo a nação: discursos e imagens no ensino de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (pp.32-52)
- \_\_\_\_\_. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Leituras (im)possíveis: negros e mestiços leitores na América Portuguesa”. In: DUTRA, Eliana Freiras; Mollier, Jean Yves (org.). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XIX*. São Paulo: Annablume, 2006. (pp. 481-493)
- PERROT, Michelle; DUBY, Georges. *História das mulheres no ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. “O cativo de Clio: narrativa entre memória e história”. In: \_\_\_\_; DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques. *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção*. São Paulo: Edusp / Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006.
- PESSANHA, Andréa Santos. *Da abolição da escravatura à abolição da miséria: a vida e as idéias de André Rebouças*. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.
- PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: EDUSP; Bauru: EDUSC, 1999.
- RABELLO, Sílvio. *Itinerário de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944. (Coleção Documentos Brasileiros, nº43)
- RIBEIRO, Júlio. *A carne*. São Paulo: Círculo do livro, 1992.
- RODRIGUES, Nina. *As colectividades anormaes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

- ROMERO, Sílvio. *O evolucionismo e o positivismo no Brasil*. Rio de Janeiro; São Paulo: Livraria Clássica de Alves, 1895.
- \_\_\_\_\_. *Machado de Assis - Estudo Comparativo de Literatura Brasileira*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- \_\_\_\_\_. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Imago; Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à Doutrina contra Doutrina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- RUSSO, Jane Araujo. *Psiquiatria, manicômio e cidadania no Brasil: duzentos anos de psiquiatria*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- SALDANHA, Nelson. *A Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, Brasília: INL, 1985.
- SALGADO, Plínio. *A mulher no século XX*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1949.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. In: *Estudos Históricos: indivíduo, biografia, história*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 10 (19): 3-21, 1997.
- \_\_\_\_\_. "Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema". In: \_\_\_\_\_. (org) *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul (SC): EDUNISC, 2000. (pp. 49 - 70)
- \_\_\_\_\_. Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura. In: RAGO, Margareth e GIMENES, Renato (orgs.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas, UNICAMP, 2000. (pp. 193 - 202).
- SCHNEIDER, Alberto Luiz. "Silvio Romero: crítico e historiador da literatura brasileira". In: *Revista Temas & Matizes: Dossiê História e Literatura*. Unioeste (PR): Vol. 3, Nº. 6, 2004. (pp.56 - 64)
- \_\_\_\_\_. *Silvio Romero: hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. "Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1995, nº 29. (pp. 49-63)
- \_\_\_\_\_. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870 - 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- SCHWARTZMAN, Simon. *“Um espaço para a ciência: formação da comunidade científica no Brasil”*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2001.
- SCHWARZ, Roberto. “As idéias fora do lugar”. In: \_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1988. (pp. 13-28)
- SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de lidar com as mulheres*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SOARES, Carlos E. Líbano. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas (SP): Editora UNICAMP, 2001.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999.
- SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- \_\_\_\_\_. “Pisando no ‘sexo frágil’”. In: *Revista Nossa História*. Ano I, n.º. 3. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004. (p. 14-20)
- STEPAN, Nancy. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camera (orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. (Vol. II: século XIX). Petrópolis (RJ): Vozes, 2005.
- STONE, Lawrence. “O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história”. *Revista de História* n.º. 2/3, Campinas: IFCH, 1991. (p. 13-37)
- STUART MILL, John. *A sujeição das mulheres*. São Paulo: Editora Escala, 2006.
- TEIXEIRA, Paulo Eduardo. *O outro lado da família brasileira: mulheres chefes de família 1765 - 1850*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2004.
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.
- UFRJ / CCS / Faculdade de Medicina. *Catálogo de Teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1985.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini T. “‘O que se diz no princípio’: uma leitura dos prefácios”. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy ; DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques.



*Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção.* São Paulo: Edusp / Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006.

VENÂNCIO, Ana Teresa A. “História do saber psiquiátrico no Brasil: ciência e assistência em debate”. *História ciência saúde - Manguinhos*. set/dec. 2003 vol.10 Nº.3. (pp. 1087-1093)

VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias abandonadas: assistência a criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador: séculos XVIII e XIX*. Campinas : Papyrus, 1999.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870 - 1914*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

# A N E X O I

## “Americanismo”

---

“Tudo quanto de mais valor intelectual entrou como elemento na formação de nossa nacionalidade veio de Portugal, seguiram em ordem decrescente os africanos e depois os índios. Esses elementos fundiram-se, modificaram-se e, após um longo período de gestação que ainda está por acabar, deram e estão dando a nossa sociedade. Cumpre, porém, não esquecer: somos um povo americano de dia em dia mais divergente do tipo europeu de onde partimos e com o qual todo o nosso interesse é não confundirmos-nos. O que há na América é americano, e a nossa poesia, pobre de nomes de primeira grandeza, é, porém, alimentada por fontes inesgotáveis; a nossa poesia, sob qualquer aspecto, desde que traduz o que pensamos, o que queremos e o que sentimos neste mundo novo que ainda agora começa a produzir, é uma poesia americana e brasileira que não se pode explicar por meio de qualquer povo. [...] A modinha brasileira é filha do povo brasileiro, produto especial do elemento mestiço. Não existia tal forma antes da fusão das raças, o que prova a espontaneidade de sua produção. Ela filia-se no tipo da poesia portuguesa, porque o povo não inventou os moldes, herdou-os; o que é nosso é o espírito, a modalidade da expressão, a exuberância da vida que está debaixo das comparações e torneios sensuais mostrando que a futura raça brasileira não há de ser uma raça de ascetas desprezadores do mundo e de seus pequenos dons. Há alguma coisa que escapa a análise dos europeus, é essa divergência consciente que tem de imprimir um cunho especial no homem americano, que rasga-lhe ante os olhos, horizontes sem limites capazes de eletrizar os temperamentos mais linfáticos e de embair os mais descrentes trabalhadores. Está nesse sentido criticável, porém, muito natural, uma das maiores garantias do nosso futuro, porque enquanto o homem for homem as palavras ocas: glória, ambição, patriotismo, hão de ser os maiores estímulos da atividade. E o americanismo é isso e mais alguma coisa”.

**CASTRO, Tito Lívio de. “O pretendido turanismo da modinha e do lirismo brasileiro”. *Questões e problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913. (pp. 1-23)**

## Liberdade

---

“Para progredir a primeira necessidade é a liberdade, a liberdade em todos os sentidos, porque esse é o distintivo da inteligência humana – o livre arbítrio. ‘Quem não é livre não é homem’. Não há homens feitos para governar homens; não se pode escravizar uma alma. Os povos não foram feitos para os reis, estes, sim, são comissários contratados pelo povo para velar do alto a engrenagem social. Desde que eles se esquecem do seu papel de espectadores, desde que empolgam as forças produzidas pelo povo, este tem o direito, tem a obrigação de reagir, de reconquistar sua propriedade fraudulentamente arrebatada.

O povo que não se revolta em tais casos enlameia seu passado histórico e ‘se consente em morrer de escravidão, não merece que se procure seu nome sob a relva’. Os reis que o saibam: só há uma força – o povo; só há uma vontade – a do povo; só há uma vontade – a do povo; só há um tribunal – o do povo. Chamam-no a canalha, e é, mas ‘a canalha é o gênero humano na miséria’. A canalha é a raça, é o sangue, é o poder, é a força. A canalha é o patriotismo, é o governo. ‘O rei reina, mas não governa’.

[...] ‘É a ciência que dirige a fé’. A maior glória está em descobrir Deus na harmonia do universo, no canto noturno do rouxinol, no concerto matinal das aves, no murmúrio regato que se insinua pela terra, nas vagas que gemem nas praias, porque ‘nada existe fora d’Elle’. Enclausurar Deus é negá-lo: fazê-lo vingativo, manifestando-se nas pestes, nas guerras, é caluniá-lo. Ele tem duas manifestações ‘a primeira chama-se Natureza, a segunda chama-se Arte’, e o homem, a imagem da divindade, ‘é o sacerdote da criação’. [...] É em si, em sua consciência que o homem deve conhecer o poder divino; a alma é sua afirmação. Dai alma, isto é, dai-lhe liberdade! ‘Nenhum escravo mais! Nenhum servo! O escravo é de hoje em diante a matéria subjugada, escravizada pela indústria humana’. Não se reconhecem autoridades”.

**CASTRO, Tito Lívio de. “Novo meio, nova arte”. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913. (pp. 69-97)**

## Parábola do educador

---

“Como a intelectualidade é o fator mais variável em diversas sociedades, é pela educação (Buckle) que se muda o fundo hereditário. Por isso o mundo está nas mãos dos educadores. São eles que preparam o terreno, são eles que fazem a sementeira, e, se procede de modo a impossibilitar certas idéias, nunca mais ou muito dificilmente tais idéias desaparecerão. O cérebro é o terreno em que as idéias lutam pela existência, porque elas lutam e muito, sendo umas incompatíveis com outras. Se previamente preparou-se esse solo de modo que ele não possa alimentar certas idéias, elas podem tocá-lo superficialmente, mas em consequência de uma desigualdade de recursos serão vencidas na luta. O indivíduo educado no regime da livre crítica, acostumado ao confronto dos fatos e sua discussão, à observação, à experimentação, como que especializa seu cérebro. Só as idéias científicas e todas elas, só o possível e o razoável podem encontrar alimento em seu espírito. O milagre, a teologia, a metafísica, a dialética e a autoridade nominal não encontram onde germinar.

O indivíduo educado no sistema autoritário, autoridade de pais, autoridade de mestres, habituado a não discutir costumes nem tradições, especializa também seu cérebro, mas em sentido absolutamente oposto. O dogmatismo, o milagre, a teologia lastram em seu cérebro com fecundidade dos cogumelos na madeira apodrecida, as idéias livres abortam porque não há campo para exuberante vegetação onde os lichens prosperam; e, se uma ou outra coisa consegue viver, tem de modificar-se de acordo com o meio e tão modificada fica que é difícil descobri-la. O bem e o mal, no que eles tem de acessível aos meios humanos, estão nas mãos dos educadores”.

**CASTRO, Tito Lívio de. “Novo meio, nova arte”. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913. (pp. 69-97)**

“Todos os séculos se encadeiam; nascem uns dos outros; o que vem é filho do que passou, com o qual tem muitos pontos de contato, do qual recebeu muitas idéias que, desenvolvidas, aperfeiçoadas, vão passar a outro. Todos os séculos herdam e legam. Quando são séculos felizes, empreendedores, o legado é maior que a herança. É o que vai se dar agora. [...] Quer-se chegar a saber o que será em geral, o que será o Brasil no século XX, estudado na mentalidade de seus habitantes. Quando passo em revista a sociedade brasileira com todo o seu maquinismo curioso, com sua monarquia constitucional, com sua religião romana, com seu braço escravo, com seus cemitérios católicos, etc., tenho naturalmente a inveja de alguém, cobiço algum lugar... Eu quero ser *zoilo*. Em perfeito estado de saúde, logicamente, ou no gozo do *livre arbítrio*, o que eu desejo é um lugar entre os *zoilos*. Quero pertencer ao batalhão desses ignorantes que investem contra os homens de mérito, mas que por seu eterno castigo só conseguem fazê-los mais salientes, mais gloriosos. É exatamente por isso. Estou certo que há nesse ubérrimo império enxames de gênios que só esperam o ataque dos invejosos para se meterem pela imortalidade a dentro, eu quero concorrer, ao menos indiretamente, para essa invasão. Sim. O que nós precisamos é de *zoilos*. No dia em que cada cidadão for um *zoilo* estará encetada essa grande época de progresso porque todos almejamos. Na minha posição de *zoilo* falarei sem metáforas.

O que será o Brasil no século XX? Pergunte-se à mocidade de hoje, essa que chamam de esperançosa, que dizem a promessa de um brilhante futuro para o país. A mocidade de hoje é filha dos homens de ontem; passou-lhe com o sangue um certo número de hábitos e idéias que não podem convir ao futuro si não forem modificadas pela educação, pelo meio. [...] Pelo sangue, pela educação e pelas idéias, essa mocidade nada representa de novo. É uma continuação do passado. É um elemento morto que se conserva no organismo da nossa sociedade, onde deve provocar perturbações contínuas e perigosas. No funcionalismo social tudo quanto não auxilia, estorva. Em vez, pois, de garantir um futuro glorioso, de ser a prova de que vamos garantir, entrou em nova fase, essa mocidade só pode garantir o *status quo*, esse estado de cousas que encontrou ao nascer, que acostumou-se a ver durante os longos anos de sua aprendizagem, que adotou, enfim, como causa própria, de onde espera tirar seus interesses. É verdade que há muitas exceções; há moços que representam mentalmente um princípio novo na nossa sociedade. São tão poucos, relativamente muito poucos, e não legitimam o título geral e auspicioso de mocidade esperançosa. São tão poucos que receiam futuras conseqüências e guardam para si o seu modo de pensar, não sentindo forças para abrir

luta contra tão grande maioria. [...] Não há nessa mocidade uma insurreição contra a situação atual, não há a idéia de luta contra o que está estabelecido; não há mesmo a consciência da pesada responsabilidade que pesa sobre seus ombros.

[...] O Brasil no século XX vai, por hereditariedade, sofrer os males do século XIX e o veículo mórbido é a mocidade de hoje. [...] A minha conclusão é que a mocidade nada tem de esperançosa; o país deve ver nela não a sua esperança, mas o seu desespero; e o Brasil do século XX vai ser o Brasil do século XIX, graças a esta mocidade. [...] Repito com algures: em nossa pequenez, tudo quanto tem mais de um palmo parece-nos gigantesco. [...] todo aquele que se ergue em oposição, que destoa dos hinos idolatras é em nossa opinião um *zoilo*. [...] Somos os chins da América: o elogio é o nosso ópio. Muitos moços que podiam produzir em outra atmosfera prostram-se ante meia dúzia de divindades e por elas moldam o pensamento. [...] O repouso, a quietação, a vida contemplativa é o que nos seduzem; si por acaso um rápido movimento se efetua, move-se sem propagar-se. Deveríamos ser um povo de artistas, mas a arte é o que menos conhecemos: as cousas exteriores impedem a manifestação da nossa natureza. Constituídos por três elementos bem distintos, anulamos a influência dos três; nem temos aquela firmeza de princípios que caracterizou o povo português, nem aquela destreza belicosa e arrogante independência do selvagem americano. O elemento único que parece manifestar-se é o africano, porque o homem das florestas da África, uma vez reduzido à escravidão, é submisso, satisfaz-se com o mais simples tratamento e acaba, se não o martirizam, amigo dos que o animalizam. Nós somos assim. No Brasil *tudo* é grande, menos o homem, disse um distinto viajante... e, no entanto, temos os elementos para tornarmos maiores do que *tudo*.

[...] É assim, encarando de perto a nossa sociedade, perscrutando-lhe os vícios ocultos, que se chega, a saber, sem dúvida alguma, qual o futuro próximo que está reservado a este país. Já ficou dito – o Brasil no século XX, na primeira metade ao menos, será o que é hoje – um colosso no mundo geográfico, um pigmeu no mundo intelectual. Sou um *zoilo*? Tanto melhor. Não há para mim maior patriotismo nem mais dignidade do que nas palavras dos *zoilos* que são como eu desejaria ser. Nessa espécie de *zoilos* o maior, o mais notável foi Copérnico, que fez-nos satélites quando nos julgávamos soberanos do mundo sideral. Ao lado de Copérnico há um *zoilo* feroz, implacável – Darwin. Não vá agora a mocidade vingar-se de mim, crendo com fina malícia que eu quero me fazer de Copérnico ou de Darwin... Eu quero fazer-me de *zoilo*”.

**CASTRO. Tito Lívio de. “O Brasil no século XX”. In: \_\_\_\_\_. *Questões e problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913. (pp. 103-110)**

## Quando...

---

“Nada mais influente depois das qualidades hereditárias, do que os princípios severos e inquebrantáveis da ciência. Um bom laboratório, um museu, falam mais ao espírito e com mais autoridade do que um código de moral. Em um país como o nosso onde as mais exuberantes florestas do mundo são admiradas e estudadas pelos botânicos estrangeiros, vindos aqui para aperfeiçoamento de seus estudos; onde a fauna riquíssima de atrativos só serve para as coleções dos zoologistas europeus; onde a população agrícola, que é quase toda, aplica ainda os processos quase pré-históricos, desconhecendo o que há na ciência que lhe aproveitaria; em um país onde camadas e camadas geológicas ricas naturalmente de documentos aguardam os geologistas e paleontologistas nacionais; onde tribos numerosas de selvagens estão à espera do glotólogo indigenista, do etnólogo e do sociologista; onde inúmeros vegetais de importância terapêutica reservam-se para os químicos para que nem todos sejam estudados no outro continente; num país onde muitas idéias científicas estão por aparecer, muitas investigações por iniciar; num país que não se conhece, há necessidade de se criar alguma coisa mais que uma cadeira de sânscrito em uma faculdade de letras. [...] Quando este povo tiver bastante noção de seu direito para não mais estraçalhar escravos protegidos pela autoridade da lei; quando este povo souber pela história natural o que é o homem e o que é a cor, para não admitir mais um código penal para os “homens” criminosos e outro para os “escravos” criminosos; quando este povo conhecer pela zoologia que as espécies do gênero humano têm mais parentesco uma com as outras que com qualquer espécie fora do gênero, para não mais declarar-se “protetor dos animais”, sem ter protegido todos os homens; quando este povo pelos conhecimentos que possuir souber avaliar o trabalho imenso de alguns homens de ciência que lutam para inscrever o nome do Brasil entre os dos países adiantados... então, sim. Será ocasião do governo cuidar do orientalismo e da faculdade de letras; mas verá com surpresa tudo já feito, porque se o nosso povo chegar a possuir uma tal vitalidade, ela se manifestará, sem auxílio mesmo, na literatura e em todos os pontos em que se possa exercer... até mesmo no sânscrito”. (sic)

**CASTRO, Tito Lívio de. “A propósito da projetada reforma da instrução”. In: \_\_\_\_.** *Questões e problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913. (pp. 131-136)



## Povos mestiços

---

Os caracteres realmente existem. Mas como determiná-los com precisão? Como proceder em um caso particular, diante de uma obra de arte e de um artista para determinar a íntima e profunda relação entre o produtor e o produto de um lado, e a raça ou o povo de outro? Se a psicologia dos povos estivesse constituída desde o mais remoto passado até nossos dias, a dificuldade não existiria. Mas, longe disso, na grande maioria dos casos a psicologia dos povos e dos indivíduos marcham paralelamente.

[...] Seria preciso estabelecer em primeiro lugar o tipo físico das raças, fixar depois os principais traços de sua psicologia e então, diante do caso particular, raciocinar por este modo: o grupo étnico a que pertence tal artista ou povo, complexo de grupos étnicos, a que filia-se tal artista, caracteriza-se por tais e tais notações psicológicas. O artista revelado pela obra caracteriza-se por essas mesmas notações e mais outras: as primeiras são o laço que prende a raça, as últimas são os motivos de sua individualidade, a sua *aquisição pessoal*, o porque ele é *ele* e não *outro*.

Mas onde o meio de delimitar as raças? Um povo qualquer que ele seja, civilizado, submetido às vicissitudes políticas e belicosas, às migrações, lentas ou bruscas, é um produto extremamente complicado de muitas raças. Uma raça, qualquer que ela seja, examinada de perto desagrega-se em muitas, deixa ver irrecusáveis provas de cruzamento. As denominações de povo francês, inglês, alemão, espanhol, italiano, etc., não correspondem a uma base étnica. O mesmo acontece com os povos antigos. Não está dita a última palavra sobre o povo grego nem romano e já se pode afirmar o cruzamento, a multiplicidade onde parecia existir a unidade.

Se dos povos passa-se às grandes famílias a dificuldade persiste. A civilização européia que parecia o tipo da civilização ariana, não o pode ser, porque antes dos árias já existia aí muitas civilizações locais. [...] Se intenta-se agrupar os grupos pelas normas da antropologia a dificuldade persiste ainda porque as normas de criação, próprias ou tomadas de empréstimo às ciências correlatas, não satisfazem.

A cor, o cabelo, não deram resultado. A conformação da face, mais fixa, é insuficiente; aí estão prognatas e ortognatas fundidas no mais remoto passado. A conformação craniana, que parecia decidir a questão, caiu com as descobertas de Broca e, quando são, bastasse a mescla de braquicéfalos e doliocéfalos na população européia, aqui estaria a América para confundir.

Classificações tomadas de empréstimo à glotologia, à etnografia, à mitologia, nenhuma delas permite a delimitação das raças. A nova classificação pelos ‘tipos’, mais descritiva, mais rigorosa e mais claramente transitória, podia preencher a lacuna existente, mas ainda hoje não está completa; não pode prestar auxílios de que ela própria carece. [...]

A sociedade, um povo, não é uniforme. Os indivíduos não têm todos o mesmo horizonte, porque não pisam todos o mesmo nível. Por toda a superfície do planeta a humanidade está em movimento e esse movimento é uma ascensão. Há homens em todos os níveis, nos mais profundos vales e em meio das mais altas montanhas. Os mais próximos não são os que ocupam pontos contíguos em uma mesma zona geográfica, são os que ocupam a mesma altitude. (sic)

**CASTRO, Tito Lívio de. “La Critique Scientifique, de Emile Hennequin”. In: \_\_\_\_.** *Questões e problemas*. São Paulo: Empresa de Propaganda Literária Luso-Brasileira, 1913. (pp. 165-178)

# A N E X O I I

Jornal O Estado de São Paulo 19/06/1890



Detalhe do Frontispício do livro *A mulher e a sociogenia* - s/d

TITO LÍVIO DE CASTRO



Lívio de Castro aparece representado em meio a livros, símbolos e instrumentos de pesquisa científica. O crânio, além de remeter à medicina e dizer sobre ciências como a craniologia – muito utilizada por ele – lembra-nos, também, da efemeridade de sua vida, enaltecida, nesta representação, pelas folhas de louro.

(Tito Lívio de Castro - Xilogravura de J. Boas - s/d - Acervo do Arquivo Histórico do Museu Imperial. Doação de Vasco M. de Azevedo Lima)



703

Aos vinte e sete dias do mês de Fevereiro de mil oitocentos e setenta e sete matriculou-se no Internato do Imperial Colle

gio de Pedro 2.º no 2.º anno, como alumno de 1.ª classe e gratuito por Aviso de 8 de Fevereiro de 1877, Tito Livio de Castro, nascido no Rio de Janeiro a 22 de Janeiro de 1864, e filho de paes incognitos.

704

Aos vinte e sete dias do mês de Fevereiro de mil oitocentos e setenta e sete matriculou-se no Internato do Imperial Collegio de Pedro 2.º no 2.º anno, como alumno de 1.ª classe Thomas Coelho de Almeida, filho legitimo do Dr. Francisco José Coelho de Almeida nascido no Rio de Janeiro a 29 de Maio de 1864.

705

Aos vinte e sete dias do mês de Fevereiro de mil oitocentos e setenta e sete matriculou-se no Internato do Imperial Collegio de Pedro 2.º no 2.º anno, como alumno de 1.ª classe Thomas Coelho de Almeida, filho legitimo do Dr. Francisco José Coelho de Almeida nascido no Rio de Janeiro a 29 de Maio de 1864.



**“Aos vinte e sete dias do mês de Fevereiro de mil oitocentos e setenta e sete matriculou-se no internato do Imperial Collegio de Pedro 2.º. No 2.º. Anno, como alumno de 1.ª. Classe e gratuito por Aviso de 8 de Fevereiro de 1877, Tito Livio de Castro, nascido no Rio de Janeiro a 22 de Janeiro de 1864, e filho de paes incognitos”. (sic)**

(Livro de Matriculas do Internato do Colégio Pedro II (N.2) 1858 a 1880. Termo 703)

999 m. 2  
PP/1

# DISSERTAÇÃO

Cadeira de Clinica Psychiatrica

PONTO 6º

DAS ALLUCINAÇÕES E ILLUSÕES

PROPOSIÇÕES:

TRES SOBRE CADA UMA DAS CADEIRAS DA FACULDADE

# THESE

APRESENTADA A'

Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Em 30 de Setembro de 1889

PARA SER SUSTENTADA POR

**Tito Livio de Castro**

NATURAL DO RIO DE JANEIRO

AFIM DE OBTER O GRAU DE DOUTOR EM MEDICINA

RIO DE JANEIRO

IMPRESA MONT'ALVERNE, RUA DA URUGUAYANA 43

1889

Esta these está conforme os Estatutos.

Rio, 9 de Outubro de 1889.

JOSÉ FERREIRA GUIMARÃES.  
DR. HENRIQUE L. DE SOUZA LOPES.  
DR. AUGUSTO BRANDÃO.

Capa da Tese *Das Allucinações e Illusões* (09/10/1889)

(Acervo do Banco de Teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro/UFRJ )

DIRECTOR POLITICO: F. RANGEL PESTANA | São Paulo—Quinta-feira, 19 de Junho de 1890 | ADMINISTRADOR: HIPOLYTO DA SILVA

## HOMENAGEM A' MEMORIA DE LIVIO DE CASTRO

### LIVIO DE CASTRO

Um dos grandes nomes da literatura brasileira, Livio de Castro deixou-nos um legado de obras que continuam a inspirar e a desafiar os leitores de hoje. Sua obra é marcada por uma profunda reflexão sobre a sociedade e a condição humana.

Em sua obra, Livio de Castro aborda temas como a luta pela liberdade, a crítica social e a busca por uma identidade nacional. Seus personagens são complexos e profundamente humanos, refletindo as angústias e as esperanças de uma geração em busca de progresso e justiça.



Tito Livio de Castro

Seu estilo de escrita é claro e direto, com uma linguagem que combina a precisão da prosa com a força da poesia. Livio de Castro é um autor que não apenas descreve a realidade, mas também a transforma em arte.

Este livro é uma homenagem à memória de Livio de Castro, apresentando uma seleção de suas obras mais importantes. É uma leitura essencial para quem deseja compreender a literatura brasileira e o pensamento de um dos seus maiores expoentes.

### Tito Livio de Castro

Este passado livre da molestia moderna — a affectação e a pose... Tão humilde fóra a sua origem, tão amargurada a luta de sua vida, e tão delicada e inteiriça a trama de sua indole, que o pensamento, abafando todas as suggestões do mesquinho meio que o cercava, attingiu nelle as proporções de um despota implacavel e superior, que veio a predominar sobre todos os mais impulsos de sua grande alma.

Em paga o sublime dictador collocou-o em o mais alto posto que já foi dado galgar por um cerebro brasileiro. Jovem sábio de 25 annos! — deixa que ao ruído de tua gloria pura e brilhante, quanto o possam ser as dos mais dignos, chegue tambem o quasi apagado echo da palavra de quem te ousa proclamar o mais distincto, o mais eminente de todos os moços de nossa geração...

Sylvio Romero

### LIVIO DE CASTRO

Um dos grandes nomes da literatura brasileira, Livio de Castro deixou-nos um legado de obras que continuam a inspirar e a desafiar os leitores de hoje.

Em sua obra, Livio de Castro aborda temas como a luta pela liberdade, a crítica social e a busca por uma identidade nacional. Seus personagens são complexos e profundamente humanos.

Seu estilo de escrita é claro e direto, com uma linguagem que combina a precisão da prosa com a força da poesia. Livio de Castro é um autor que não apenas descreve a realidade, mas também a transforma em arte.

Este livro é uma homenagem à memória de Livio de Castro, apresentando uma seleção de suas obras mais importantes. É uma leitura essencial para quem deseja compreender a literatura brasileira.

**Tito Livio de Castro**  
Este passado livre da molestia moderna - a affectação e a pose... Tão humilde fóra a sua origem, tão amargurada a luta de sua vida, e tão delicada e inteiriça a trama de sua indole, que o pensamento abafando todas as suggestões do mesquinho meio que o cercava, attingiu nelle as proporções de um despota implacavel e superior, que veio a predominar sobre todos os mais impulsos de sua grande alma.

Em paga o sublime dictador collocou-o em mais alto posto que já foi dado galgar por um cerebro brasileiro.

Jovem sábio de 26 annos! — deixa que ao ruído de tua gloria pura e brilhante, quanto o possam ser os mais dignos, chegue tambem o quasi apagado echo da palavra de quem te ousa proclamar o mais distincto, o mais eminente de todos os moços de nossa geração... (sic)

Sylvio Romero



servado pelo simples e  
bom senso. É do espirito  
da alma, da visualidade  
interior e subjectiva do  
sentir nacional que  
se afigura d'aqueles  
diplomatistas das letras,  
o descriptor nacional  
apparecido pouco antes  
de Euclides da Cunha, mas per-  
tencente ao mesmo  
cyclo historico, e que a  
elle se pode equipara-  
r, e Livio de  
Castro. São as

9  
Quas grandezas maiores  
do talento brasileiro de  
seu tempo. Livio de  
Castro deixou, como o  
outro, quatro livros: A Mu-  
lher e a Sociogenia, Allu-  
cinação e Illusões, Ques-  
tões e Problemas, Velhos e  
Novos. - Excede o auctor d'Os Sertões  
~~[de Persia versus Bolivia, Contrastes e Confrontos,~~  
~~A margem da História (?)]~~  
na força pensamento e no real saber  
scientifico. - O seu  
circulo se lhe avanta  
no estylo, no fulgor da  
forma. - A Mulher e a

“O escritor nacional apparecido pouco antes de Euclides da Cunha, mas pertencente ao mesmo cyclo historico, e que a elle se pode equiparar é Livio de Castro. São as duas grandezas maiores do talento brasileiro no seu tempo. Livio de Castro deixou, como o outro, quatro livros: A Mulher e a Sociogenia, Allucinações e Illusões, Questões e Problemas, Velhos e Novos. Excede o auctor d'Os Sertões [de Pérsia versus Bolívia, Contrastes e Confrontos, A margem da História (?)] na força pensamento e no real saber científico. O seu círculo se avanta no estylo, nas fulguras da forma. [...]” (sic)

(Sílvio Romero. “Euclides da Cunha”. s/d. p. 8-9. [Manuscrito] Acervo do Arquivo Histórico da Academia Brasileira de Letras - Fundo Pessoal Sílvio Romero)

Foto: Nathália Romfimi



**Placa da Rua Tito Lívio de Castro  
Moneró, Ilha do Governador, Rio de Janeiro (RJ)**

Janeiro/2008

**UFMG**  
**2008**